

23
Luzia

R. D. O.

14350

160,00

**Teses da Existência
e Inexistência de Deus**

**EDITORA E
DISTRIBUIDORA**



"SAGITARIO"

Cx. Postal, 500 - S. Paulo

COLEÇÃO

"PERSPECTIVAS"

III

CHARLES DUCLOS

**Teses da Existência
e Inexistência de Deus**

Tradução de
NICOLAU BRUNO

Índice

Introdução	7
Alma, absoluto, Deus, teísmo e ateísmo	11
Diálogo entre um teísta e um ateu	23
TESES DA EXISTÊNCIA DE DEUS....	27
Universalidade de uma idéia	29
Provas de Deus	31
Melebranche fala de Deus	33
O argumento de Locke	37
O argumento de Descartes	39
Um homem de ciência confessa sua fé	42
Uma antiga controvérsia	43
Velhas disputas renovadas	44
Erro de alguns cientistas	45
Nenhum conflito verdadeiro	45
O testemunho de Pasteur	47
Uma nuvem de testemunhas	47
Agostinho e João Wesley	48
Tarefas separadas de Ciência e Religião	50
O Cristianismo vital, intacto	51
O Desenvolvimento no Antigo Testamento	52
Todos os homens que pensam são crentes	53
Não é necessário um acôrdo	54
Duas grandes influências na História	55
Deus e a Evolução	56
Os homens crêem num "Plano do Mundo"	57
O universo: um Grande Pensamento ..	59

Existência de Deus, segundo Balmes	65
Fala um hinduista	77
Deus desconhecido	83
TESES DA INEXISTÊNCIA DE DEUS ..	85
A idéia naturalista de Deus	87
Deus criou?	93
Deus, espírito ativo	95
Deus imutável!	97
Por que Deus criou o mundo?	98
Deus como causa	100
Deus perfeição	101
Os mistérios de Deus	102
É o Universo um efeito?	104
Quem dirige o mundo?	106
Quantos deuses existem?	106
Deus é infinitamente bom?	108
O problema do mal	111
Da confusão e da contradição das idéias teológicas	113
Exame das provas da existência de Deus dadas por Clarke	133
Os argumentos de Descartes, Malebran- che e Newton	145
A responsabilidade humana	151

Introdução

Há séculos polemizam os homens sobre a existência ou não de Deus, sobre a essência, sobre os atributos da divindade. A longa luta entre os que o afirmam e os que o negam, não terminou ainda. Se a afirmação da idéia de Deus tem perdurado mais tempo e tem predominado em todas as camadas humanas, a refutação da idéia de Deus tem sido, entretanto, continua, teimosa, exigente, incansável.

Neste livro procuramos pôr frente a frente as razões de ambos os contendores julgadas por nós as mais ponderáveis. A polêmica travada entre um teísta e um ateu é de todos os dias e pertence a todos os países. Para a compreensão das teses que neste livro se debatem, iniciamos com os tópicos mais importantes do vocabulário filosófico referentes a este tema eterno e universal, a fim de facilitar a melhor compreensão do leitor nem sempre afeito aos pormenores dessa polêmica.

Após esses verbetes, iniciamos o primeiro diálogo entre um teísta e um ateu. Em seguida as razões do primeiro, e, depois, os argumentos do segundo. Procuramos, tanto quanto nos foi possível, ser imparciais e deixar ao leitor a escolha do caminho que melhor julgar acertado.

Se realmente atingimos este ponto — como foi o nosso desejo — ficamos satisfeitos de ter alcançado o nosso objetivo: oferecer, no âmbito diminuto de um livro, os aspectos diversos dessa apaixonante polêmica que hoje talvez mais do que em qualquer outra época, atinge uma importância transcendental.

O AUTOR

Alma, absoluto, Deus, teísmo
e ateísmo

ALMA — A noção da alma desenvolveu-se diretamente do que existe como representação primitiva em certos estados étnicos, que verificamos também nos gregos: a crença amplamente exemplificada em Homero, de que o homem possui um “duplo”, uma sombra da sua existência corporal, a psique. Esta foi representada como distinta e como separável do corpo, sem entretanto ser concebida como uma realidade superior; foi antes um sôpro que deu a vida (cf. Também o livro da “Gênesis” diz que Deus insuflou a vida em Adão) um outro corpo mais fino e sutil, que não se podia pegar com as mãos (Odisséia, 11, 207), que no sono temporariamente se podia separar do homem e em sonhos até aparecer e colocar-se diante dêle e que, na morte, deixa o corpo definitivamente pela bôca ou por um ferimento (Ilias 16, 505) para continuar, em um lugar destinado às sombras humanas, uma existência triste que não se pode mais chamar de vida. Dotadas de mais substancialidades e até de fôrça ativa aparecem as almas dos mortos que foram objeto de veneração e de culto por parte dos seus descendentes. Entre os romanos achamos essa crença muito pronunciada, na influência dos manes (originalmente dos “bons”, de um adjetivo antigo “manus”, bom), das almas dos mortos, que se acham com os deuses do inferno.

No culto de Dionisios, introduzido da Trácia, a alma ganha uma posição mais independente do corpo e uma valoração superior àquela. Ali a inclusão da alma no corpo toma o aspecto de um castigo. A mansão própria da alma não é o Hades, mas um mundo superior às estrêlas. A volta a êste mundo divino é o objetivo da alma e, portanto, o objetivo do homem, do qual a alma forma só a parte superior. No êxtase efetuado pela música sagrada ou pelo jejum, a alma separa-se temporariamente do corpo, reunindo-se a Deus, e tornando-se inspirada por êle.

Aqui aparece um dualismo muito pronunciado entre corpo e alma, que porém, é antes ético que metafísico.

Enquanto a experiência ética já se tinha elevado a êste ponto, a filosofia natural não distinguiu geralmente a psique do cosmos. Em Anaxágoras a psique faz parte do nous, que move o universo, antecipando com isso um ponto

de vista que considera a psique não só em relação ou oposição ao corpo, mas também ao espírito.

Os pitagóricos, em parte, procuraram estabelecer um acôrdo entre a psique e as realidades cosmológicas, concebendo aquela como a "harmonia do elemento corpóreo". Porém, êsse papel meramente funcional não está de acôrdo com o fato da substancialidade da alma, indispensável pressuposição da crença pitagórica na transmigração da alma.

As diferentes atribuições da alma, enquanto constituem valorações positivas, foram reunidas e interpretadas plausivelmente por Platão. Segundo êle a psique move a si mesma, é imortal e congênita aos deuses. Afirmava êle permanecer na visão pura das idéias eternas que contrastam com a corruptibilidade do mundo visível e, ainda cônica daquele mundo absoluto do ser verdadeiro, a vida ligada ao corpo significa, para êle, uma existência inferior. Para Aristóteles a psique é o princípio ativo do movimento e da vida, a forma do corpo e a entelequia como o princípio peculiar de ordem dos elementos corpóreos. Conforme as diferentes manifestações da atividade da alma, distingue uma alma vegetativa, animal e racional e essas não podem ser separadas do corpo.

Uma parte está dentro da alma racional, porém outra vem de fora e sobrevive à existência corpórea, o "nous ativo".

A existência de um princípio independente do corpo tornava-se uma hipótese necessária, pois até os estóicos se viram na contingência de admitir um "pneuma" como intermediário entre a psique e o corpo. Paralelamente se desenvolveram outras teorias mais naturalistas que se dedicaram em primeiro lugar ao problema da localização da alma e das suas diferentes partes, quer no cérebro, quer em outros órgãos do corpo humano.

Contrariamente à acepção do "pneuma" entre os estóicos, a doutrina do Apóstolo Paulo, como a teologia judaico-alexandrina (Filon e outros neoplatônicos), coloca a pneuma acima da psique, porque é o sôpro divino, aproximando-se assim o pneuma à concepção moderna do "espírito", que é menos fisiológico e mais éticamente puro do que a "psique".

O pneuma paulino é o "agionpneuma", o "espírito santo", que simultaneamente é o próprio Deus e habita na alma do homem.

Este pneuma se identifica com o logos e o nous e se opõe, por ser mais universal e superindividual, à psique sempre essencialmente destinada a um corpo. A psique é, portanto, individual, mas, por isso, o problema da substancialidade e conseqüentemente da sobrevivência, prende-se sempre à "psique" e não ao "espírito".

A divisão da natureza humana em corpo, psique e pneuma (tricotomia), encontrou defensores em nossos dias.

Os escolásticos quando trataram da alma sob a ângulo filosófico, deram mais relêvo à concepção aristotélica como forma do corpo, não sem certas dificuldades na questão da existência da forma separada do corpo. Não desertar da substancialidade da alma foi dictame que lhes veio da teologia, para não pôr em perigo a doutrina da imortalidade da alma humana individual. Aristóteles, porém, com pronunciadas tendências de naturalista, em sua psicologia se baseava principalmente em fatos de observação e não tinha nenhum preconceito em favor da substancialidade da alma.

A questão fica aberta: Como tratar o problema da substancialidade da alma com meios puramente filosóficos?

Foi Kant quem respondeu a essa pergunta: "Na idéia da alma humana do "eu", está fundada a psicologia racional. Ela demonstra eternamente que é simples (não constituída de partes) e que é individual, um "eu". Em verdade, porém, pela experiência, só sabemos que existe a "unidade transcendental da consciência", porque se não fôsse assim, seria impossível a experiência. Porém, o homem não pode saber se realmente existe tal "portador" da unidade transcendental, se é matéria ou espírito, que lhe ocorre quando concluiu o processo da experiência (quer dizer, depois da morte)".

Se, então, não podemos saber nada a respeito da substancialidade da alma, podemos — ainda segundo Kant — pelo menos saber de onde veio essa idéia parar em nossa representação: Alma, Mundo e Deus não são mais que idéias da razão pura, produzidas sobre a mesma base e com o mesmo fim como as demais idéias da razão. Todos os fatos da experiência externa são abarcados por uma idéia: Mundo. Todos os fatos da experiência interna, psíquica, são compreendidos em uma idéia: Alma. E, aplicando a razão, as categorias de substância, causa e necessidade a essas duas esferas da experiência, surge a idéia de Deus.

A filosofia moderna é caracterizada por uma aversão quase unânime à teoria da substancialidade, e chega assim a conceber a alma como o conjunto das suas propriedades ou como no caso da "teoria da Atualidade", como a mera soma das suas atividades conscientes.

Com as teorias da "não-substancialidade" também o conceito de "almas coletivas" perde seu caráter análogo e metafórico e pode ser erigido com pleno direito ao lado da alma individual. A aceitação, porém, de uma alma coletiva significa pouco se ela não passar de mera soma das atualizações dos indivíduos que fazem parte da respectiva coletividade. Todavia, foi O. Spann quem atribuiu à alma coletiva um valor independente pela observação de que o pensar, o querer, o amar, o odiar, "em companhia", é produtivo, quer dizer que a atividade de uma alma coletiva é capaz de criar valores que não se pode esperar da atividade individual. Essa idéia funda uma nova subjetividade coletiva, que, porém, não é substancialidade.

ALMA DO MUNDO — Conceito que se encontra já em Platão e Aristóteles, e que significa um princípio unificador que desempenha no mundo inteiro o mesmo papel que a alma individual no homem. Schelling define-a como "o que sustenta a continuidade do mundo inorgânico e orgânico e une toda a natureza num organismo universal". Ela é às vezes considerada como Deus ou como intermediária entre Deus e o mundo visível.

ALMA PENSAnte — Segundo Aristóteles, a alma ou aquela parte da alma que é o princípio do pensamento.

ALMA SENSITIVA — Segundo Aristóteles, a alma ou a parte da alma, que é o princípio da sensação e da sensibilidade até naqueles seres que carecem da razão.

ALMA SENSÍVEL — A "anima sensibilis" ou "spiritus vitalis" de Bacon; uma substância material e sutil que temos em comum com os animais e que é o princípio da vitalidade.

ALMA VEGETATIVA — Segundo Aristóteles, a alma ou a parte da alma que produz a nutrição, o crescimento, a reprodução e o declínio dos seres vivos, até daqueles que não estão dotados de sensação e sensibilidade.

ABSOLUTO — "Absolutum" significa o que é livre e sem nexos; é *to apoluton* dos gregos do Baixo Império, quer dizer, o que está isento de relação, limitação, condição ou dependência.

Absoluto se opõe a Relativo em todas as acepções desta palavra. Diz-se 1.º do Ser, 2.º dos atributos.

1.º **Ser absoluto** significa o que existe em si e por si. Sobre este particular, incorre-se freqüentemente numa confusão. O Ser absoluto pode entender-se de duas maneiras:

a) O Ser que não tem relação com nenhum outro. Neste sentido, o Ser absoluto não consegue ser causa, já que a causa não é causa senão pela relação com seu efeito. Poder-se-ia deduzir daí que o Ser absoluto é o único, e este é o raciocínio de todos os monistas (Parmênides, Spinoza); a menos que não se considere este raciocínio como uma redução ao absurdo, e que não conclua que o Ser absoluto é ininteligível, quer dizer: ou que não existe (relativismo, fenomenismo), ou então que é incognoscível (agnosticismo).

b) O Ser que, para ser, não tem necessidade de nenhum outro, que não existe por uma relação com outro, mas que pode muito bem ter relações com outros. Semelhante Ser pode ser causa: é causa primeira. E, por sua parte, independente, mas outros dependem d'ele.

2.º **Absoluto** diz-se também dos atributos. Neste sentido, os Cartesianos e Cousins não parecem fazer nenhuma distinção entre Absoluto e Infinito. Hamilton, ao contrário, faz do Absoluto e do Infinito duas espécies antitéticas do gênero incondicionado: o Infinito é o incondicionalmente ilimitado; o Absoluto é o incondicionalmente limitado.

Se a aplicamos a uma coisa que, por si, é uma determinação, a idéia de Absoluto exclui a idéia de Infinito, é *to olon, to telion* de Aristóteles. Uma água é absolutamente pura, não infinitamente pura (Stuart Mill); concebe-se uma justiça absoluta uma proposição absolutamente verdadeira, uma demonstração absolutamente convincente, mas não uma justiça infinita, uma verdade infinita, uma prova infinita. Se, pelo contrário, a aplicamos a uma coisa que não envolve necessariamente a idéia de limite, a idéia de Absoluto não se opõe já à idéia do Infinito: a potência absoluta é a potência suprema, a potência sem limite, a potência infinita" (Goblot).

DEUS — Deus é o Ser Supremo pelo qual o homem busca a explicação do universo em parte ou no todo e pelo qual procura responder às perguntas mais eternas que o agitam.

É concebido, porém, sob diversos aspectos:

1.º) ontologicamente, como “princípio supremo da existência e da atividade universal” (Lalande). “É assim que a última razão das coisas deve estar numa Substância necessária, na qual o pormenor das mutações não seja senão eminentemente, como em sua fonte; e é o que chamamos de Deus” (Leibnitz).

Nêste aspecto Spinoza vê como substância imanente dos sêres.

O Concílio de Nicéia vê como causa transcendente que cria o mundo fora de si mesmo e Aristóteles como o fim do universo, o motor imóvel.

Vacherot, citado por Lalande, resume essas opiniões nestas: “Deus é o ser dos sêres, a causa das causas, o fim dos fins: eis como é êle o verdadeiro Absoluto”.

2.º) logicamente: “Princípio supremo da ordem no mundo, da razão no homem e da correspondência entre o pensamento e as coisas” (Lalande).

3.º) religiosamente: “Ser pessoal, superior à humanidade, que dá ordens e faz promessas, e ao qual são dirigidas preces” (Lalande).

4.º) moralmente: “Um ser pessoal tal que por sua inteligência e vontade é o princípio e a garantia da moralidade” (Lalande). Assim tôda boa ação do homem receberá uma recompensa, tôda ação má, um castigo.

O homem bom será aquêle que imita a seu Deus e cumpre os seus mandamentos. Em suma, todos êsses aspectos da idéia de Deus se coordenam e se incluem uns nos outros.

Assim Deus é visto como transcendência, isto é, como uma substância distinta do mundo e a êste superior ou imanente, como o vê Spinoza, isto é, substancialmente idêntico ao mundo (panteísmo). Deus é uno, enquanto o mundo é uma soma de elementos múltiplos. Deus é a *natura naturans* e o mundo a *natura naturata*. Em suma: Deus é o Ser que constitui o princípio de unidade do universo. E Goblot acrescenta: “O ateísmo consistiria em dizer que

não há nenhum princípio de unidade do universo, ou que êste princípio não é um ser, mas uma abstração”.

TEISMO — É o nome que se dá geralmente à crença em Deus, quer como criador, quer como dirigente do universo. Devemos distinguir o deísmo do teísmo. Para o deísmo, fundado nas bases da religião natural racional defendida por Herbert de Cherbury, Deus é o criador da harmonia e maravilha do universo, mas é excluído da vida espiritual e histórica do homem que vive submerso no mal e no pecado. Para o teísmo, Deus é o criador e o supremo dirigente do mundo, no qual a existência do mal está sempre justificada. Na concepção teísta, Deus é pessoa, enquanto no deísmo a divindade é mais uma vivência íntima, um sentimento pessoal. Apesar da luta que sempre existiu entre essas duas concepções, vemos na história que elas muitas vezes se interpenetraram e coincidiram até.

ATEÍSMO — Convém distinguir entre

- 1) um estado de ateísmo (psicológico e sociológico),
- 2) a doutrina do ateísmo e
- 3) a conduta prática que mais ou menos se apóia nessa doutrina:

a) O primeiro tópico versa sobre a questão já expressamente tratada por Heródoto, se há povos ou tribos que não praticam um culto ou veneração aos deuses ou a um deus;

b) A doutrina do ateísmo pode defini-se só verbalmente como a negação da existência de Deus. A significação filosófica, porém, das teorias que se colocam sob êste título varia conforme os diversos modos pelos quais os termos Deus e existência são concebidos. O que para um é uma afirmação da divindade, é ateísmo para outro. Segundo Renouvier: “A teologia (enquanto defende a teoria de um ser que ao mesmo tempo é o Absoluto e uma pessoa moral) evapora-se ante a crítica, cujo nome mais apropriado a êste respeito, seria ateísmo, se esta palavra limitada ao domínio da ciência pura, não excluísse qualquer crença legítima, e não servisse como nome de doutrinas tão pouco fundadas como aquelas que pretende desacreditar”;

c) Mas o ateísmo declarado aplica-se quase sempre ao materialismo; e o panteísta, por seu lado, protesta quando o chamam de ateísta. O ateísmo em relação ao pensamento filosófico como tal é caracterizado por Francis Bacon da seguinte maneira: "É certo e comprovado pela experiência que pequenos goles na filosofia talvez conduzam ao ateísmo, porém sorvos mais profundos mostram o caminho da religião". — O ateísmo foi caracterizado, não em seu conteúdo doutrinário (aliás muito diversificado) mas em seus preâmbulos psicológicos como a doutrina dos que não sentem o impulso de remontar à senda da causalidade, e que são pouco familiares com as explicações regressivas. A mesma circunstância parece visar Pascal quando diz que "o ateísmo é sinal de força de espírito, mas somente até certo grau".

Se se oferece o ateísmo assim psicologicamente condicionado já damos meio passo para compreendê-lo, como uma conduta prática, a atitude dos que vivem como se Deus não existisse, evidentemente visada por Bossuet: "Há um ateísmo recôndito em todos os corações e que se estende sobre todas as ações: nada se espera de Deus". Os dois aspectos do ateísmo, o teórico e o prático, na vida, tendem a penetrar-se mutuamente. Na teoria há tendências mais assinaláveis a separá-los. Assim, pela "crítica da razão pura", Kant chega não à negação formal da existência de Deus, mas à declaração da invalidez de todas as provas que foram alegadas como demonstração da existência de Deus, e à proclamação da incompetência peremptória da razão teórica a estabelecer tais provas. Por outro lado, a razão prática, que regula a conduta humana, exige com todo o rigor a idéia de Deus, e não só como idéia mas como existente; um postulado indispensável de razão prática. Aqui, em Kant, Deus aparece como o que não se pode provar, mas em todo caso deve existir. Desde que Nisolaí Hartman desenvolveu a sua "Ética", também se manifesta o ponto de vista oposto: um "ateísmo postulativo", que admite talvez haja um modo de provar teoricamente algo a favor de Deus, seja essa magnitude racional ou irracional, teísta ou panteísta, mas essa demonstração não tem nenhum valor. A razão prática exige a não-existência de Deus, que para a vida humana a sua existência é extremamente indesejável, e isto não por motivos libertinistas mas em nome da moral.

Não deve existir um Deus que sirva ao homem de escudo para justificar a sua falta de responsabilidade, que sirva de sanção para uma "missão" que o homem atribui a si próprio ou que, em suma, dê um "sentido" à existência humana. Só em um mundo de necessidades mecânicas há lugar para um ser moral livre, em um mundo criado por uma divindade, segundo um plano, o homem fica anulado como pessoa moral.

O comodismo de atribuir a um Deus a "providência" é amoral.

Diálogo entre um teísta
e um ateu

TEÍSTA — Então você não crê em Deus?

ATEU — Não creio e nego em absoluto a sua existência.

TEÍSTA — Não se ofenderia se eu lhe perguntasse por que?

ATEU — Por que me ofenderia? Além disso não tenho vergonha da minha convicção nem vejo nada de deprimente nela. Tenho minhas razões que foram resultado de longos estudos e de longas meditações...

TEÍSTA — Também por longos estudos e longas meditações cheguei a compreender que Deus é uma verdade.

ATEU — Eu já passei por esta fase.

TEÍSTA — Pois também eu: A princípio, quando criança, acreditei em Deus. Depois através de “longos estudos e longas meditações” concluí que essa idéia era um preconceito da humanidade ignorante. E tornei-me ateu. Mas, com o decorrer do tempo, e prosseguindo meus “longos estudos e minhas longas meditações”, tornei a acreditar num Ser Supremo, autor de tôdas as coisas, senhor absoluto do universo.

ATEU — Então retrocedeu?

TEÍSTA — Para você pode ser um retrocesso. Não o foi para mim. Se antes, quando jovem, acreditava Nêle sem O compreender, hoje creio Nêle porque o compreendo.

ATEU — Perdoe-me as minhas palavras, mas garanto-lhe que não encontrei nenhuma demonstração robusta que me provasse a existência de Deus. Tôdas me foram e me são fáceis de destruir. E teria muito prazer que você me expusesse suas razões e, depois, me permitisse apresentar as minhas refutações. E prometo-lhe, desde já, ser respeitoso e apresentá-las com o mesmo tom e a mesma dignidade que você emprestar às suas razões. Aceita?

TEÍSTA — Aceito.

ATEU — Então tem o amigo a palavra e desenvolva as suas opiniões.

TEÍSTA — Iniciarei por apresentar não prôpriamente as minhas palavras mas as daqueles que souberam coligir todos os argumentos

que provam a existência de Deus. Terei de ler algumas páginas, se isso não lhe fôr cansativo.

ATEU — Absolutamente. Pode ler tudo quanto quiser e não se preocupe com o tempo, pois tenho imenso prazer de travar uma bela discussão sôbre este tema tão apaixonante. Pode abrir os seus livros e eu tomarei as minhas notas para responder, depois, às razões que me apresentar.

TEISTA — Pois, meu amigo, antes de tudo, declaro-lhe que creio em Deus. E para provar-lhe a sua existência iniciarei com os mais antigos e mais ponderáveis argumentos.

TESES
DA
EXISTÊNCIA DE DEUS

U n i v e r s a l i d a d e d e u m a i d é i a

“Antes de tudo devo comprovar que a idéia de Deus é um fato universal.

Desde os povos mais atrasados até os mais adiantados, em tôdas as épocas da história e antes até da história, o homem sentiu a necessidade de afirmar a existência de um ser supremo que fôsse o criador de tôdas as coisas, que fôsse o organizador do universo, a quem se submetia, a quem devia obedecer, amar, temer, admirar. Não porá nenhum ateu em dúvidas esta verdade universal: os homens em todos os tempos acreditaram na existência de um ser superior ao homem, organizador e criador do universo, um ser todo-poderoso. Esta verdade é uma das provas mais robustas em favor da idéia de Deus.

Povos que viveram absolutamente isolados, em ilhas perdidas nos oceanos, que passaram milênios e milênios afastados de seus semelhantes, sem nada saber da existência de outros povos nem de outras terras, nada conhecendo de seus costumes nem de suas crenças, desconhecendo a história e a vida de outras comunidades humanas, creram e crêem em Deus. E assim em cada recanto do globo. Desde as neves eternas do polo até as zonas quentes do equador.

Em tôda a parte do universo onde há um ser humano a idéia de Deus habita no coração do homem. Foi essa idéia transmitida de um povo para outro? Um povo, acaso, criou a idéia de Deus e depois a transmitiu para os outros e daí para todos os povos do universo? Observe-se a história humana e se verá que nenhuma idéia de qualquer espécie é tão universal entre os povos. A verdade daqui é a mentira dali. O que um povo conhece, outro desconhece. O que um sabe, outro ignora. Só a idéia de Deus e a idéia de alma. Em tôda a parte onde há homens, há a crença num ser superior que ordena o mundo, um criador de tôdas as coisas, e uma alma que vive além do corpo. Como uma idéia julgada tão falsa pelos ateus poderia ter-se espalhado de tal maneira?

É possível aceitar-se a transmissão da idéia quando a vemos palpitante e viva em todos os povos, desde os que vivem nas regiões mais inóspitas até os que vivem nas zonas mais temperadas? Como se explica que outras idéias não se universalizaram e a de Deus é universal? Não é isso um fato merecedor de respeito? Por que todos, mais ou menos rústicamente, mais singela ou mais complexamente, acreditam na existência de um ou mais seres que criaram, dirigem e orientam o mundo, castigam a uns e premeiam a outros?

É que essa idéia é inata no coração humano. O homem sente essa atração pelo infinito, a atração de Deus. Ele precisa de Deus porque Deus o atrai.

É a primeira ação que se exerce até na criança quando começa a desabrochar os seus primeiros interesses e as suas primeiras interrogações.

A criança já traz em si, inata, a tendência para procurar Deus. O homem buscou-o no segrêdo das estrélas e dos astros, no mistério das longas noites insondáveis, no mistério da vida, do mundo, do destino. Em cada instante de sua vida, Deus aparece como uma necessidade interior. Deus é solicitado a cada minuto. Todo o universo e sua história é um grande convite de Deus. E o homem busca-o porque precisa encontrar-se e só em Deus o homem se encontrará. Este fenômeno universal que transparece na alma humana não sabem os ateus explicá-lo. Não basta juntar palavras mais ou menos científicas. Atrás de muitas palavras aparentemente rígidas, definitivas, esconde-se uma grande e profunda ignorância. Dizer apenas que a palavra Deus é uma palavra ou um desejo para responder à ignorância do homem, é não dizer nada.

Sim, porque o homem não cria *apenas uma palavra* mas uma idéia. Não se verifica entre todos os povos um fato simples que se poderia enunciar rústicamente assim: em todos os povos há uma palavra para definir o mistério, para chamar o que o homem ignora, para substituir a ignorância. Não: há uma idéia. A universalidade não é de uma palavra, mas de uma idéia. Em todos os povos há palavras diversas, mas há a mesma idéia. Deus possui milhares de nomes, mas tem sempre, em suma, a mesma idéia: um ser superior ao homem, um ser onipotente, criador e ordenador do universo. Este simples fato não pode ser desprezado nem menoscabado por ninguém. Se fôsem frageis

tôdas as outras provas da existência de Deus, só esta seria suficiente para prová-lo: em todos os tempos e em todos os lugares do mundo o homem teve a mesma idéia de Deus. Onde o homem, aí Deus. Um não se separou do outro”.

Provas de Deus

ATEU — Permita que o interrompa?

TEÍSTA — Pois não.

ATEU — Há muita poesia em suas palavras...

TEÍSTA — ... e muitas verdades.

ATEU — Aceito que a idéia de Deus é universal, mas não é tão universal como julga. Povos houve que não a tiveram. Terei oportunidade de prová-lo. Além disso poderia repetir a frase de um famoso filósofo: “a universalidade de uma verdade nada prova em favor da verdade, porque a universalidade de uma verdade pode ser a universalidade de um êrro”. E terei oportunidade de mostrar, quando chegar a minha vez, que essa idéia universal de Deus se explica muito facilmente.

TEÍSTA — Mas existe!

ATEU — Não há dúvida.

TEÍSTA — Isto prova que o homem em todos os tempos, teve necessidade de Deus. Aguardarei sua resposta e terei oportunidade de defender os meus pontos de vista. Permita-me agora prosseguir:

“Se examinarmos todo o longo processo do pensamento humano, veremos que êste parte do mais singelo ao mais complexo, do simples ao composto, do singular ao plural. Do sensível, o pensamento humano chega ao universal, às idéias. Vemos que se forma uma hierarquia dos pensamentos. Vejamos: aqui está esta casa. Ela é uma parte da cidade, a cidade uma parte do país, o país uma parte do continente, o continente uma parte do mundo, o mundo uma parte do universo. Se a cidade inclui a casa, o país inclui a cidade e assim sucessivamente. O homem compreende que algo mais está acima do universo, êste algo mais é Deus. Deus é a síntese final, total.

Na escala da hierarquia é o ponto mais elevado, é a idéia suprema que inclui tôdas as outras. Não podemos negar, no homem, a razão. Por meio dela o homem julga. Julga que isto é bom e aquilo mau. Ora o homem só ama o que é bom, não o que é mau. A idéia do bem é inata nêle, nasce com êle.

Mas no mundo as coisas são desiguais, ora boas, ora más. O bem em si, que o homem concebe, é o supremo. E êsse supremo é Deus. Deus é o bem supremo. Ora o homem é imperfeito, ninguém o nega. Mas o homem concebe a perfeição.

Como pode um ser imperfeito ter a idéia da perfeição? Essa idéia não pode nascer do homem, porque se êle é imperfeito como poderia criar a perfeição? Essa idéia tem de vir de um ser perfeito que a deu ao homem. Nem o homem é perfeito nem o mundo exterior aparece ao homem como perfeito. Logo não vindo dêle nem do mundo exterior, tem de vir de algo perfeito que lhe incutiu a idéia e êsse algo perfeito é o que concebemos por Deus.

Estou apenas apresentando as provas mais antigas da existência de Deus. Mas veja: o homem tem consciência da responsabilidade de seus atos.

Quando procede bem ou quando procede mal, sabe que procedeu bem ou procedeu mal. É livre para praticar o bem ou para praticar o mal. Assim como faz o mal pode fazer o bem. Se quiser ser bom, é bom, se quiser ser mau, é mau. Todos os homens, em tôdas as épocas, sentiram esta lei universal invariável, necessária que deu o mérito ou o demérito de suas ações. Em tôdas as épocas e em todos os povos, os atos do homem foram julgados meritórios quando bons, indignos quando maus. Nasceu êsse sentido de justiça do próprio homem? De um homem imperfeito? Não, essa idéia não é dêle. Foi-lhe dada por um ser superior, um juiz supremo, perante o qual todos os homens são responsáveis. Veja-se o mundo: tudo se procede em desordem? Não. Há uma ordem em tôdas as coisas. A semente do limoeiro dá sempre limões. O dia é precedido pela noite. A regularidade dos astros é matematicamente perfeita.

O universo é matematicamente perfeito. Poderia isso ser apenas obra do acaso? Poderia o acaso, a sucessão de acontecimentos sem ordem, gerar a ordem? Tudo tem um fim determinado. A semente de limoeiro dará limoeiros.

Se tudo fôsse obra do acaso, numa perpétua desordem, poder-se-ia compreender a desnecessidade de um ordenador. Assim como notamos não haver um ordenador onde tudo está em desordem. Mas no universo, observa-se precisamente o contrário: ordem, ordem em todos os cantos, em tôdas as partes, em todos os tempos. Não foi, portanto, obra do acaso, mas de alguém que ordenou, que deu uma ordem, deu um fim, uma finalidade a cada coisa. Êsse alguém cujo poder é maior que todos os poderes, que é o maior poder de todos os poderes, é Deus. A ordem do universo prova definitivamente Deus.

Vejam agora outra prova: Vemos que um limoeiro não nasce sem uma causa. É preciso uma semente, é preciso terra, ar, luz, etc. Tudo no mundo exige uma causa, desde as coisas mais pequenas às maiores. Êsse universo e todos os universos precisam de algo que os tenha gerado. Êsse algo é Deus.

Deus é a causa de tôdas as coisas. Pois tem de ser uma causa maior que o universo para poder gerá-lo. E a idéia de Deus está incluída nessa idéia maior. Ora, sendo Deus a causa primária e necessária de tôdas as coisas, ela deve ser perfeita por ser absoluta.

Não se move o universo? Ora não vemos que o movimento é dado a uma coisa por um impulso exterior? Deus é a causa dêsse movimento universal.

Êle foi o primeiro motor de tôdas as coisas.

Mais poderosamente que as minhas palavras, falam as obras dos grandes teístas. Deixe-me ler, um famoso diálogo de Malebranche, cujas palavras encerram tanta verdade e tantos argumentos poderosos para fortalecer a idéia universal de Deus. É de seu trabalho "De Deus e seus atributos".

Lerei algumas páginas. Ouça:

Malebranche fala de Deus

ARISTEU — Sim, Teótimo, estou convencido de que nada finito pode ter bastante realidade para representar o infinito. Então eu estou certo de que vejo o infinito. Logo o infinito existe, porque o vejo e não posso vê-lo mais que em si mesmo. Como meu espírito é finito, o conhecimento que tenho do infinito é finito. Não o compreendo, não o

meço; ainda mais, estou bem certo de que jamais poderei medi-lo. Não somente eu não encontro o fim, mas vejo, além disso, que não o tem. Em uma palavra, a percepção que tenho do infinito é limitada; mas a realidade objetiva em que meu espírito se perde, por assim dizer, não tem limites. Disto me é impossível duvidar agora.

TEÓTIMO — Tampouco duvido eu.

TEODORO — Isto aceito, é claro, que não sendo a palavra Deus senão a expressão abreviada do Ser infinitamente perfeito, é contraditório que possa enganar-se alguém, quando não atribui a Deus, senão o que claramente julga conveniente ao Ser infinitamente perfeito. Pois, enfim, se alguém nunca se equivoca quando considera as obras de Deus, sempre conforme o que vê clara e distintamente em suas idéias, porque em as havendo Deus formado sobre estas idéias que são o arquétipo daquelas obras, não pode ser que não representem simplesmente a natureza delas; há maior razão para nunca se equivocar, conquanto não atribua a Deus, senão o que vê clara e distintamente que pertence ao Ser infinitamente perfeito senão o que descobre, não em uma idéia distinta de Deus, mas em sua própria substância. Atribuimos, pois, a Deus, ao Ser infinitamente perfeito, tôdas as perfeições, por incompreensíveis que nos pareçam, conquanto estejamos certos de que são realidades ou verdadeiras perfeições; realidades digo, e perfeições que não participem do nada, que não estejam limitadas por imperfeições ou limitações semelhantes às das criaturas. Atenção, pois.

Deus é o Ser infinitamente perfeito. Logo, Deus é independente. Pensa nisto, e detém-me somente quando disser alguma coisa que vejas claramente não ser uma perfeição nem pertencer ao Ser infinitamente perfeito. Deus é independente. Logo é imutável.

ARISTEU — Deus é independente. Logo é imutável! Por que imutável?

TEODORO — É que não pode haver efeito, ou mudança, sem causa. Então Deus é independente da eficácia das causas. Logo se ocorresse em Deus alguma mudança, seria Ele mesmo a causa desta mudança. Embora Deus seja a causa ou princípio de suas vontades ou de seus decretos não produziu nunca em Si nenhuma mudança. Pois seus

decretos, embora perfeitamente livres, são êles próprios eternos e imutáveis, como já te disse, Deus fêz êstes decretos ou melhor os forma sem cessar segundo a Sabedoria eterna, que é regra inviolável de suas vontades. E embora os efeitos dêstes decretos sejam infinitos e produzam mil e mil mudanças no Universo, êstes decretos são sempre os mesmos. É que a eficácia dêstes decretos imutáveis não está determinada à ação senão pelas circunstâncias das causas que se chamam naturais, e que acredito devem ser chamadas *ocasionais*, para não favorecer o perigoso preconceito de uma natureza e de uma eficácia distintas da vontade de Deus e de sua onipotência.

ARISTEU — Não compreendo muito bem tudo isto. Deus é livre e indiferente com respeito, por exemplo, ao movimento de um corpo, ou do efeito que quiseses. Se é indiferente, pode produzir êste efeito ou não produzi-lo. Êste efeito é uma consequência de seus decretos; concordo. Mas, é certo que Deus pode produzi-lo. Logo pode não querer produzi-lo. Logo Deus não é imutável, visto que pode mudar de vontade, e não querer amanhã o que quer hoje.

TEODORO — Já não te recordas, Aristeu, do que te disse em nossa última conversa. Deus é livre e ainda indiferente a respeito de mil e mil efeitos.

Pode mudar de vontade, no sentido de que é indiferente para querer ou não querer um determinado efeito. Mas, pensa, agora que tu estás sentado, podes estar de pé? Podes absolutamente; mas, segundo a suposição, não podes, pois não podes estar de pé e sentado ao mesmo tempo. Compreende pois, que em Deus não há sucessão de pensamentos e vontades; que por um ato eterno e imutável conhece tudo, e quer tudo o que quer. Deus quer com uma liberdade perfeita, e uma completa indiferença, criar o mundo. Quer formar decretos, e estabelecer leis simples e gerais para governá-lo de maneira que leve consigo o caráter de seus atributos. Mas estabelecidos êstes decretos, não podem ser mudados; não é que sejam necessários absolutamente, mas pela força da suposição. Tem em consideração; é unicamente que estão estabelecidos, e que ao formá-los Deus, soube tão bem o que fazia, que não podem ser revogados. Pois embora tenha feito alguns dêles para um tempo, não é que haja feito alguns dêles para um tempo, não é que haja mudado de opinião e de vontade, quando chega êste tempo; o que sucede é que um mesmo ato de sua vontade se refere

às diferenças dos tempos que encerra sua eternidade. Logo Deus não muda, nem podem mudar seus pensamentos, seus desígnios, suas vontades.

É imutável; esta é uma das perfeições de sua natureza, e contudo é perfeitamente livre em tudo o que realiza no exterior. Não pode mudar, porque o que quer, o quer sem sucessão, por um ato simples e invariável. Mas pode não querer, porque quer livremente o que quer atualmente.

ARISTEU — Pensarei, Teodoro, no que me dizes. Avançemos. Eu creio que Deus é imutável. Parece-me evidente que é uma perfeição não estar sujeito à mudança. Isto me basta. Ainda quando não pudesse pôr de acôrdo a imutabilidade de Deus com sua liberdade, creio que possui êstes dois atributos, pôsto que é infinitamente perfeito.

TEÓTIMO — Permite-me, Teodoro, proponha-te uma pequena dificuldade. Acabas de dizer que a eficácia dos decretos imutáveis de Deus não está determinada à ação, mas pelas circunstâncias das causas chamadas naturais e que nós chamamos ocasionais. Êstes são teus têrmos. Mas eu te rogo, me digas, que virão a ser os milagres. O choque dos corpos, por exemplo, é a causa ocasional da comunicação do movimento do que choca com o chocado. De modo que Deus não poderá suspender em tal caso o efeito da lei geral das comunicações dos movimentos, nem a suspendeu frequentemente?

TEODORO — Uma vez para sempre, Teótimo, e tu, Aristeu, pois bem vejo que é por ti que Teótimo quer que me explique mais; temo que não interpretes bem o meu pensamento. Uma vez para sempre, Aristeu, quando digo que Deus segue sempre as leis gerais que se prescreveu, não falo mais que de sua providência geral e ordinária. Não excluo os milagres ou efeitos que não seguem suas leis gerais. Mas além disso, Teótimo, é a ti que agora falo, quando Deus faz um milagre, e não obra em consequência das leis gerais que nos são conhecidas, eu considero o que Deus obra, a consequência de outras leis gerais que nos são desconhecidas, ou que o que faz então, é determinado por certas circunstâncias que teve em vista eternamente, formando êste ato simples, eterno, invariável, e que encerra as leis gerais de sua providência ordinária, e também as exceções destas mesmas leis. Mas estas circunstâncias não devem ser chamadas causas ocasionais, no mesmo sentido que o choque

dos corpos, por exemplo, o é das comunicações dos movimentos, porque Deus não fêz leis gerais para regular uniformemente a eficácia de suas vontades pelo encontro destas circunstâncias. Pois nas exceções das leis gerais, Deus obra, já de uma maneira, já de outra, embora sempre, segundo o exige aquêlê de seus atributos que é, por assim dizer assim, mais precioso neste momento. Quero dizer, que se o que deve então à sua justiça é de maior consideração que o que deve à sabedoria, ou a todos seus outros atributos, seguirá nesta exceção o movimento de sua justiça. Pois Deus não obra jamais senão segundo o que Êle é, senão para honrar seus divinos atributos, para satisfazer ao que Êle deve a Si mesmo. Pois é para Si mesmo o principio e o fim de tôdas as suas vontades, quer nos castigue, quer exerça misericórdia, quer recompense em nós seus próprios dons, os méritos que adquirimos por sua graça. Mas temo, Teótimo, que Aristeu não esteja contente com a nossa digressão. Voltemos ao nosso assunto. Também estaremos obrigados em nossas sucessivas conversas a expor os principios de que depende a explicação das dificuldades que pudesses propor. Deus, o Ser infinitamente perfeito, é pois, independente e imutável. É também todo-poderoso, eterno, necessário, imenso...”

Há uma página de Locke que desejo ler. É expressiva. Ouça-a:

O argumento de Locke

“O que diferencia o teísta do ateu é o seguinte: o teísta diz que êste ser eterno, que tem existência necessária é um espírito cognoscente; o ateu diz que é matéria cega desprovida de pensamento. Se para decidir a questão se une a idéia de existência necessária à Substância ou Ser primeiro e eterno, não se ganha nada. É preciso provar de alguma outra maneira que êsse Ser primeiro eterno, necessariamente existente, é material ou imaterial, pensante ou não pensante; e sòmente quando se haja provado assim a existência de Deus, a existência necessária estará incluída na idéia de Deus; mas não antes. Porque um Ser eterno necessariamente existente, material e sem sabedoria, não é o Deus do teísta. De modo, pois, que ambas as partes supõem a existência real; e a reunião, em nosso pensamento, da idéia de existência necessária a uma idéia de substância material

desprovida de sensação ou à idéia de espírito imaterial cognoscente, não as converte em existentes nem altera em nada a realidade de sua existência, porque nossas idéias não alteram nada na realidade das coisas. Por exemplo, o ateu porá a existência necessária na sua idéia de matéria; fará o que quiser, mas por ela não provará a existência real de coisa alguma correspondente a essa idéia; deve provar primeiro, e por meios diferentes dessa idéia, a existência de uma matéria eterna que tudo realiza, e então haverá provado que sua idéia é evidentemente verdadeira; até então não será mais que uma idéia precária, construída à sua vontade, que nada prova da existência real, pela razão acima mencionada, quer dizer, que nossas idéias não realizam ou alteram em nada a existência real das coisas; e tampouco se há de inferir que na natureza existe uma coisa que lhe corresponda, porque podemos formar essa idéia completa em nossos espíritos. Pelas idéias do espírito discernimos o acôrdo ou o desacôrdo das idéias que têm uma existência ideal semelhante em nosso espírito; mas daqui não passamos, nem provamos nenhuma existência real, pois a verdade que assim conhecemos é somente de nossas idéias e somente se aplica às coisas na medida em que se supõe que existam em correspondência com tais idéias. Mas qualquer idéia, simples ou complexa, pelo mero fato de estar em nosso espírito, não evidencia a existência real de uma coisa exterior a nosso espírito que corresponda àquela idéia. A existência real somente se pode provar pela existência real; e, portanto, a existência real de Deus somente se pode provar pela existência real de outras coisas: A existência real de outras coisas exteriores a nós somente nos pode ser evidenciada por nossos sentidos; mas conhecemos nossa própria existência por uma certeza ainda maior do que a que nossos sentidos nos podem dar da existência de outras coisas, e isto é uma percepção interna, autoconsciência ou intuição; de que, portanto, pode extrair-se, por uma corrente de idéias, a mais segura e incontestável prova da existência de Deus.”

Descartes, o pai do racionalismo, foi um grande crente em Deus. Há uma passagem em sua obra que não quero furtar-me a expô-la. Bem lhe disse, desde o início de minhas palavras, que me veria obrigado a ler muitos autores para robustecer a prova da existência de um ser supremo: Deus.

ATEU — Pode ler. Ouvirei com todo interêsse e anotarei o que me convier para responder depois tôdas as suas argumentações. Leia.

TEÍSTA — É o que farei:

O argumento de Descartes

“Quando, depois, o pensamento passa em revista as distintas idéias ou noções que nêles estão, e encontra a de um ser onisciente, onipotente e sumamente perfeito, julga facilmente, pelo que nota nesta idéia, que Deus, que é aquêlle ser perfeito, é ou existe: pois embora tenha idéias distintas de várias outras coisas, nelas não repara nada que lhe assegure a existência de seu objeto; quando nota nesta idéia não somente uma existência possível, como nas outras, mas uma existência absolutamente necessária e eterna. E assim como, ao ver que na idéia que tem a respeito do triângulo, está necessariamente incluída a de que seus três ângulos sejam iguais a dois retos, persuade-se absolutamente de que o triângulo tem três ângulos iguais a dois retos; do mesmo modo, somente ao notar que a existência necessária e eterna está necessariamente incluída na idéia que tem a respeito de um ser perfeito, deve concluir que êste ser todo perfeito é ou existe.”

* * *

“Meu argumento era êste: O que concebemos clara e distintamente como próprio da natureza, essência ou forma imutável e verdadeira de alguma coisa, pode louvar-se nesta com toda verdade; uma vez considerado com atenção suficiente o que é Deus, clara e distintamente concebemos que o existir é próprio de sua natureza verdadeira e imutável: logo podemos afirmar com verdade que existe. Esta conclusão, ao menos, é legítima, e a maior incontestável, pois já concordamos antes em que é verdadeiro tudo o que clara e distintamente concebemos. Resta unicamente a menor, na qual confesso que há dificuldade, e não pequena.

Consiste esta dificuldade, em primeiro lugar, em que tão acostumados estamos, nas outras coisas, a distinguir a existência da essência, que não pomos suficiente atenção em reparar como a existência pertence à essência de Deus mais do que a daquelas; e também em que — não distinguindo com o cuidado necessário as coisas que são próprias da ver-

dadeira e imutável essência de alguma coisa, daquelas outras que se lhe atribuem unicamente por ficção de nosso entendimento — ainda que claramente vejamos que a existência é própria da essência de Deus, daqui não deduzimos, contudo, que Deus existe, porque não sabemos se sua essência é imutável e verdadeira ou mera invenção de nosso espírito. Para desvanecer a primeira parte desta dificuldade, deve distinguir-se a existência possível da necessária e notar que a existência possível está contida na noção ou idéia de todas as coisas que clara ou distintamente concebemos; mas a necessária unicamente na idéia de Deus. Não duvido que todos os que atentamente considerem esta diferença que existe entre a idéia de Deus e todas as outras, compreenderão que, embora sempre concebemos as outras coisas como existentes, por isto não se conclui que existam, mas somente que podem existir, pois não concebemos que seja necessária a união da existência atual com suas restantes propriedades; mas de conceber (como concebemos), com inteira clareza, que a existência atual está sempre e necessariamente unida aos outros atributos de Deus, conclui-se necessariamente que Deus existe.

Para resolver a segunda parte da dificuldade convém advertir que as idéias que não contêm naturezas verdadeiras e imutáveis, mas fictícias e compostas pelo entendimento, podem ser divididas por este, não somente por uma abstração ou restrição de seu pensamento, mas por uma operação clara e distinta; de maneira que as coisas que o entendimento não pode dividir assim, indubitavelmente não foram feitas ou compostas por êle. Por exemplo, quando me represento um cavalo alado, ou um leão atualmente existente, ou um triângulo inscrito num quadrado, concebo facilmente que poderia representar-me, pelo contrário, um cavalo sem asas, um leão que não existisse, ou um triângulo sem quadrado, e que, portanto, estas coisas não possuem naturezas verdadeiras e imutáveis. Se me represento um triângulo e um quadrado (e não falo do leão nem do cavalo, porque não conhecemos inteiramente suas naturezas), com inteira verdade afirmarei do triângulo todas as coisas que reconhecerei que em sua idéia se contêm, como que seus três ângulos são iguais a dois retos, etc., e o mesmo a respeito do quadrado; pois embora possa conceber um triângulo, restringindo meu pensamento de tal modo que não concebo mais do seus três ângulos iguais a dois retos, não posso negar isto mediante uma operação clara e distinta, quer dizer, entendendo claramente o que digo. Se considero um triân-

gulo inscrito em um quadrado — não para atribuir ao quadrado o que somente pertence ao triângulo ou a este o que pertence àquele mas para examinar as coisas que da união de ambos se originam — a natureza desta figura, composta de um triângulo e um quadrado, não será menos verdadeira e imutável que a do triângulo ou do quadrado sòzinhos; de modo que poderei asseverar com verdade que o quadrado não é menos que o duplo do triângulo inscrito nêle, e outras coisas semelhantes, próprias da natureza desta figura composta. Mas considero que na idéia de um corpo perfeitíssimo está contida a existência, porque é maior perfeição existe efetivamente e no entendimento do que somente neste, daqui não posso concluir que exista este corpo perfeitíssimo, mas somente que pode existir. E a razão é que reconheço que esta idéia foi formada por meu entendimento, reunindo num conjunto todas as perfeições corporais, e que a existência não dimanou das outras perfeições compreendidas na natureza do corpo, porque se pode afirmar ou negar igualmente que existam, quer dizer, concebê-las como existentes.

Examinando, além disso, a idéia do corpo, não acho nêle força alguma pela qual se produza ou conserve a si mesmo, e daqui deduzo, com razão, que a existência necessária (única de que se trata neste lugar), tão própria é da natureza do corpo, por perfeito que possa ser, como o é de uma montanha carecer de vale, ou de um triângulo ter três ângulos maiores que dois retos.

Se tratando-se, não de um corpo, mas de uma coisa, qualquer que seja, que reúna todas as perfeições que podem juntar-se, perguntamos se entre elas deve contar-se existência, haverá lugar à duvida, porque nosso espírito finito, acostumado a considerá-las separadamente, conhecerá, à primeira vista, quão necessariamente se unem entre si. Mas se consideramos atentamente se convém a existência ao Ser soberanamente poderoso, e que classe de existência clara e distintamente poderemos conhecer: em primeiro lugar, que lhe é adequado ao menos a existência possível — como a todas as outras coisas de que temos idéia, inclusive as que são imaginadas por nosso espírito — e depois (como não podemos pensar que sua existência é possível, sem que ao mesmo tempo, fixando-nos em seu poder infinito, reconheçamos que pode existir por sua própria força) concluiremos que existe realmente, e existiu de toda eternidade, por ser manifesto (a luz natural o diz) que o que pode exis-

tir por sua própria força, existe sempre. Desta maneira conheceremos que a existência necessária está contida na idéia de um Ser soberanamente poderoso, não por ficção do entendimento, mas porque o existir é próprio da verdadeira e imutável natureza de semelhante Ser; e igualmente fácil nos será conhecer que é impossível que este Ser soberanamente perfeito não possua tôdas as demais perfeições contidas na idéia de Deus, pela qual tôdas elas, por sua própria natureza e sem ficção do entendimento, existem juntas em Deus.

Coisas tôdas evidentes para aquêle que sèriamente pensa, e que em nada diferem daquelas que anteriormente escrevi, salvo na forma em que as explico e que alterei de propósito para acomodar-me à variedades das inteligências. Confesso com inteira liberdade que este argumento é de tal natureza que facilmente o tomarão por um sofisma os que não se recordam de tôdas as coisas que concorrem para a sua demonstração, pelo que duvidei a princípio se me serviria ou não dêle, temendo dar motivo para que desconfiassem dos restantes argumentos os que não entenderam este. Mas como não há mais que dois caminhos para provar que há Deus, a saber: prová-lo por seus efeitos, ou por sua essência ou natureza, e o primeiro já o fiz, quanto me foi possível na *Terceira Meditação*, acreditei que não devia omitir o segundo procedimento."

Poderás dizer: "mas os argumentos em favor da idéia de Deus são todos antigos. Os homens de hoje apenas repetem as mesmas provas". Não! Ouça agora o que dois homens de ciência dizem de Deus. Um é Robert A. Millikan e outro sir James Jeans, e ambos não precisam de apresentação, tratando-se de dois nomes tão conhecidos da ciência moderna. É longa a explanação de Millikan, mas pelo seu valor, vejo-me forçado a lê-la inteiramente:

Um homem de ciência confessa sua fé

"Ao falar dêste tema, é claro, que me encontro um tanto fora de minha órbita normal. Passei a maior parte de minha vida fazendo trabalho experimental no laboratório de física, consagrado ao estudo da ciência pura, e em todo trabalho dessa índole o primeiro objetivo consiste em eliminar tôdas as complexidades desnecessárias, desfazer-se de tôdas as causas secundárias, reduzir o estudo de um fenô-

meno particular a seus têrmos, os mais simples, a fim de chegar até os princípios fundamentais subjacentes, de tal modo que, ao formular conclusões, estas se tornem óbvias e inevitáveis. O resultado de semelhante método foi a construção de certo corpo de conhecimentos na física, ao qual outorgam seu assentimento todos os homens inteligentes que se dão ao trabalho de estudá-lo. Não quero dizer com isso que não existam controvérsias na física, mas que se produziu um considerável corpo de materiais que não são convertíveis. A risco de não despertar interêsse, devido ao facto de que trato sòmente de coisas óbvias, intentarei manter-me, suficientemente dentro de minha órbita acostumada, para usar o mesmo método ao discutir as relações entre a ciência e a religião, porque penso que ao menos nove décimas partes da controvérsia, que se desencadeia neste terreno, se devem a uma confusão que provém de não saber eliminar aquelas matérias que são puramente alheias e incidentais, ou, simplesmente, ao mau entendimento de fatos que ficaram estabelecidos de um modo bastante definido, e que quando menos são prática e universalmente reconhecidos pelos que estão bem informados."

Uma antiga controvérsia

"Parece haver no presente uma estranha recrudescência de um ponto de vista que está completamente fora de época com os progressos da era em que vivemos, um ponto de vista que os líderes reflexivos, tanto da ciência como da religião, se deram conta, em tôda as épocas, de que jamais teve base alguma para sua existência. Compreende-se, talvez, em vista da crueza do século XVI, que nos tempos de Galileu, certos líderes religiosos equivocados tenham imaginado que o descobrimento dos movimentos da terra poderia minar em alguma forma as bases da religião e que, por êsse motivo, intentaram suprimir os ensinamentos de Galileu. Contudo, para mim, não é pouco surpreendente que homens com tais oportunidades como os perseguidores de Galileu, tenham colocado a religião, em sua mente, sobre uma base tão inteiramente falsa que tenham feito depender, em alguma forma, de qualquer descobrimento científico, suas realidades fundamentais e sua própria existência. Não se discute se Galileu tinha ou não razão. Êsse é um assunto científico, com o qual a religião, como tal, não tem absolutamente nada que

ver e pelo qual não deveria ter tido a menor preocupação. Podia confiar-se em que a ciência se encarregaria disto. Sua atividade é duvidar, e sempre procede assim enquanto restar algum lugar para a incerteza. Até aquêles inquisidores estavam muito recuados em relação a seu próprio tempo, ao supor que podia haver alguma verdadeira contradição entre a religião propriamente entendida e as conclusões dos astrônomos, o que não pode ficar melhor demonstrado que com a seguinte citação de Santo Agostinho, que viveu 1.200 anos antes, e que está provavelmente reconhecido como a autoridade de maior influência, depois de Jesus e São Paulo, na Igreja cristã primitiva.

Ao comentar a completa distinção que existe, segundo seu ponto de vista, entre as duas grandes linhas de pensamento, a natural e a espiritual, Agostinho diz: "Há alguma questão acerca da terra e do céu, ou outros elementos dêste mundo... a respeito dos quais quem não é cristão tem conhecimentos derivados do raciocínio ou da observação mais exatos; e é muito desafortunado e nocivo, e se em tôdas as coisas há algo que deva evitar-se cuidadosamente, é que um cristão, falando de tais assuntos como de acôrdo com as Escrituras cristãs, seja ouvido falando de tais insensatezes, por um não-crente e que o não-crente, vendo-o tão longe do alvo como está o este do oeste, possa difficilmente conter o riso."

Velhas disputas renovadas

"Um dos fenômenos mais surpreendentes de nossos tempos, é que tenha aparecido de novo, no ano de 1923, num país tão ilustrado como os Estados Unidos, aquela mesma controvérsia que Agostinho, há quase mil e seiscentos anos, viu que não tinha razão de existir, porque se encontra fora do campo próprio da religião, mas que contudo se inflamou de maneira tão violenta na época de Galileu e logo se extinguiu à medida que os homens desenvolviam sua inteligência. Mas não é tão surpreendente como deplorável, porque o preconceito que os homens bem intencionados, mas de estreita visão, possuem produzir à causa da religião organizada, representada neste caso pela igreja cristã, ao introduzir dentro da organização uma influência tão desintegradora, é incalculavelmente maior que qualquer dano que possa provir de ataques do exterior. Certamente se êste movimento triunfasse imediatamente, a igreja perderia inevitavelmente

todos os seus mais vitais elementos, e a sociedade se veria obrigada a desenvolver alguma outra ação para levar a cabo a obra para a qual foi organizada a igreja, e que realiza agora numa grande extensão, isto é, a de servir como de grande dinamo que injetasse na sociedade humana o sentimento de responsabilidade social, o espírito de altruísmo, auxílio, amor fraterno, e semelhança a Cristo, e a de eliminar, até onde seja possível, o espírito de cobiça e de proveito pessoal."

Êrro de alguns cientistas

"Mas não vou atirar tôda a culpa da existência desta controvérsia, sôbre os dirigentes equivocados da religião. A responsabilidade está dividida, porque a ciência está, amíúde, precisamente tão mal representada como a religião, por homens de pequena visão, que apreciam os seus limites e que compreendem muito imperfeitamente qual é o papel que ela desempenha na vida humana; por homens, numa palavra, que perdem de vista todos os valores espirituais e que exercem, portanto, uma influência perturbadora, irregular e essencialmente imoral sôbre a juventude. Estou disposto a admitir que se deve, na mesma proporção, à existência de cientistas dêste tipo, como de suas contrapartidas no campo da religião, que a controvérsia se tenha acendido hoje, e já é tempo de os cientistas reconhecerem sua parte de responsabilidade e darem alguns passos, a fim de que se redimam de parte da responsabilidade que lhes corresponde.

Não supponho que nada do que possa dizer exercerá muita influência sôbre os grupos cujos preconceitos foram excitados de antemão e que, pelo mesmo, não estão interessados numa análise objetiva da situação, mas posso talvez esperar que alguns dos jovens, cujas mentes foram confundidas pela controvérsia, possam tirar algum proveito de uma nova expressão daquilo que a mim me parece fatos perfeitamente óbvios e indiscutíveis."

Nenhum conflito verdadeiro

"O primeiro fato que me parece perfeitamente óbvio e fora de disputa para os homens refletidos, é que atualmente não há conflito, de nenhuma espécie entre a ciência e a

religião, quando cada uma é entendida corretamente. A prova mais simples, e provavelmente mais convincente, da verdade da afirmação anterior, encontra-se no testemunho das mentes superiores, que, como líderes penetraram no campo da ciência, por uma parte, e no da religião por outra.

Selecionemos por exemplo os nomes mais proeminentes dos últimos séculos da história das ciências britânicas ou, para o caso, da ciência mundial. Todos convirão em que os astros que brilham com mais esplendor nesta história, quando o olhar recorre desde 1650 a 1920, são os nomes de Newton, cuja vida teve seu centro por 1680; Faraday, que viveu em 1830; Maxwell, 1870; Kelvin, 1890, e Raleigh, que morreu há uns quarenta anos. Não se pode encontrar em nenhuma parte nem em qualquer época investigadores mais ardentes da verdade, intelectos de mais penetrante visão, e, contudo, cada um deles foi um seguidor devoto e convicto da religião.

Foi Kelvin quem primeiro calculou o idade da terra mais ou menos em um milhão de anos, sem ver a menor incompatibilidade, apesar dos primeiros capítulos do Gênesis, entre essa conclusão científica e sua adesão à igreja da qual foi, por toda a vida, membro e assíduo frequentador. Ainda mais, em 1878, quando se achava no ápice do poder escreveu o que se segue: "Creio que quanto mais conscienciosamente estudamos a ciência, mais nos distanciamos de qualquer coisa que se possa considerar ateísmo". Novamente em 1903, quase no fim de sua vida, escrevia; "Se pensais com suficiente vigor, a ciência vos obrigará a crer em Deus, que é a base de toda a religião. Encontrareis que ela não é antagonica, senão que ajuda a religião". Seu biógrafo, Silvanus P. Thompson, diz: "Sua fé foi sempre de uma natureza simples, como a de uma criança, carente de dogmatismo e não contaminada pelo rancor sectário. Causava-lhe pena ouvir opiniões cruamente atéias, expressadas por jovens que nunca tinham conhecido o lado mais profundo da existência". Argumentos tão fortes, da mesma espécie, podem encontrar-se acudindo à biografia de qualquer dos outros homens mencionados, e escolhemos estes, note-se bem, não porque tenham sido religiosos, mas porque são universalmente reconhecidos como os cientistas mais proeminentes. Duvido muito que o mundo tenha produzido, em qualquer campo do esforço, homens de inteligência mais poderosa que dois deles, Sir Isaac Newton e James Clark Maxwell."

O testemunho de Pasteur

"Se alguém dissesse que estou invocando unicamente o testemunho de físicos, e de ingleses, escutai ao homem a quem o sufrágio da nação francesa considerou repetidamente como o mais proeminente de todos os franceses e que facilmente é, também, ao par de qualquer outro biólogo que haja jamais existido em qualquer parte: Luis Pasteur, de quem seu biógrafo diz: "Finalmente, recorde-se que Pasteur era um homem profundamente religioso". Em seu túmulo, no Instituto Pasteur, acham-se inscritas estas palavras suas:

"Feliz daquele que leva um Deus dentro de si, um ideal de beleza ao qual obedece; um ideal de arte, um ideal de ciência, um ideal de pátria, um ideal de virtudes do evangelho".

Ou também, se se me acusara de invocar simplesmente o testemunho do passado, do pensamento que precedeu ao advento deste novo século XX em que vivemos, posso pôr estritamente em dia a evidência, pedindo-vos que citeis os doze cientistas mais notáveis dos Estados Unidos na atualidade e logo mostrando que a grande maioria deles dão testemunho, não só da completa ausência de antagonismo entre os campos da ciência e da religião, mas de suas próprias convicções religiosas fundamentais. De modo natural, começa com o homem que ocupa a posição científica mais conspícua dos Estados Unidos, isto é, o presidente da Academia Nacional de Ciências, que é presentemente chefe da Instituição Smithsonianiana de Washington e presidente da Associação Americana para o Progresso da Ciência, o doutor Charles D. Walcott, um dos mais proeminentes estudiosos norte-americanos da evolução da vida nas idades geológicas primitivas. Consta-me pessoalmente que é um homem de profundas convicções religiosas e me escreveu recentemente pedindo-me que, para os propósitos deste discurso, que ele leu, seja ele descrito como um "ativo obreiro da igreja".

Uma nuvem de testemunhas

"O mesmo é verdade a respeito de Henry Fairfiel Osborn, diretor do Museu Americano de História Natural de Nova York, e um dos mais distintos expoentes da evolução no país. Outro rival de eminência nesse mesmo campo é

Edwin G. Conklin, de Princeton, que, em artigos recentemente publicados, se tem mostrado definidamente um adepto da interpretação religiosa da vida. Sei, também por correspondência direta, que posso colocar na mesma categoria a John C. Merriam, presidente da Instituição Carnegie de Washington e o paleontólogo mais proeminente dos Estados Unidos; a Michael Pupin, o primeiro de nossos peritos em eletricidade, que "aprovou cada palavra" do presente discurso e que recentemente dirigiu um melhor do que este, sobre o mesmo tema, na Universidade de Colúmbia; a John M. Coulter, decano dos botânicos norte-americanos; a A. A. e W. A. Noyses, proeminentes entre os nossos químicos; a James R. Angell, presidente da Universidade de Yale, um psicólogo eminente, com o qual mantive correspondência sobre este assunto; a James H. Breasted, nosso arquólogo mais eminente, que serviu comigo durante vários anos na junta de administração de uma igreja de Chicago, à qual concorria freqüentemente também T. C. Chamberlin, decano dos geólogos norte-americanos; ao doutor C. G. Abbot, Secretário do Interior da Academia Nacional de Ciências e membro ativo da igreja; e assim poderíamos continuar com a lista da maioria dos cientistas de grande relêvo nos Estados Unidos.

Tornai agora a ver o reverso do quadro e perguntai quais foram as opiniões dos mais proeminentes e mais inspirados líderes religiosos, quanto às relações entre a ciência e a religião, e obtereis um testemunho completamente similar. Não foi o próprio Jesus que disse: "Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres"? Não há uma só sílaba em tudo o que Ele ensinou, nem uma só idéia introduzida por Ele na vida humana, que justifique a alguém colocá-lo ao lado daqueles que vêem antagonismo entre qualquer verdade científica e os valores espirituais mais profundos. Não houve credos no ensinamento de Jesus nem inspirações verbais de nenhuma classe. A religião era para Ele uma vida, de amor e de dever, a simples expressão da Regra de Ouro."

Agostinho e João Wesley

"Passando as seguintes personalidades religiosas, depois da época de Jesus, já citei antes a Agostinho para mostrar como advertiu contra os líderes religiosos, de tão estreita compreensão, que chegam a fazer da religião um motivo de riso, ao apresentar um antagonismo que não existe.

João Wesley, fundador da Igreja Metodista, diz no capítulo sobre "Uma visão geral do progresso gradual dos seres", no seu "Compêndio de Filosofia Natural", depois de falar, depois de falar da "avestruz, com pé de cabra, que une as aves com os quadrúpedes", o seguinte: "Por que graus se eleva a Natureza ao homem?... Como retificará esta cabeça que está sempre inclinada para a terra? Como mudar aquelas garras em braços flexíveis? De que método fará uso para transformar estes pés torcidos em mãos hábeis e dóceis? Como inchará e aumentará este estômago contraído? Em que forma colocará os seios e lhes dará uma rotundidade adequada? O mono é o esboço tósco do homem, este rude esboço, uma representação imperfeita que contudo se lhe assemelha, e é a última criatura que serve para exhibir a evolução admirável das obras de Deus... Mas a humanidade tem suas graduações do mesmo modo que outros produtos de nosso globo. *Há um número prodigioso de contínuos vínculos entre o mono mais perfeito e o homem*" (Eu sublinho). Não estou afirmando aqui que Wesley tinha razão nisto. Para nosso presente propósito é inteiramente indiferente. Mas ele era um líder superior e a citação mostra que via demasiado claramente, para permitir que seu pensamento científico fôsse embaraçado por alguns dogmas religiosos, forjados pelos homens. De igual modo, em nossa própria época não houve um líder religioso mais espiritual que Henry Drumond, cuja obra mais inspirada consistiu em mostrar a contribuição da ciência à religião, e creio que poderia citar praticamente os nomes de todos os líderes religiosos proeminentes da atualidade e dizer que não há um em cada dez que não se coloque ao lado de Jesus, Agostinho, Drumond, Beecher, Lyman Abbott, Fosdick, Soares, King, Brown, Burton, Mathews e um exército de outros homens de ampla visão e profunda experiência que viram a ciência e a religião como irmãs gêmeas que cooperam eficazmente em conduzir o mundo a coisas melhores. Até aqui, meu argumento foi simplesmente este: que não pode haver conflito entre ciência e religião, se as mentes maiores em ambos os campos, as mentes às quais acudimos em busca de definição do que são tanto a ciência como a religião, não somente não viram semelhante conflito como viram e afirmaram claramente que não existe nenhum."

Tarefas separadas de Ciência e Religião

“Mas passemos agora a meu segundo fato evidente e mostremos porque, na natureza das coisas, não pode haver conflito. Isto se adverte logo, tão prontamente quando alguém tenta definir para si qual é o respectivo lugar da ciência e da religião na vida humana.

A finalidade da ciência é desenvolver, sem prejuízo ou *a priori* de espécie alguma, um conhecimento dos fatos, das leis e os processos da natureza. A tarefa, ainda mais importante, da religião, por outra parte, consiste em desenvolver a consciência, os ideais e as aspirações da humanidade. Creio que todos estarão de acôrdo com a definição do que é ciência. Quanto à definição de religião, é, em essência, a que encarna os ensinamentos de Jesus, que, diferentemente de muitos de seus seguidores de visão mais estreita, não se preocupou em nada com os credos, mas que centralizou todo o seu ensino em uma vida de serviços e na difusão do espírito de amor. É certo, contudo, que os aspectos científico e religioso da vida se põem muitas vezes em contacto e se apóiam mutuamente. É evidente que a ciência, sem a religião, pode converter-se antes em maldição do que em bênção para a humanidade; pelo contrário, a ciência dominada pelo espírito da religião é a chave do progresso e a esperança do futuro. Por outro lado, a história demonstrou que a religião sem a ciência engendra dogmatismo, fanatismo, perseguição, guerras religiosas e tôdas as outras calamidades que no passado se acumularam sôbre a humanidade em nome da religião; desgraças que foram tão fatais para a própria religião organizada, que, em certas épocas e em certos países, os melhores caracteres e os homens mais essencialmente religiosos foram encontrados fora da Igreja. Isso é o que se passa atualmente em alguns países, e assim sucede porque se perdeu de vista a essência da religião, enterrando-a sob teologias e outros ornamentos externos, que correspondem exatamente à “hortelã, à erva-doce e ao cuminho” da época de Jesus. Se alguém quer certificar-se das desgraças que estas excrescências podem ocasionar à causa da verdadeira religião, leia a história da igreja na

Asia Menor durante os primeiros seis séculos, e observe por si próprio o que podem ocasionar as seitas e os cismas e as insensatas disputas a respeito da natureza da pessoa de Jesus, extraindo do espírito de seus ensinamentos e da eficácia da organização que foi estabelecida com o único propósito de difundir dito espírito, tôda a essência vital”.

O Cristianismo vital, intacto

“Contudo, nos Estados Unidos, ao menos, não são primariamente os que estão dentro da igreja que interpretam e entendem errôneamente esta questão, embora tenhamos de admitir com pesar que existe um grupo de tal índole. Não obstante, são em sua maior parte os de fora, os críticos que nunca viram o interior dos muros da Igreja, e muitos dos quais conhecem tão pouco acêrca de igreja nos Estados Unidos que acreditam positivamente que o cristianismo é o mesmo que a teologia medieval, quando é tão evidente que se pode notar, embora ligeiramente, que tudo o que é vital no cristianismo permanece inteiramente intacto ante as revoluções mais completas em teologia, como, por exemplo, as que têm ocorrido durante os últimos cem anos. Muitos de nós nos educamos dentro de credos e teologias que já passaram por completo, o que sucederá continuamente com tais coisas à medida que o mundo progrida, e contudo, ao volver os olhos, vemos que o essencial que as igrejas de nossa infância estavam fazendo por nós e por nossos semelhantes, é precisamente o que continua fazendo agora, quer dizer, estimulando-nos a uma conduta reta, tal como cada um a vê, inspirando-nos a fazer o que sabemos que devemos fazer, desenvolvendo nossos ideais e nossas aspirações. Há um modo muito simples e muito científico de descobrir, por si mesmo, o que consiste o coração e centro da religião cristã, o vital e fundamental que ela defende no seio da sociedade humana; consiste em retroceder o suficiente para que os pormenores se percam de vista e então observar qual é o elemento comum a tôdas as igrejas cristãs. Quem fizer isto, verá a que ponto tal elemento está constituído pela vida e ensinamentos de Jesus, que é tôda a essência do cristianismo; que o grande propósito da religião cristã consiste na difusão de seu espírito de altruísmo, de seu idealismo e de sua crença na fraternidade do homem e na paternidade de Deus.

Em outras palavras, que a religião existe, como se desse acima, para desenvolver a consciência, os ideais e as aspirações da humanidade.”

O desenvolvimento no Antigo Testamento

“Meu terceiro fato evidente, é o de que tanto a ciência como a religião alcançaram seu estado presente mediante um processo de desenvolvimento que se inicia com as mais grosseiras origens.

No caso da ciência, esta afirmação será universalmente aceita, e no caso da religião, o estudo mais superficial revelará que é também verdade. Os ideais e práticas religiosas dos índios americanos e de tôdas as outras tribos primitivas, com seus postes totêmicos e seus encantamentos, foram evidentemente do tipo mais primitivo. As idéias de dever, de responsabilidade, têm estado sempre infiltradas nestas religiões, mas os motivos de boa conduta, tais como o homem primitivo os concebia, foram, sob o nosso presente ponto de vista, da mais ignorante e ainda da mais indigna espécie. Mas não é evidente a possibilidade de a religião poder elevar-se acima da etapa de desenvolvimento dos povos cujos ideais expressa? Nada pode mostrar melhor êsse processo de desenvolvimento do que a própria Bíblia, porque os primeiros livros do Antigo Testamento revelam o conceito de Deus que era característico, sem dúvida, daquela época, mas não de todo satisfatória para nós, já que se tratava de um Deus que certamente era benévolo e justo para com seu próprio povo escolhido, mas vingativo e cruel e completamente despreocupado do bem-estar daqueles que estavam fora de seu grupo escolhido.

Êste conceito imperfeito se desenvolve e refina através da história dos judeus, tal como se descreve na Bíblia, até que culmina no amor e paternidade que tudo abarca, e que predicara Jesus. Quem negar êste processo de desenvolvimento ocorra tanto na ciência como na religião e se ache claramente revelado em tôdas as informações do passado que possuímos, deve fechar os olhos aos fatos incontestáveis que nos apresenta tôda a história, incluindo a história sagrada.

Para mim foi sempre de maior interêsse e proveito, especialmente quando me sentia inclinado a julgar severamente os grandes guias religiosos do passado, como Paulo e Moisés, procurar imaginar-me vivendo eu mesmo no seu meio, com sua falta de conhecimentos científicos, interpretando a vida do ponto de vista limitado que tinham, formulando regras de conduta relativas, por exemplo, as questões de higiene, tais como as que se encontram no Deuteronômio, procurando interpretar os fenômenos misteriosos da natureza como eclipses, ação de maus espiritos, etc. E quando faço isto, o que me maravilha é que êstes homens tenham visto claramente como viram e conseguido, como o conseguiram, separar o fundamental do incidental. Difícil como é julgar aos grandes líderes do passado por suas normas, melhor que pelas nossas, é imperativo que o façamos assim, se havemos de formar um juízo justo dêles e de sua contribuição ao desenvolvimento da raça. Certamente que essa é a essência de todo o problema. Procurai atingir êste ponto de vista e, uma vez atingido, nunca vos ocorrerá perguntar se se deve tomar ou não o Gênesis como um texto moderno de ciência. Foi escrito muito tempo antes de que existisse alguma coisa que se pudesse considerar ciência. É da maior importância, sob todo ponto de vista, dar-nos conta de que a própria Bíblia não tem pretensão alguma de correção científica ou, no que a isto diz respeito, inspiração verbal. E' melhor o registro das experiências e o desenvolvimento religioso de uma raça.”

Todos os homens que pensam são crentes

“Meu quarto fato evidente é que todo aquêle que reflecciona, crê em Deus, seja de uma forma ou de outra. Sob o meu ponto de vista, a palavra ateísmo se usa geralmente com o maior descuido e a maior falta de base científica e de inteligência, porque para mim é inconcebível que exista algum ateu verdadeiro. Certamente que posso não crer no conceito de divindade que sustenta o negro do Congo que bate seu tâ-tã para afugentar o deus cuja presença e influencia teme; e é certo também que nenhum líder religioso moderno crê no deus que tem os atributos que Moisés, Josué e os Juizes atribuem à sua Divindade. Mas me parece que é tão evidente como o respirar, que todo homem, suficiente-

mente prudente para reconhecer sua própria incapacidade de compreender o problema da existência, de entender de onde veio e para onde vai, deve reconhecer, precisamente porque admite sua ignorância e finitude, a existência de Algo, uma Potência, um Ser em quem êle mesmo "vive e se move e tem seu ser". Essa Essa Potência, êsse Algo, essa Existência, é o que chamamos Deus.

Certamente o homem primitivo formava conceitos antropomórficos dêsse ser, porque não era capaz de pensar num deus que fôsse muito diferente dêle mesmo. Seu deus se encorelizava e necessitava ser aplacado; era ciumento, vingativo e caprichoso; mas os conceitos humanos se ampliaram, e, à medida que vão crescendo, vão-se desprendendo a pouco e pouco das coisas pueris."

Não é necessário um acôrdo

"Não me preocupa muito se estou ou não de acôrdo convosco no meu conceito, por que "podem os homens, por meio do pensamento, descobrir a Deus"? Tanto o meu conceito como o seu devem ser, pela própria natureza do caso, vagos e indefinidos. Menos que tudo estou disposto a discutir com o homem que espiritualiza a natureza e diz que Deus é para êle a Alma do universo, porque o espírito, a personalidade e todos êsses conceitos abstratos que vão envolvidos nisto, como o amor, o dever e a beleza, existem para vós e para mim tão realmente como o ferro, a madeira e a água. São tão reais em tudo como as coisas físicas que manipulamos.

Ninguém pode, portanto, representar a natureza como carecendo dêstes atributos que são parte de vossa experiência e da minha, e que sabemos que estão na natureza. Se, por conseguinte, identificardes, em vossos conceitos, Deus e a natureza, tereis por fôrça de lhe atribuir consciência e personalidade, ou talvez melhor, superconsciência e superpersonalidade. Não é possível sintetizar a natureza deixando de lado seus mais proeminentes atributos, nem tampouco extrair da natureza essas potencialidades, não importa o recuo no tempo. Em outras palavras, o materialismo, tal como se entende comumente, é uma filosofia completamente absurda e inteiramente irracional, e assim a consideram certamente a maioria dos homens que pensam."

Duas grandes influências na História

"Sem intentar, pois, ir mais longe na definição do que por natureza é indefinível, permiti reafirmar minha convicção de que, embora não possais crer em algum conceito particular de Deus que eu tente expressar, e embora seja inquestionavelmente certo que muitos de nossos conceitos são às vezes puerilmente antropomórficos, todo aquêle que está suficientemente de posse de suas faculdades para reconhecer sua própria incapacidade de compreender o problema da existência, inclina sua cabeça em presença da Natureza, se preferis usar êste termo, de Deus, prefiro dizer, que está atrás de tudo e cujos atributos se nos revelam parcialmente em tudo, de modo que também me repugna tanto como a Kelvin, "ouvir opiniões cruamente atêias expressadas por homens que nunca conheceram o lado mais profundo da existência". Permitti, pois, daqui por diante, usar a palavra Deus para designar o que se acha atrás do mistério da existência e que dá a esta sua significação. Espero que já me entendais, portanto, quando digo que não conheci jamais um homem que pensa e que não creia em Deus.

Meu quinto fato evidente é que houve unicamente duas grandes influências na história do mundo, que fizeram da bondade a característica proeminente no conceito de Deus. A primeira influência foi Jesus de Nazaré, a segunda, foi o desenvolvimento da ciência moderna, e particularmente o desenvolvimento da teoria da evolução. Tôdas as religiões, inclusive a cristã, personificaram o espírito do mal e o espírito do bem, e em muitos casos deram ao primeiro a influência predominante. Todos vemos muito na vida que tende a nos tornar pessimistas. Nem sempre prevalece o bem.

A justiça não triunfa sempre. Qual é o significado da existência? Vale a pena? Dirigimo-nos a alguma parte? Tanto Jesus como a ciência moderna têm contestado essa questão afirmativamente. Jesus assumiu, como sua missão na vida, predicar a necessidade da bondade de Deus.

Êle veio numa época que ignorava profundamente a ciência moderna.

Ao referir-se à enfermidade e ao mal, Jesus usou têrmos adequados à sua época, únicos que podiam ser enten-

didados por seu auditório, mas percebeu um Deus que cuidava de cada avezinha e que, mediante o amor, estava formando um mundo planejado para a felicidade e para o bem-estar de tôdas as criaturas.”

Deus e a Evolução

De modo semelhante, a ciência, ao formular a teoria da evolução, concebe um mundo que está desenvolvendo, através de incontáveis eras, qualidades cada vez mais altas, progredindo para coisas cada vez melhores. Representa a Deus, como possais concebê-lo essencialmente bom, proporcionando razão para a existência e um motivo para a levar a seu maior rendimento, porque podemos constituir parte do grande plano de progresso do mundo. Jamais se apresentou à mente do homem conceito mais sublime de Deus do que aquêle que oferece a ciência, ao representá-lo revelando-se através de incontáveis idades, no desenvolvimento da terra, como moradia para o homem, e na secular infusão de vida na matéria que a constitui, até culminar no homem, com sua natureza espiritual e tôdas as suas potências, semelhantes às de um deus. Mas vejamos um pouco mais adiante. Ao trazer à luz o fato, agora geralmente admitido, por mais que não seja ainda óbvio e indiscutível, de que êste não é um mundo em que as coisas sucedem por capricho, mas que está completamente governado por leis, a ciência proporcionou ao homem, para ser bom, o motivo mais poderoso que jamais lhe foi inspirado. Que “tudo o que o homem semear, isso também colherá” já não é unicamente um texto bíblico; é uma verdade gravada com fogo na consciência da humanidade, nos últimos cem anos de estudo da física, da química e da biologia.

Por conseguinte, a ciência não somente ensina que Deus é bom, mas que proporciona ao homem os motivos mais poderosos para ajustar-se ao plano de bondade que Deus dispôs na natureza. Ensina-lhe não unicamente que a enfermidade engendra enfermidade, mas também, ao menos por inferência, que o ódio engendra ódio, que a falta de honradez cria a falta de honradez, que a paga do pecado é a morte, e, por outro lado, que o amor engendra amor.

Ensina-lhe que as leis morais e as leis físicas são umas e outras, leis da natureza e que a violação de umas e outras conduz à miséria.”

Os homens crêem num “Plano do Mundo”

“Ao concluir esta declaração de fé de um homem de ciência, permiti referir-me a um caso e apresentar uma pergunta. Na primavera de 1912, o grande transatlântico “Titanic” tinha-se chocado com um “iceberg” e estava perdido. Estava prestes a afundar-se. Os botes salva-vidas eram insuficientes. Ouviu-se o grito: “As mulheres primeiro”! Os homens retrocederam. Os botes encheram-se e os varões foram ao fundo com o navio. Chamais a isto uma ação heróica. Mas por que fizeram? Talvez responderéis porque essa era a lei do mar e os homens preferiram morrer a viver após ter violado essa lei. Então, vamos a um caso mais simples, porque desejo uma resposta mais fundamental. Depois do desastre dois homens se encontraram agarrados a um pedaço de madeira flutuante que não podia suportar a ambos. Um dêles voluntariamente se soltou e foi tragado pelo mar. Heroísmos desta classe ocorreram aos milhares durante a guerra. Os homens entregavam suas vidas por uma causa. Tais fatos acontecem todos os dias, em tempo de paz. Por que? Porque homens e mulheres preferem morrer a viver com a consciência de ter desempenhado o papel de covarde, de haver deixado de executar sua parte dignamente no grande plano das coisas.

É verdade que nem todos os homens são assim, mas eu sou suficientemente otimista para crer que a maioria é assim. Mas voltemos à pergunta: Por que a maioria dos homens é assim? Simplesmente porque a maioria dos homens crê na existência do tal plano universal e crê que é parte dêle e que sua morte vai contribuir para a sua realização; em suma, porque a maioria dos homens crê em Deus.

Êsta é a conclusão óbvia que se infere do fato de que os homens estão dispostos a morrer por uma causa. Podem ignorar se há ou não imortalidade pessoal para êles, mas sabem com absoluta certeza que viverão na lembrança e na inspiração; muitos dêles também têm fé suficiente para crer que continuam vivendo na consciência, mas em um ou outro caso formam parte de um plano de desenvolvimento que dá

significado à vida. Em outras palavras, os homens que têm tendência para heróis crêem em Deus, em "uma potência no mundo que labora pela justiça". Sem tal crença não existe motivo para heroísmo ou sacrifícios de nenhuma espécie, nem nada de "desenvolvimento das consciências, ideais e aspirações da humanidade" que disse antes ser a tarefa da religião, porque não existe base alguma para os ideais e as aspirações. Por isso é que Kelvin dizia que "a crença em Deus é à base de toda religião".

Se há alguém que não crê, quer pelos estímulos de sua fé religiosa, quer mediante as evidências objetivas que ofereceu a história evolutiva do mundo, numa revelação progressiva de Deus ao homem; se há alguém que por nenhum destes dois caminhos chegou a sentir que há um significado e um propósito na existência; se tão completo pessimismo existe neste mundo, oxalá possamos eu e os meus evitar, até onde seja possível, seu contacto. Se a beleza, a significação e o propósito desta vida, que revelam tanto a ciência como a religião, não são mais que um sonho, deixai-me continuar sonhando eternamente".

Robustas foram as palavras desse grande cientista. Para corroborar ainda mais as minhas opiniões e a minha crença, reproduzirei agora as palavras de sir James Jeans, nome que por si só é um grande argumento. Ouça:

O Universo: um Grande Pensamento

"Nossos remotos antepassados trataram de interpretar a Natureza por meio de conceitos antropomórficos criados por eles, e falharam. Os esforços de nossos mais próximos antepassados para achar uma interpretação mecânica falharam também. A Natureza nega-se a acomodar-se a qualquer desses moldes criados pelo homem. Por outro lado, nossos esforços para interpretar a Natureza mediante os conceitos matemáticos puros obtiveram até agora brilhantes êxitos. Parece que está fora de toda discussão que, de todos os modos, a Natureza acha-se mais estreitamente ligada aos conceitos das matemáticas puras do que aos da biologia ou da mecânica e embora a interpretação matemática seja tão-somente um tóscico molde construído pelo homem, em compensação se acomoda a natureza objetiva dentro d'ele incomparavelmente melhor que nos dois anteriormente ensaiados.

Há cinqüenta anos, quando se discutia amplamente o problema das comunicações com o planeta Marte, desejou-se notificar aos hipotéticos marcianos que sobre o planeta Terra existiam seres pensantes; mas tropeçava-se com a dificuldade de encontrar uma linguagem que ambas as partes pudessem entender. E pensando que o mais apropriado seria a linguagem das matemáticas puras, propuseram acender sobre o Saara correntes luminosas que formariam a figura correspondente ao famoso teorema de Pitágoras (o quadrado construído sobre a hipotenusa de um triângulo retângulo é a soma dos quadrados construídos sobre os catetos). Para a maioria dos marcianos o sinal careceria por completo de significação, mas argumentou-se que os matemáticos de Marte, caso existissem, reconheceriam seguramente como uma obra dos matemáticos terrestres.

Se assim tivesse ocorrido não se lhes poderia reprovar o ver matemáticas em tudo e parece-me que a situação é semelhante, *mutatis mutandis*, àquela que nos criam os sinais

que provêm do mundo exterior das realidades, que são as sombras sôbre as paredes da caverna em que nos achamos prisioneiros. Retrocedendo a uma linguagem cruamente antropomórfica já empregada, podemos dizer que tendo considerado já desfavoravelmente a possibilidade de que o Universo tenha sido planejado por um biólogo ou por um engenheiro, segundo o próprio testemunho de sua criação, o Grande Arquiteto do Universo começa a aparecer ante nós como um matemático puro.

Tenho a impressão pessoal de que êste conjunto de idéias, pode levar-se adiante, à maneira de ensaio, embora seja difícil de expressar exatamente por meio de palavras já que o vocabulário mundano se acha limitado por nossa experiência terrena. Os matemáticos puros terrestres não se interessam pela substância material, mas pelo pensamento puro. Suas criações não só são produto do pensamento, mas também estão formadas por pensamentos, da mesma forma que as criações do engenheiro são máquinas. E os conceitos que nos parecem agora fundamentais para a nossa compreensão da Natureza, quais sejam um espaço finito, um espaço tão vazio que um ponto não difere do outro senão pelas propriedades do próprio espaço, espaço de quatro, de sete e mais dimensões, um espaço que se dilata incessantemente, uma série de fatos que obedecem às leis da probabilidade e não às da causalidade, uma série de fatos que não se podem descrever plena e consistentemente senão saindo do espaço e do tempo; todos êstes conceitos parecem ante minha mente construções do pensamento puro, impossível de serem realizadas num sentido que possa ser qualificado propriamente como material. Ocorre o mesmo em minha crença noutros conceitos mais técnicos ainda, do tipo do chamado "princípio de exclusão", que parece implicar uma espécie de "ação à distância", tanto no espaço como no tempo, como se cada fragmento do Universo soubesse o que iam fazer os outros, fragmentos distantes, atuando em consequência. Em minha opinião, as leis a que obedece a Natureza são menos sugestivas do que aquelas a que obedece uma máquina em seus movimentos, e do que aquelas a que se acha submetido um músico quando escreve uma fuga, ou um poeta ao compor um soneto. Os movimentos dos elétrons e dos átomos não se parecem tanto aos órgãos de uma locomotiva como aos dançarinos de um baile. E se "a essência

verdadeira das substâncias" nos há de ser desconhecida sempre, importa pouco que o baile seja na vida real, na tela de um cinema ou num conto de Boccaccio.

Se tudo isto é certo, pode representar-se então o universo, embora de modo imperfeito e inadequado, como formado por pensamento puro; o pensamento daquele a quem, por falta de uma palavra mais compreensiva, devemos chamar um pensador matemático.

Considerações desta classe conduziram Berkeley a postular um Ser Eterno em cuja mente existem todos os objetos. E assim numa magnífica e suave linguagem de uma época pretérita resumiu sua filosofia nestas palavras:

"Todos os coros do Firmamento e todos os materiais da terra, numa palavra, todos os corpos que compõem a poderosa fábrica do mundo, não têm substância alguma fora da mente. Enquanto não os percebo realmente ou enquanto não existem em minha mente, ou na de qualquer criatura, é necessário que careçam em absoluto de existência ou que subsistam na mente de algum "Espírito Eterno".

A ciência moderna, no meu entender, conduz, por um caminho muito diferente, a uma conclusão que não é diferente desta por completo.

Chegamos às conclusões de Berkeley, mas atingimo-las pelo outro extremo da corrente. Por isto, passa a ocupar o primeiro lugar a última das três alternativas de Berkeley e as outras aparecem, em comparação com ela, desprovidas de importância. Importa pouco que os objetos "existam ou não em minha mente ou na de qualquer outra criatura"; sua objetividade provêm de que subsistem "na mente de algum Espírito Eterno".

Isto pode fazer crer que nos propomos repelir por completo o realismo e entronizar em seu lugar um idealismo absoluto. Não obstante, creio que isto seria apresentar uma imagem muito crua da situação.

Se é certo que "a essência real das substâncias" permanece fora do alcance de nossos conhecimentos, então a linha de separação entre realismo e idealismo é certamente muito confusa, pois vem a ser pouco mais que uma relíquia de uma idade passada, na qual se acreditou que a realidade era idêntica a um mecanismo. Existem realidades objetivas porque certas coisas afetam vossa consciência e a minha de igual maneira; mas supomos uma coisa que não temos direito de

supor se as rotulamos como “reais” ou como “ideais”. O verdadeiro rótulo, a meu parecer, é “matemático”, se concordamos que esta palavra pode aplicar-se ao conjunto do pensamento puro e não somente aos estudos dos matemáticos profissionais. Tal rótulo não significa nada quanto ao que as coisas são em sua última essência, e serve simplesmente para indicar de que maneira se conduzem. O rótulo que elegemos não desterra, logo, a matéria à categoria de alucinação ou sonhos. O universo material permanece tão substancial como o foi sempre e creio que esta afirmação continuará sendo certa sempre através de todas as mudanças do pensamento científico ou filosófico.

Porque a substancialidade é um conceito puramente mental que mede o efeito imediato que produzem os objetos em nosso sentido do tato.

Dizemos que uma pedra e um automóvel são substanciais, enquanto um eco e um arco-iris não o são. Esta é a definição comum da palavra e é um puro absurdo, uma contradição de termos, dizer que as pedras e os automóveis podem chegar a ser de certo modo insubstanciais ou ainda menos substanciais, porque os associamos agora com fórmulas e pensamentos matemáticos, ou a nós no espaço vazio, melhor do que a multidões de partículas duras. O doutor Johnson expressou sua opinião sobre a filosofia de Berkeley dando um pontapé numa pedra e dizendo ao mesmo tempo: “Não senhor, eu a refuto assim”. Esta pequena experiência não tinha nada que ver, naturalmente, com o problema filosófico que pretendia resolver; pois só comprovava a substancialidade da matéria e qualquer que seja o progresso da ciência, as pedras continuarão sendo sempre corpos substanciais, porque elas e os corpos de sua categoria constituem o modelo que nos serve para definir a qualidade de substancialidade.

Sugeriu-se que o lexicógrafo teria podido destruir a filosofia de Berkeley se por casualidade tivesse dado o pontapé, não em uma pedra, mas em um chapéu, dentro do qual uma criança travessa tivesse escondido um tijolo.

Dizem que “o elemento de surpresa é suficiente garantia da realidade exterior” e que “uma segunda garantia é a permanência associada à mudança; permanência em vossa memória, mudança no meio exterior”. Isto, naturalmente, refuta tão-somente o erro solipsista que pretende que “tu-

do isto é somente uma criação de minha mente e não existe em nenhuma outra”; mas é difícil fazer algo na vida que não a refute igualmente. O argumento que se obtém da surpresa, e em geral dos novos conhecimentos carece de força diante da concepção de uma mente universal, da qual vossa mente e a minha, a que surpreende e a surpreendida, são elementos ou, melhor ainda, excrescências.

Cada célula cerebral individual não pode dar-se conta de todos os pensamentos que ocorrem no total do cérebro.

Não obstante, o fato de não possuímos nenhum modelo externo absoluto que possa servir-nos para unidade de medida da substancialidade, não nos impede dizer que duas coisas têm o mesmo ou diferente grau de substancialidade. Se durante um sonho dou um pontapé numa pedra, despertarei provavelmente com o pé dolorido e descobrirei que a pedra de meu sono era literalmente uma criação de minha parte, da minha mente, excitada por um impulso nervoso nascido em meu pé. Esta pedra pode servir de tipo para as alucinações ou sonhos; é evidentemente menos substancial que aquela que golpeou o doutor Johnson. As criações de uma mente individual podem considerar-se com razão menos substanciais do que as de uma mente universal. Pode-se fazer uma distinção análoga entre o espaço que vemos durante o sonho e o que vemos na vida cotidiana; o último, que é o mesmo para todos, é o espaço da mente universal. O mesmo ocorre com o tempo, pois o tempo de nossas vigílias, que transcorre na mesma proporção para todos, é o tempo da mente universal. A uniformidade da natureza proclama a coerência desta mente. A concepção do Universo como um mundo de pensamento puro lança nova luz sobre muitos dos problemas que encontramos em nosso rápido olhar sobre a Física moderna. Compreendemos agora como pode reduzir-se o éter onde se desenvolvem todos os acontecimentos do Universo, a uma abstração matemática e chegar a ser tão abstrato e matemático como os paralelos de latitude e os meridianos de longitude. Também podemos ver porque a energia, entidade fundamental do Universo, devia ser considerada igualmente como uma abstração matemática: a constante da integração de uma equação diferencial.

Se o Universo é um Universo de pensamento, sua criação devia ser um ato de pensamento. Certamente a fini-

tude do tempo e do espaço nos impele, quase por si mesmos, a imaginar a criação como um ato de pensamento. A determinação de constantes tais como o rádio do Universo e o número de elétrons que contém, implica um pensamento cuja riqueza se acha medida pela imensidade destas quantidades. O tempo e o espaço, que constituem a conexão do pensamento, devem haver alcançado a existência como partes dêste ato. As cosmologias no espaço e no tempo, forjaram o Sol, a Lua e as estrêlas com a matéria-prima já existente. A ciência moderna nos obriga a considerar o Criador realizando sua obra fora do espaço e do tempo, que são partes de sua criação do mesmo modo que o pintor se acha fora do quadro que pinta. Isto se acha de acôrdo com a conjectura de Santo Agostinho "Non in tempore, sed cum tempore, finxit Deus mundum". Na verdade esta doutrina remonta a Platão: "O tempo e os céus chegarão a ser no mesmo instante, a fim de que se algum dia devem dissolver-se, poderiam dissolver-se juntos; tais foram o espírito e a idéia de Deus ao criar o tempo".

E, contudo, compreendemos tão mal o tempo que talvez devêssemos comparar à totalidade do tempo com o ato da criação: a materialização do pensamento. Existe hoje um amplo acôrdo, que no aspecto físico da ciência se aproxima à unanimidade, em que a corrente dos conhecimentos se dirige para uma realidade não-mecânica; o Universo começa a parecer-se mais a um grande pensamento do que a uma imensa máquina. A mente não aparece já como uma intrusa acidental no reino da matéria e começamos a suspeitar que melhor devemos saudá-la como o Criador e governador deste reino.

É essa mente não é, naturalmente, o conjunto de nossas mentes individuais, mas aquela na qual os átomos, de onde estas nasceram, existem como pensamentos".

Existência de Deus segundo Balmes

Balmes foi um grande homem de cristianismo, um dos filósofos de maior valor que nós ofereceu a Espanha. Há algumas de suas páginas que são de uma eloquência poderosa na defesa da idéia universal de Deus. Elas respondem com firmeza a muitos dos mais insistentes argumentos dos ateus. Ei-las:

"Para demonstrar esta verdade fundamental temos dirigido nossos argumentos contra os céticos (1); é justo que cuidemos também dos incrédulos. Não é que as provas com que temos combatido os primeiros não militem também contra os segundos, pois que uns e outros perderam a fé; admitindo, porém, como o temos feito, uma distinção profunda entre estas duas sortes de espíritos, cremos dever, visto que nos dirigimos a uns e a outros, apresentar-lhes reflexões diferentes, ou pelo menos apresentar-lhes as mesmas reflexões sob diferente forma. O cético diz: Eu não sei... Eu duvido... Que sei eu...; o incrédulo diz: Eu não creio em nada. Vamos examinar esta última palavra, despojá-la de seu orgulho e mostrar com inteira evidência que este "Eu não creio em nada", que certos homens pronunciam com tanta auto-suficiência, é o cúmulo da loucura, e se acha igualmente em oposição com os dados da ciência e as simples luzes do senso comum.

Se vós dizeis que estais na dúvida, que vosso espírito arrastado pelo ceticismo contemporâneo, e seduzido pelas ilusões e as promessas do mundo, experimenta um tal abatimento, uma tal prostração que já não tem a fôrça de crer, compreenderemos o que isto significa; saberemos que sem afirmar que a religião é verdadeira, não chegais a afirmar que é falsa; veremos em vós soldados que abandonaram sua bandeira, sem dúvida, mas que não são bastante vis para se revoltarem, e contentam-se com errar à ventura; a própria

(1) Vide "Cartas a um cético em matéria de religião" (Trad.).

incerteza de vossa marcha mostrará que vos sentis extraviados e que no fundo de vossa alma há um certo desejo de entrar no bom caminho. Mas quando proferis êste orgulhoso "Eu não creio em nada", manifestais alguma cousa mais que a ausência da fé: acusais de erro a eterna verdade; e os dogmas mais venerandos, mais bem estabelecidos, vós os considerais como contos feitos para entreter as crianças, ou como velhas lendas criadas por imaginações entusiastas e doentes. É assim que amplificais ordinariamente vossa negação."

I

"Nenhuma discussão religiosa é possível, não se admitindo a existência de Deus. Com efeito, se Deus não existe, não existe religião, e desde êste momento tudo o que se pode dizer sôbre êste assunto não é senão uma série de puerilidades e contra-sensos. Temendo que aquêles que não crêem em nada, também incluam a existência de Deus entre as invenções do homem, devemos estabelecer esta primeira verdade. Desgraçadamente tudo hoje é preciso demonstrar, até estas grandes verdades, cuja certeza e evidência deviam tê-las afastado do terreno da discussão; negando-se tudo, é preciso provas para tudo.

Aquêles que negam a existência de Deus não podem certamente apoiar semelhante opinião sôbre uma autoridade estranha; o gênero humano declara-se contra êles. Deveriam por isso mesmo ter descoberto bem poderosas razões, pois que êles se crêem no direito de se isolarem do resto dos homens, negando o que todos têm admitido.

Quais são estas razões? A negação absoluta de uma razão qualquer, o caos de tôdas as idéias, o aniquilamento da inteligência. Se para se convencer da existência de Deus fôsse necessário penetrar os segredos da natureza, embrenhar-se nas profundezas do cálculo, saber a fundo a história e a filosofia, compreender-se-ia que a preguiça de espirito ou a impossibilidade dêste exame fizessem nascer uma semelhante extravagância; quando, porém, basta levantar os olhos para o céu para reconhecer a existência do Criador, quando a terra em suas riquezas e sua beleza nos apresenta a cada passo os brilhantes traços Daquelle que tem sido chamado o Supremo Geómetra, professar o ateísmo, crer-se ateu,

é o mais lamentável abuso de tôdas as faculdades intelectuais e morais, digamos melhor, é esforçar-se por extingui-las tôdas, recusando fazer uso delas, impedindo-as de ver por tôda a parte. Aquêle em quem nós temos o *ser*, o *movimento* e a *vida*.

E todavia não nos contentaremos com afirmar a certeza, a evidência desta verdade; ensaiaremos dar uma verdadeira demonstração e, tanto quanto esteja em nosso poder, poremos esta demonstração ao alcance de tôdas as inteligências, sem nos desviarmos jamais das regras da dialética; e se alguma vez apresentarmos argumentos que nem todos possam compreender, convém lembrar que os ateus têm movido em todos os sentidos imagináveis a terra e o céu para daí tirar uma prova contra a existência de Deus."

II

"Se Deus não existe, o universo e tudo que êle encerra foi feito por acaso, quer dizer, sem designio, sem plano, sem inteligência. Tudo está submetido a uma cega fatalidade, que não é nada, que não significa nada. Não se pode dar razão de nenhuma cousa, e quando em qualquer ponto do mundo nos parecer ver dois seres, dois fenômenos que se encadeiam admiravelmente, que deixam ver entre si relações profundas, que marcham em harmonioso conjunto para o mesmo fim, será preciso dizer que isso é obra do acaso, que não existe nenhuma ordem, nenhuma direção para o mesmo fim, que isso é assim, porque é assim.

O mundo existe? Sem nenhuma dúvida. Mas como e por quê? Não há resposta. Os astros procuram sua órbita com admirável regularidade; a observação e o cálculo demonstram que seus movimentos estão submetidos a leis constantes de que jamais se desviam. Que lhes traçou esta marcha? Quem lhes prescreveu estas leis? Ninguém; a natureza mesma. Que é a natureza? O conjunto de todos os seres. Foram então os próprios astros que se deram as leis; eram, por conseguinte, dotados de inteligência? Não. Mas se eram despidos de inteligência como é possível que tenham achado leis tão admiráveis e se tenham pôsto em tão perfeito acôrdo?

Para chegar a esta harmonia que admiramos, o universo deveria antes que tudo, sair do nada e passar em seguida

por combinações sem-número como por tantos ensaios de sua ordem presente. Como não há razão para que certos átomos estejam antes unidos entre si do que a outros, que se tenham colocado de maneira a produzir tal ou tal configuração, que se tenham desligado e tenham formado corpos separados por tal ou tal distância, se nos transportamos a épocas que precederam o mundo atual, ao nosso espírito deverá apresentar-se uma confusão espantosa, no seio da qual a massa inteira dos elementos corpóreos se agitava através da tenebrosa imensidade do espaço, tumultuando os átomos ao acaso, sem outra ordem que a ausência de tódia a ordem, sem outra lei que a ausência de tódia a lei.

Que fóra da ação de uma inteligência suprema tenha podido desta sorte formar-se o mundo que habitamos, é uma cousa de tal modo absurda que, à primeira vista, se descobre a sua monstruosa impossibilidade, sem recorrer às luzes da razão, mas pela inspiração imediata do senso comum. Ainda mesmo supondo-se a existência da matéria sem a intervenção do Criador, isto é, concedendo-se gratuitamente aos ateus um ponto de apoio para assentar seu sistema, não lhes será jamais possível levantar o ruinoso difício.

O acaso não é nada, é de si tão incapaz de ordenar como é impotente para criar. Tirai, pois, aos ateus êste primeiro obstáculo que é a criação, deixai-os supor que a matéria existe, que é eterna e necessária, ainda que real e evidentemente ela seja accidental e finita, que por isso mesmo deve ter sido criada; não lhes oponhais, por um momento, senão a impossibilidade de ordenar sem inteligência, e vereis que apesar desta imensa concessão êles não poderão adiantar um passo.

É convicção geral que esta palavra *acaso*, aplicada à formação do universo, não tem significação alguma; e nós cremos que esta verdade pode ser levada a um tal grau de evidência, que o absurdo do sistema que pretende que o mundo foi ordenado pelo acaso, não mais deverá excitar nos espíritos dotados de algum tino senão indignação e desprezo.

Para o demonstrar apoiar-nos-emos nas ciências matemáticas, tendo cuidado de as acomodar à inteligência de todos os leitores. Tomemos por exemplo um sistema planetário composto de um pequeno número de corpos; e vejamos como é que poderiam, só pelo efeito do acaso, combinar seus movimentos recíprocos, os doze corpos que os astrônomos chamam planétas: o Sol, Mercúrio, Venus, Marte, Júpiter, Saturno, a Terra, Urano, Ceres, Palas, Juno e Vesta.

Compreende-se logo que não é pequena tarefa a que deixamos ao ateu, impondo-lhe que harmonize o universo por meio de combinações fortuitas, ainda que lhes demos já, não sòmente a matéria em desordem, mas ainda corpos formados, e corpos tais como o Sol, a Terra, Júpiter e os outros, cuja formação lhe daria um certo trabalho, se não tivesse outro auxiliar senão o acaso. Mas as mesmas concessões que nós fazemos devem redundar em glória da verdade; se com efeito mostrarmos com inteira evidência o absurdo das combinações fortuitas, quando se considerem numa cousa fácil, crescerá a fôrça da demonstração na mesma relação que a dificuldade das cousas às quais estas combinações forem applicadas.

Suponhamos em primeiro lugar que para encontrar a única combinação de onde resultaria a harmonia do mundo, não seja necessário considerar os corpos no espaço, nem mesmo sòbre um plano, que basta para isso colocá-los numa certa ordem, numa mesma linha reta; de tal sorte que recebendo-os o ordenador inteiramente formados não teria mais que achar a ordem segundo a qual deviam ser colocados. E para falar mais claramente, exprimamos os doze corpos pelas letras seguintes: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L; e suponhamos que tódia a habilidade do ordenador se devesse limitar a descobrir o lugar respectivo destas letras, sempre colocadas, como se disse, numa linha reta.

Do mesmo modo que a linha começa por A, B, C, D, é evidente que poderia começar por A, C, B, D, por A, C, D, B, por A, B, D, C, por B, A, C, D, por C, A, B, D, e assim sucessivamente; é igualmente evidente que a mesma cousa aconteceria com relação ao arranjo da totalidade das letras. Ora nós não deixaremos o leitor com a idéia confusa que haveria em que elas se achassem em sua verdadeira ordem; queremos pôr à sua vista o número das permutações possíveis, muito maior certamente do que se imagina.

A importância da verdade que queremos demonstrar nos autoriza, segundo cremos, a invocar o auxílio das ciências matemáticas. Os ateus não deixam de buscar um ponto de apoio em tódias as ciências; não é justo que os defensores da existência de Deus estejam em pior condição.

Se temos duas letras A, B, para mudar de lugar, é evidente que as podemos colocar de duas maneiras: A, B e B, A. O número das mudanças é igual a 2. Se temos três letras A,

B, C, podemos colocar o A no principio, no meio e no fim. Colocada no principio, esta letra nos dá as duas combinações seguintes:

A, B, C,
A, C, B.

Colocando-a no meio e o B no principio teremos:

B, A, C.

Colocando a letra C em primeiro lugar:

C, A, B.

Pondo A no fim, e colocando B no principio, virá:

B, C, A.

Colocando em seguida a letra C em primeiro lugar:

C, B, A.

De onde inferimos que as combinações possíveis são:

A, B, C,
A, C, B,
B, A, C,
C, A, B,
B, C, A,
C, B, A.

Duas letras nos dão duas combinações, três nos dão seis; isto é, como tínhamos primeiramente 2, ou antes 2×1 , temos depois 6, ou o que dá na mesma, $3 \times 2 \times 1$.

Se nos dão quatro letras a mudar de lugar: A, B, C, D, é claro que deixando o A no principio podemos dispor, de seis diferentes maneiras, as letras seguintes: B, C, D, conforme se disse no caso precedente.

Se em seguida colocamos B no principio, as outras três A, C, D, poderão igualmente ser dispostas de seis maneiras em que cada uma não se confundirá com as três primeiras. Da mesma sorte colocando sucessivamente o C e o D no principio teremos seis combinações novas; ao todo 24 combinações, ou antes 4×6 , ou melhor $4 \times 3 \times 2 \times 1$.

Prosseguindo no mesmo raciocínio é fácil de ver que as cinco letras A, B, C, D, E, das quais cada uma ocupará sucessivamente o primeiro lugar nos darão cada vez 24

combinações diferentes, ao todo 5 vezes 24, ou antes $5 \times 4 \times 3 \times 2 \times 1$.

Observando pois a lei que seguem estes fatores e exprimindo por M o número das letras, o das mudanças será expresso por $(m - 1) (m - 2) (m - 3) (m - 4) \dots 3 \times 2 \times 1$; ou por outros termos, se o número das letras é por exemplo 100, o número das mudanças igualará o produto da multiplicação seguinte: $100 \times 99 \times 98 \times 97 \times 96 \times 95 \dots 3 \times 2 \times 1$.

Fazendo-se agora aplicação desta teoria ao caso de que nos ocupamos, segue-se que o número dos arranjos de que os planetas seriam suscetíveis, colocando-os somente em linha reta, seriam representados pela multiplicação seguinte:

$12 \times 11 \times 10 \times 9 \times 8 \times 7 \times 6 \times 5 \times 4 \times 3 \times 2 \times 1$, o que dá, executando-se a operação, 479.001.600.

Quem, pois, quiser encontrar neste número uma combinação determinada, achar-se-ia exatamente no caso de um homem que tivesse de tirar uma bola determinada de uma urna em que se achassem 479.001.600. Os que jogam a loteria sabem se é fácil acertar, ainda que o número dos bilhetes quase nunca passe de 25 ou 30 mil e que haja sempre alguns centos de prêmios. O que aconteceria então se o número das sortes se elevasse a 479.001.600?

Para melhor fazer sentir a impossibilidade de achar o número desejado ou antes a combinação almejada, pediremos algumas luzes emprestadas à teoria das probabilidades. Quando se quer calcular o grau de probabilidade que apresenta um sucesso fortuito, é mister primeiro que tudo prestar atenção à totalidade dos sucessos possíveis, é preciso em seguida ter em conta os casos favoráveis e os casos contrários; e da comparação de uns com outros se deduz a conjectura que se quer formar. Assim, supondo-se numa urna cem bolas, cinquenta brancas e cinquenta negras, a probabilidade será igual para umas e para outras; e esta igualdade de casos depende da igualdade dos números.

Se se tratasse pois de apelar para a sorte, dever-se-ia igualmente pender para as duas partes. Mas se das 100 bolas 75 são negras e 25 brancas, a probabilidade de tirar uma bola branca diminui um tanto: sendo a probabilidade das negras em relação às brancas como 75 para 25. Segue-se daí que se nós tomamos uma fração cujo denominador seja o número que representa a totalidade dos casos, e o numera-

dor dos casos favoráveis, esta fração exprimirá exatamente a probabilidade procurada; assim nos dois exemplos prece-

dentés, teremos primeiramente $\frac{50}{100}$ tanto para as brancas

como para as negras; e em seguida teremos $\frac{75}{100}$ para as

negras e $\frac{25}{100}$ para as brancas.

Fazendo agora aplicação desta teoria ao principal objeto de nossa discussão, resulta que a probabilidade de encontrar a combinação verdadeira será representada por esta

fração $\frac{1}{479.001.600}$; quantidade tão pequena que não

se poderá aí apoiar uma conjectura razoável; de tal sorte que aquêle que sustentasse que a combinação desejada não teria lugar, teria em seu favor 479.001.600 vêzes mais probabilidade do que se sustentasse o contrário.

Seria pois de presumir que se fôsse à prova, passar-se-ia um número infinito de séculos sem que se obtivesse o resultado pedido.

Até aqui temos suposto os corpos colocados numa linha reta, sem nenhuma espécie de relação nem com o espaço nem com um plano, o que simplifica sobremaneira o problema; mas como é evidente que os corpos não estão numa posição semelhante, a que nova complicação não dariam lugar outras condições necessariamente encerradas no enunciado da questão!

Para prosseguir gradualmente suporemos, antes de tudo, que os doze corpos se acham ainda sôbre uma linha reta, mas de maneira que esta linha, sôbre que estão colocados, ocupa uma posição determinada num plano.

Neste caso a dificuldade de encontrar por acaso a combinação verdadeira aumenta a um tal ponto que a imaginação não é capaz de a alcançar.

Provemo-lo. Se supomos que os corpos estão colocados num plano elíptico, e que uma das extremidades da linha reta sôbre que estão colocados se confunde com o centro da elipse, é evidente que tomando esta reta como raio, se poderá fazer girar de maneira a poder descrever um arco de

círculo, e que neste movimento tomará uma infinidade de posições diferentes, medidas pelo ângulo que formar a reta com um diâmetro qualquer da elipse.

Como, por outra parte, é evidente que poderemos tomar por centro de movimento um ponto qualquer do grande ou do pequeno diâmetro, ou mesmo um ponto qualquer do número infinito de pontos que se acham na superfície determinada pela curva, segue-se que para achar uma combinação desejada será preciso percorrer um número de combinações cuja grandeza assombra o pensamento. E a probabilidade expressa antes por um número tão pequeno como

$\frac{1}{479.001.600}$, devê-lo-ia ser agora por uma fração infinitamente mais pequena. E a razão disto é clara: já não há aí senão um caso favorável, a saber, uma posição determinada, e desde então o numerador seria sempre o mesmo; ora como a totalidade dos casos possíveis seria tanto maior quanto maior o número de posições da linha sôbre o plano, segue-se que teríamos de multiplicar o denominador por uma série de números infinitamente grandes, o que daria uma fração infinitamente pequena, ou uma quantidade igual a zero.

Ainda mais: supomos aqui que os corpos estão colocados sôbre uma mesma linha reta; mas não é assim. Seria preciso desde então, às dificuldades enunciadas, ajuntar a de se achar um polígono que se formasse ajuntando os pontos onde se supusessem os corpos colocados uns com relação aos outros. Acrescentai ainda a isto que os corpos não estão num mesmo plano, mas no espaço; aqui a imaginação se abisma e se perturba na impossibilidade de jamais calcular a infinita pequenez da probabilidade deixada à combinação almejada.

Com efeito, à dificuldade que resulta da linha e do plano, vêm-se juntar neste último caso as posições infinitamente numerosas que o plano e a linha podem ocupar no espaço. Para dela fazermos uma idéia, figuremo-nos que o plano gira em volta de uma reta, é evidente que é infinito o número das posições que êle pode tomar, pois que existe um número infinito de ângulos que êste plano pode formar com outro plano imóvel.

Considerando ainda que a reta que serve de eixo de rotação pode ocupar um número de posições infinitas, resultará disso uma série de novos fatôres pelos quais será preci-

so multiplicar o denominador de uma fração já infinitamente pequena,

Eis portanto reduzida a um cálculo rigoroso uma verdade que o senso comum ensina a todos os homens; e eis também a razão por que quando se diz que tais efeitos podem ser filhos do acaso, em presença de um homem de são juízo, êle logo exclama sem precisar de reflexão: Isso é impossível, isso é um absurdo! É que o Criador nos deu a intuição de certas verdades e não quis que precisássemos de recorrer a longos raciocínios para as encontrar e provar a nós mesmos. E todavia, coisa triste é dizer-se, é necessário insistir para demonstrar o que o Autor da natureza quis que vissemos e sentíssemos dentro em nós, como uma iluminação instantânea; ainda há homens que se esforçam, contra sua própria razão, contra os seus mais íntimos sentimentos, para dirigi-los contra a existência Daquelle que é a sua única origem.

Para completar a demonstração de nossa tese, ainda a apresentaremos sob outra forma que não demanda nenhum esforço nem da razão, nem da imaginação, e que será fácil de compreender, mesmo para as mais humildes inteligências. Suponhamos, num vasto campo, doze postes com outros alvos, tendo um número cada um; suponhamos que em seguida aí são conduzidos pela mão doze atiradores com os olhos vendados, cada um dos quais levaria um número de alvos.

Não seria uma grande loucura acreditar que atirando todos à ventura, fôsse possível que cada um tocasse por acaso o alvo correspondente ao seu número? Quem não vê que se poderia repetir a prova por ilimitado número de séculos, sem que acontecesse que o atirador que levasse o número 1 ferisse êste número, o mesmo com o número 2 e assim os outros?

Ponderemos depois disso que não se trata dum campo de alguns ares, mas dum espaço infinito, e concluiremos a impossibilidade de dar aos doze corpos uma combinação determinada sem outro auxílio que o do acaso.

Bastam as observações precedentes para demonstrar o objeto que nos propusemos; e todavia é possível levá-las a um mais alto grau de evidência.

Tôda da fôrça do argumento que apresentamos se funda sobre a dificuldade de encontrar no espaço a combinação determinada de doze corpos; e isso por um só instante, abstraíndo-se da duração desta combinação, e sobretudo do mo-

vimento fixo e regular que êstes corpos deviam seguir; e vê-se quanto não seria mais difícil que se realizasse só por efeito do acaso. Por conseguinte, concedendo-se mesmo que se tivesse encontrado a combinação desejada, perguntaríamos ainda por que é que os corpos aí se deviam conservar, e, o que é mais admirável, por que se deviam conservar executando um movimento contínuo, sujeito a leis fixas e constantes? Como! seria ao acaso, ao cego acaso, a esta palavra sem sentido, que se deviam atribuir as leis admiráveis que regem o movimento do universo?!

Vendo-se uma combinação, por pouco complicada que seja, um objeto de arte o mais simples possível, perguntamos instintivamente, sem reflexão, quem foi seu autor; e o acaso não se oferece a nosso pensamento, como meio de explicar um trabalho qualquer; porque o acaso não é nada, é o nada nada produz. Onde quer que se encontre um ser, é preciso uma razão para explicar a sua existência; onde encontramos uma obra-de-arte, é-nos preciso um artista, e em tôda a combinação nós colocamos necessariamente uma inteligência.

Acaso, num mundo em que, em tôdas as partes, reina o cálculo e a geometria! Acaso, nos movimentos que se executam em razão direta da massa dos corpos, em razão inversa do quadrado das distâncias! Acaso, nas revoluções dos planêtas, revoluções em que os raios vetores descrevem espaços proporcionados aos tempos! Acaso, os quadrados dos tempos, nas revoluções dos planêtas, estão entre si como os cubos do grande eixo de suas órbitas!

Admiramos um dêstes mecanismos engenhosos, uma destas esferas artificiais, com que o gênio do homem representa o movimento do sistema planetário, e não reconhecemos uma inteligência, não veremos a mão da Sabedoria infinita, quando levantamos os olhos para êsse grande e verdadeiro sistema planetário que funciona em volta de nós, para êstes corpos de proporções colossais que percorrem sua imensa órbita com uma espantosa rapidez e uma precisão matemática?

Acabamos de ver que só o arranjo do sistema planetário não poderia ser atribuído ao acaso, sem evidente absurdo; e todavia êste sistema vasto como é não é nada em comparação ao universo.

As estrêlas fixas até hoje observadas não se elevam a menos de *cem milhões*; e para se formar alguma idéia da imensidade dos espaços que elas ocupam, basta ponderar

que elas estão afastadas de nós por distâncias que a imaginação não pode conceber. Observam-se com telescópios que aumentam duzentas vezes a grandeza do objeto, e elas não se apresentam todavia senão como pontos luminosos. Qual não deve pois ser a distância que se pode tornar duzentas vezes mais pequena, sem que seja possível notá-lo? Que serão êstes corpos? Serão os centros de outros tantos sistemas planetários semelhantes ao nosso? O que haverá nestes espaços, em que os sóis não são a nossos olhos e para nossos instrumentos senão pontos por assim dizer imperceptíveis?

A nossa inteligência se abisma sob o pêso desta imensidade, a imaginação se cansa de a percorrer, e a alma humana acabrunhada por tantas maravilhas se confunde e se aniquila em presença de seu Autor.”

Fala um hinduísta

SYLVAIN LÉVI, professor do Colégio de França, considerado um dos sábios hinduístas dos tempos modernos, oferece-nos uma página admirável em que nos revela o que êle sabe de Deus:

“Se de Deus eu soubesse alguma cousa, eu seria Deus, ou Deus não seria Deus. Deus é a soma de nossas ignorâncias, e não conheço outra melhor definição que aquela de nossos velhos pensadores hindus a quem devemos os Upanishad: *neti net* “a negação é a única palavra que se aplica a êle.” O “bom Deus” das religiões é apenas uma mísera tentativa para traduzir em palavras positivas, para uso das multidões, êsse conceito vazio e frio; os argumentos dos filósofos para demonstrar a existência de Deus e suas perfeições, são apenas um exercício brilhante da razão humana sobre um campo que lhes é incomensurável; os místicos que pretendem ter tido a experiência de Deus na comunhão ou na visão exprimiram apenas estados psicológicos de ordem humana. Pode parecer cômodo, e até vantajoso, deixar dormir ou dissipar brutalmente um conceito tão irritante em sua negação; mas então é o homem, o mais perfeito dos organismos conhecidos, que vem ocupar o cume do Universo. Triste rei, misero em seu trono de carnaval, joguete de forças desconhecidas que o assaltam e o aniquilam! Deus é uma lição de modéstia e de sabedoria; seu nome é um símbolo que expressa ante o finito tudo quanto o finito não poderia conter.

Mas o símbolo só vive do consentimento adquirido; suprimi êsse consentimento, e a bandeira será apenas um pedaço de fazenda tingida. O símbolo supõe a imaginação e o exige. Ora os espíritos “racionais” proscrevem a imaginação; êles esvaziam os símbolos. Êsse Deus, reduzido ao Padre Eterno com sua grande barba branca, é apenas um objeto de riso. É um sintoma inquietante de nossa época essa mutilação consciente e voluntária do domínio do pensamento. O homem não é livre para marcar uma fronteira entre o desconhecido e o incognoscível; pode escolher os pro-

blemas que êle acredita em estado de resolver; não tem o direito de negar aquêles que êle desespera de esclarecer. Sua impotência verificada é uma advertência que deve ouvir; levado pela fatalidade de sua inteligência à procura das causas, não pode poupar-se à vertigem assombrosa das reflexões sôbre a causa primeira; sua ciência, fundada sôbre as leis e sôbre a ordem da natureza, postula uma espécie de lugar geométrico dessas leis e dessas ordens. E eu vos felicito sinceramente de ter trazido à atualidade uma palavra quase desusada, marcada por uma espécie de tabu por aquêles que acreditam poder afastar do espirito humano a angustiante obsessão do mistério.”

GEORGES GOYAU, amigo de Leão XIII, membro da Academia Francesa, teve sôbre Deus estas palavras:

“Sei que Êle é. O que êle é, não pergunto aos filósofos que o digam; e ademais sinto que após certo esforço êles se recusarão, por não encontrar expressões adequadas às suas concepções, e por não considerar suas concepções como suscetíveis de serem noções adequadas de Deus. Quando São Gregório, o Grande, nos confessa: “É balbuciando como podemos, que repercutimos os sublimes ecos de Deus”; quando São Tomás nos diz: “Deus é o Desconhecido”, ou melhor ainda: “Os nomes humanos, até os melhores, podem ser afirmados de Deus e podem ser negados; podem ser negados tão bem e melhor do que afirmados”; quando o olhar de São João Damasceno experimenta em vão mergulhar “neste oceano da substância, infinito e indeterminado”; quando Dionísio, o Areopagita, fala “dessa espécie de trevas em que dizemos que Deus habita”, êles não realizam ato de agnosticismo, como certas fórmulas induziriam a crer, mas dão testemunho da impossibilidade de definir o Ser soberano, de dizer o que é. O que os filósofos me ensinam, é sobretudo o que não é Deus.

E as palavras: Eu sou Aquêlê que é, são palavras perante as quais nos ajoelhamos sem aspirar a definir, sem poder definir, pois somos “aquêlê que não é”.

Alguns dos que me cercam consideram “o divino” — essa palavra, muitas vêzes, lhes parece preferível a Deus — como uma elaboração de nossas virtualidades religiosas,

como um desvanecimento de nossas subjetividades: o divino, assim concebido, torna-se em nós um perpétuo devir; Deus — êsse Ser que tradicionalmente veneramos como Criador — seria antes, uma espécie de produto de nossas religiosidades criadoras.

O divino, para outros espíritos, é imanente à natureza inteira; é a própria natureza, confunde-se com ela; nela se absorve, se abisma a personalidade divina. Em suma, era o homem criado que criava o Criador; agora, é a natureza criada que o suprime, parece, ao absorvê-lo.

E ademais ouço as negações, carregadas de agravos daqueles que condenam o Deus dos deístas, de não se ocupar dos míseros humanos, de ser, em seu céu, tão distante, de ser tão preguiçoso em sua eternidade, que as coisas se passam, para falar praticamente, como se êle não existisse.

Qualquer afastamento que experimento quanto a essas diversas atitudes intelectuais, sinto contudo que cada uma dentre elas trai certas necessidades demasiadamente autênticas, certas tendências realíssimas de nossas almas, e quereria dar-lhes um esboço de satisfação.

Primeiramente, temos necessidade — isto é certo — de sentir Deus viver entre nós; preferimos mais e melhor que uma noção puramente intelectual de Deus: queremos ter dêle o que a fraseologia atual do protestantismo genovês chama uma experiência: experiência íntima, experiência mística, experiência progressiva. E eis porque os filósofos do subjetivismo vêm dizer-nos com um fervor de inventores: “Construí para vós mesmos o vosso divino; desenvolvi-o em vós e desenvolvi por êle; elaborai em vossas almas um progresso divino, que se confundirá com vossa cultura pessoal”.

Em segundo lugar, temos necessidade — isto é não menos certo — de misturar a natureza ao culto que prestamos a Deus. Temos o sentimento de que a natureza é seu “em si”, que êle se deixa aí adivinhar, que, por, essas coisas visíveis, podemos elevar-nos ao Ser invisível. Êste sentimento repousa em nós sôbre algo de mais forte, de mais íntimo, que não é a noção metafísica de sua ubiqüidade; repousa sôbre a necessidade que temos de encontrar Deus em tôda a parte, de reconhecê-lo em tôdas as obras. E eis porque o panteísmo parece realizar um progresso em relação a certas as-

pirações nossas, dizendo-nos: “Por que concebeis como diferente delas esse Deus que vossos olhos entrevêem através do espelho das coisas visíveis? Ele está imanente nelas, confunde-se com ela; não vos deixeis envolver pela divindade como por uma ambiência?”

Em terceiro lugar, temos necessidade — a história de tôdas as religiões no-lo atestam — de um Deus que se ocupe de nós, e que nos prometa sua solicitude, que se revele pelas mensagens, e que se revele pelos benefícios. E esta exigência referente a Deus está tão profundamente gravada em nossas almas que nós compreendemos, numa certa medida, as rebeliões do ateísmo em presença do Deus do deísmo, Deus mudo às nossas perguntas, Deus surdo aos nossos desejos, não menos avaro de benefícios que de mensagens. Esse Deus surdo-mudo será ainda Deus? Esse Deus quase enfermo, não nos espanta, em definitivo, que o ateísmo o negue.

Mas essas diversas necessidades, eu as encontro satisfeitas no que de boa vontade chamarei a história de Deus — por paradoxal que pareça pronunciar a palavra história a propósito do Eterno, como se pudéssemos encerrar no tempo o episódio de sua eternidade.

A história de Deus — perdoem-me a expressão — mostra-me Deus criador ocupando-se, na Gênese, de dar à Humanidade seu domínio terrestre, proclamando-lhe a lei do trabalho; Deus legislador ocupando-se de endireitar ou orientar seus costumes pelo código do Sinai.

A história de Deus apresenta-se a mim fazendo-se homem para trazer uma mensagem e para realizar o bem, e prolongando sua mensagem e prolongando sua presença por duas instituições das quais uma se chama Igreja e a outra, Eucaristia.

Enquanto o deísmo afasta Deus da terra, a história de Deus, tal como a lemos através dos aluviões do depósito cristão, aproxima-o perpétuamente da terra, e até mais e mais intimamente. E naquele século dezoito em que o deísmo produzia estragos, produziu o século em que amadureceram lentamente nas almas, após as visões de Paray-le-Monial — último grande episódio da história pública de Deus — um conhecimento mais pleno e mais atrativo de tudo quanto há nêle de piedade. Quando se crê isto, sabe-se muito acêrca de Deus; e quando se coloca nessa hora trágica

que marca a linha de separação entre as duas épocas da história, quando se coloca à hora do Calvário, cessa-se de objetar a Deus, como uma afronta, o sofrimento humano, ao verificar que êle queria ser dêle o protótipo e permanecer o auxiliar dêle.

A história de Deus satisfaz, também, à necessidade que temos de sentir Deus presente na natureza, mas presente para elevar até êle, presente para consagrá-lo.

Ela nos mostra nossas liturgias invocando sacramentalmente, para o maior dos atos humanos que é o ato do culto, o concurso da água, dêsse azeite, dos instrumentos da graça divina; ela nos mostra, na liturgia eucarística, Deus quotidianamente, de um lado a outro da terra, servindo-se do grão do trigo, do fruto da vinha, para transplantar entre nós uma carne divina, um sangue divino, e a natureza tão intimamente divinizada por semelhantes práticas, como não o poderia ser pelas românticas ilusões do panteísmo.

A história de Deus, finalmente, satisfaz à necessidade que temos de sentir Deus presente em nós. O jansenismo, saciando a vida eucarística, afasta do fôro íntimo de nossas almas a realidade divina; e entre êsses anjos assim despojados, alguns, pouco a pouco se tornaram mais acessíveis à concepção de um Deus que nos seria íntimo por ser imanente e por ser em definitivo, a criação de nosso desejo. Nesse sonho, havia ainda uma homenagem a Deus, uma homenagem sobretudo a êsse realismo eucarístico, fora do qual as almas, em jejum pelo jansenismo, procurariam febrilmente, e sem sucesso real, um Deus que lhes fôsse próximo, um Deus que verdadeiramente possuíssem. Mas à medida que as disciplinas sacramentais de nossa época contemporânea, mas liberais quanto às almas, os impeliam para o tabernáculo em que o jansenismo negociava a aproximação, viu-se precipitar nelas a noção dessa colaboração entre Deus e a religiosidade humana, que se chamava a vida eucarística. Os que se punham à escuta das diversas experiências religiosas sentiram — vemo-lo numa página de Taine — a força experimental e a potência de espontaneidade que certas almas encontrariam neste contacto sacramental, adivinharam a alegria que elas experimentaram ao sentir Deus progredir nelas, e ao sentir progredir em Deus, e a ascender, de passagem em passagem, de comunhão em comunhão, o paralelismo dos dois progressos. Nessas profundidades do ser humano, a história de Deus confunde-se com a

história da alma comunicante; e os filósofos que concebiam um Deus realizando-se em nós, podem entrevê-lo, nas confidências das mais humildes almas religiosas, de todos os outros horizontes.

Não se trata mais aqui, de um devir divino de que o homem é o autor e o árbitro, mas de um devir humano cujo Deus é o autor, e que abre ao cristão os caminhos da deificação. “Deus fêz-se homem, dizia antigamente um Padre da Igreja, para que o homem se tornasse Deus” E esta maneira de transfiguração, que gratuitamente se oferece a todo cristão de boa vontade, aparece-me como a suprema passagem que se pode atingir aqui em baixo no conhecimento de Deus, pois ela supõe e exige o amor.”

Deus desconhecido

TEÍSTA — Estas são as palavras de uma das glórias da literatura belga: Maeterlink. Perguntado um dia sôbre o que sabia êle de Deus, assim respondeu:

“O que sei de Deus? — O que sabem as grandes religiões, isto é, absolutamente nada. Êle é o imenso, o irreductível, o eterno Desconhecido, o ponto de interrogação no infinito, as trevas, o nada ou o todo, Zohar. Para não sepultá-lo no silêncio que é o único templo que se lhe possa consagrar, pode dizer-se que êle é o espírito, a inteligência do Universo. A Inteligência do Universo, sendo infinita, nos é inacessível.

Entrevemos sòmente uma ínfima parte no que podemos chamar a Natureza que é o espetáculo da vida sôbre nossa pequenina terra. Mas até neste teatro insignificante, esta Inteligência que parece algumas vêzes afim à nossa, nos desconcerta a cada instante. Ela ai acumula maravilhas que ultrapassam tudo quanto nosso engenho poderia inventar ou imaginar; mas de um outro lado, nela notamos erros, imprevidências, impericias que não conseguimos explicar. Não conseguimos outrossim explicar que essa Inteligência que deve ter uma finalidade, não tenha ainda atingido a eternidade que precede o momento em que estamos; o que quer dizer que ela não atingirá nunca, já que as duas extremidades, a saber aquela que nos precede e aquela que nos segue, são idênticas ou antes são apenas uma.

Eu me inclino, eu me calo ante Êle. Quanto mais avanço, mais Êle recua seus limites. Quanto mais penso, menos o compreendo. Quanto mais olho, menos vejo, e menos vejo, quanto mais estou certo de que Êle existe; pois Êle não existe, é o nada em tôda a parte; e quem pode conceber que o nada exista.

Sou feliz por nada compreender quanto a êste ponto. Se pudesse nesta vida saber ou conceber o que é Deus, preferiria nunca ter existido; pois o Universo não seria mais

que um incomensurável absurdo. Como o disse, há milhares de anos, o *Sama-Veda* "É conhecê-lo o ignorá-lo inteiramente."

TEÍSTA — E antes de encerrar a exposição de minhas teses, quero repetir as palavras profundas de um dos maiores pensadores da França, Louis Massignon, o ilustre arabista:

"Deus não é uma invenção, é uma descoberta. Nesta questão que se coloca, cedo ou tarde, de maneira pessoal, inevitável e aguda, tôda a diferença está nisto: entre a busca do ateu e a vocação do místico."

Expus em linhas gerais, aproveitando-me dos argumentos mais famosos a idéia de Deus e as grandes provas que a justificam. É tão universal e tão robusta a idéia de Deus que o simples fato de ainda não a terem os ateus destruído, depois de tanto trabalho e tanto esforço em derrocá-la, e a perenidade desta idéia, num mundo em que se dissolvem os costumes, em que as guerras mais destrutivas derruem as mais belas obras humanas, seriam suficientes para prová-lo. Há ateus e aos milhões, sei. Mas todos eles sentem, dentro de si a necessidade de uma lei geral, de uma regra suprema, de uma força suprema que oriente e dirija o universo. Negam Deus, mas afirmam o absoluto da matéria. Negam Deus, mas afirmam o absoluto da energia. Quando não compreendem o movimento da matéria, do universo, afirmam ser êle intrínseco à matéria e ao universo. Incluem, por todos os meios, a mesma idéia de Deus em tôdas as coisas. Dão-lhe outro nome: chamam-no acaso, destino, leis gerais, universais, movimento, energia, força, seja o que fôr, mas dão-lhe sempre os atributos de Deus.

Não podem fugir Dêle. Dêle precisam quando lhes sobrevêm os momentos de sofrimento e de angústia. Clamam por uma força mais forte do que o homem que os salve. Negam a Deus em palavras, mas precisam dêle para tranqüilidade de sua alma. Podem os ateus negar a Deus. Mas quando procuram destruir a sua idéia, constroem outra dentro de si mesmos.

Agora que terminei a exposição dos argumentos de Deus, pode o amigo expor as idéias que tem para combatê-lo. Ouvirei com o mesmo respeito com que me ouviu.

TESES
DA
INEXISTÊNCIA DE DEUS

A idéia naturalista de Deus

ATEU — Expôs o amigo os argumentos que julga mais ponderáveis em prol da afirmativa da existência de Deus. Agora é a minha vez de responder apresentando os argumentos que julgo definitivos para a negação dessa crença. Vou fazer, de início, uma rápida exposição da idéia de Deus, do ângulo naturalista. Seguirei depois apresentando os argumentos racionalistas contra a idéia de Deus, para finalizar com argumentos mais gerais que sintetizam aquêles e que me levaram, por fim, a não aceitar a idéia de um ser superior, inteligente e todo-poderoso, no sentido que todos os crentes dão, por ser êle absolutamente descabido dentro dos conhecimentos atuais além de desnecessário para a melhoria do homem ou para o seu progresso, quer individual, quer social.

Portanto, comecemos:

A idéia de Deus é mais complexa e, também, posterior. As tribos selvagens que possuem a idéia de Deus, são as mais avançadas economicamente. Através das declarações de geógrafos, etnólogos, viajantes e pastores protestantes muitos povos primitivos não tinham nem têm nenhuma idéia de Deus. Entretanto possuíam e possuem a idéia de alma e praticam uma espécie de culto dos mortos, sem aceitarem a idéia da imortalidade da alma. A idéia de Deus é uma aquisição posterior. A idéia da alma e da sua sobrevivência após a morte do corpo é uma invenção dos selvagens para poder explicar os fenômenos do sonho. Essa opinião defendida por Lafargue, também o é por Cunow e tem suas bases em todos os credos dos povos, além da comprovação pelos fatos. O selvagem que não duvida da realidade dos seus sonhos, vendo que, nêles, combate, caça, passeia e ao acordar-se encontra-se onde estava, depreende daí que um "outro-êle", um "duplo", impalpável, abandonou o seu corpo adormecido para vagar pelos campos, bater-se, caçar, etc. E, como em sonho, via seus antepassados e amigos mortos, depreendeu que a alma não desaparece com o corpo e que ela sobrevive. E assim se exprime Lafargue:

“O selvagem, “essa criança do gênero humano”, como o chama Vico, tem, assim como as crianças, noções pueris sobre a natureza; acredita que pode ordenar aos elementos como a seus membros, que pode, com palavras e práticas mágicas, ordenar que chova, que o vento deixe de soprar, etc.; se, por exemplo, teme que a noite o surpreenda no caminho, toma certo número de ervas para reter o sol, como o fez Josué, segundo a Bíblia, com uma única prece. Tendo os espíritos dos mortos poder sobre os elementos num grau mais elevado que os vivos, invoca-os para que produzam os fenômenos por êle desejados. Um valente guerreiro e um feiticeiro hábil, possuindo mais ação sobre a natureza do que os simples mortais, seus espíritos, quando morrem, devem, por conseguinte, ter sobre êles um maior poder que as almas dos homens comuns. O selvagem escolhe-os na multidão dos seus espíritos para honrá-los com oferendas e para suplicar-lhes que façam chover quando a sêca compromete as colheitas, para dar-lhe a vitória quando entra em combate, para curá-lo quando está doente. Os homens primitivos partindo de uma explicação errônea do sonho, elaboram os elementos que, mais tarde, serviram para a criação de um Deus único, o que, em definitivo, é um espírito mais potente que os outros espíritos”.

Freud, em “Totem e Tabu”, funda a gênese da idéia de Deus na necessidade de substituir o papel providencial do pai, que nos falha ou não basta na idade adulta; e nessa obra estende êsse fator ao desamparo que leva o homem a pedir um auxílio superior, para a luta pela existência.

A opinião de Freud não contraria a opinião acima, pois as duas se completam. Deus, na concepção de nossos antepassados, tem uma figura humana, com mãos, cabeça, braços, etc. Isso é mais um elemento de prova da natureza absolutamente humana da idéia de Deus. No mundo de hoje, sobretudo entre a classe dominante, vemos, ainda, uma numerosa quantidade de indivíduos que aceitam e pregam a idéia de Deus. Ora, na sociedade capitalista, o homem não é nada e o que vale é a propriedade. É ela quem determina a parte que lhe cabe nos despojos dos bens humanos. O capitalista está acostumado a ver convergir para as suas mãos, grandes somas de dinheiro, sem precisar o emprêgo de grandes atividades. O proletariado lhe garante a subsistência, o conforto e o luxo. Naturalmente, êle que nada faz ou pouco faz, tem premente necessidade de crer em alguém que tenha feito tudo, e êsse alguém é Deus!

O cristianismo, no início, era a religião das classes miseráveis da sociedade. Tornou-se depois a religião por excelência da classe dominante, porque, em essência, o Cristianismo é parasitário.

Jesus, no Sermão da Montanha, como ressalta Lafargue, expõe de maneira magistral o caráter do cristianismo na fórmula do Padre-Nosso, prece que todo o fiel deve rezar diariamente a seu Deus, pedindo-lhe o pão cotidiano em vez de lhe pedir trabalho. E para que ninguém procure o trabalho, Cristo ajunta: “Olhai os pássaros do céu, êles não semeiam nem colhem e vosso Pai celeste os alimenta... Não vos inquieteis e não digais pois, que comeremos amanhã, que beberemos, com que nos vestiremos?... Vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de tôdas essas coisas.” O chamar a Deus de Pai, prédica de um parasitismo oriental, é característico do Cristianismo, que se torna, cada vez mais, a religião por excelência da burguesia, ao mesmo tempo que aumenta a irreligiosidade do proletariado.

A ignorância do mundo social é a grande propulsora das idéias espiritualistas e da idéia de Deus entre os burgueses. Chegam a cair nas mais grosseiras superstições, como acender velas para melhores condições dos títulos na Bôlsa, etc. Além disso a religião é, para o burguês, de grande valor econômico. Ela promete o céu, a felicidade eterna a todos indistintamente. O burguês sabe que vai para o céu, pois nada fez que não o merecesse.

O trabalhador, que se queixa, que murmura, encontrará, também, na felicidade eterna do paraíso aquilo que lhe foi negado aqui. Por outro lado a irreligiosidade cresce, toma proporções alarmantes, para o burguês, entre os proletários. Tôda tentativa de cristianizá-los cai por terra. A forma de produção social que cria a religiosidade no burguês, cria a irreligiosidade no operário. Enquanto o burguês crê no pai celestial que lhe dá o pão de cada dia, o operário sabe que, sem o trabalho, não o consegue ganhar.

O burguês, que já nasceu em ambientes ricos, de fartura, pode rezar porque recebe o desejado. O operário, não. Êle sabe que é preciso gastar muitas forças para ter o suficiente para não morrer de fome. Essas condições de vida predis põem a irreligiosidade entre os trabalhadores, irreligiosidade que leva os trabalhadores a estudarem vivamente os problemas, e a compreender as causas gerais e a fortalecer a sua crença, numa orientação positiva, científica, clara.

Que mais pode desejar o proletariado que o aumento de salário? Ele não tem, como o burguês, a possibilidade de ver-se da noite para o dia rico, o que torna a êste supersticioso e crente. Ele sabe que dificilmente poderá melhorar a vida econômica e conhecendo a vida como ela é, procura as suas causas na própria vida, no próprio aparelhamento econômico. Ao contrário de tôdas as épocas sociais, o proletariado, a classe infeliz, miserável da sociedade, é materialista, quando, em geral se dá o contrário na história, em que estas são as que engendram as idéias espiritualistas. Mas as causas dessa notável modificação são compreensíveis. De mais a mais, o proletariado já não vive nos campos, onde poderiam ser engendradas idéias supersticiosas sobre os fenômenos universais. Uma explicação racional do mundo, como oferece a ciência, está bem conhecida dos trabalhadores. A idéia de Deus é absolutamente desnecessária para a compreensão do Universo e de todos os fenômenos.

Muitos não se libertaram da idéia de Deus, idéia que lhes foi impressa no cérebro, quando crianças, quando principiaram a interrogar sobre as causas dos fenômenos, e lhes gravaram na consciência em formação a crença num papão terrível, vingativo, tenebroso, que tudo vigia, que fez tudo e que tudo se faz à sua vontade, o bem e o mal, os cataclismos e as guerras! E essa idéia terrível, um verdadeiro complexo no homem, causa de tantas neuroses e sobretudo do impedimento de a humanidade poder adiantar-se na via do progresso, para mim precisa ser extirpada, precisa ser anulada com a explicação racional dos fenômenos do mundo e com a demonstração lógica, objetiva, de sua obscuridade! E é isso que eu vou fazer agora. Exporei primeiramente as razões que me levam a não aceitar a idéia de Deus, e comentarei, por fim, as razões frágeis daqueles que defendem esta idéia.

Examinando assim o problema de Deus, friamente, positivamente, materialisticamente, compreendemos porque na sociedade burguesa tanto escândalo provoque qualquer doutrina que venha explicar sob uma base inteiramente científica os fenômenos que até então estavam sob o domínio das explicações espirituais. Uma grande resistência em nome de uma falsa moral, feita de hipocrisias e de ignorância, opôs a sua barreira de ferro a tôdas as idéias "ousadas". Os próprios cientistas não tiveram a coragem heróica de sobrepor-se a essa barreira. Raros nomes topamos na história

da ciência nestas últimas décadas. O próprio Haeckel, que tanto escandalizou, não teve a coragem suprema de levar as suas observações científicas até as últimas conseqüências. Se um Max Nordau foi mais além, encontrou um limite que não quis ultrapassar. E por quê? Porque essa resistência foi enorme. O próprio Estado colaborou nela, naturalmente, como organização da classe dominante. E a arma principal que se usou foi o silêncio. Um círculo de ferro feito à frente das novas idéias. Mas, apesar de tudo, algumas vozes foram ouvidas. E suas idéias germinaram. Um Schopenhauer, um Nietzsche e sobretudo um Marx, um Engels, conseguiram encontrar ouvidos que os ouvissem e consciências que os compreendessem.

Que exemplo mais belo do que o de Freud para ilustrar minhas palavras! Quando expôs suas doutrinas, formou-se à sua volta um ambiente de completa reação. Genial, indiferente, continuou a sua obra. E venceu. Hoje o "freudismo" é algo que se afirma e no qual a arma do silêncio de nada valeu. É que as idéias, quando são grandes, não se abafam com repreensões nem sangue. A violência só lhes pode dar mais vitalidade. A mentira, o exagero preconcebido, pode frutificar nos ignorantes, nunca nos que lêem e procuram a verdade. Tôdas as armas, que em nome de uma moral de truques e de uma psicologia de prestidigitação se levantaram, caíram por ineficazes. Há trinta anos falar-se na questão sexual era verdadeiro caso de polícia, como foi de polícia falar-se em questão social. E a que assistimos hoje? Uma idéia em marcha. Uma questão que apaixonou a todos. Antes era como dizia Stefan Zweig em seu livro "Freud": "Admiravelmente obedientes a essa tática (a tática do silêncio), tôdas as potências intelectuais, servas da cultura, deixaram hipòcritamente o problema de lado. Durante um século, em toda a Europa, a questão sexual foi posta em quarentena. Não é negada, nem confirmada, nem trazida à discussão, nem resolvida, mas suavemente impelida para trás de um biombo. Um formidável exército de guardas disfarçados em mentores, preceptores, pastores e censores, ergue-se para arrebatá-la à juventude sua espontaneidade e sua alegria carnal. Ninguém diante dêle fala livremente e não é com isso que o libertam. O que êle sabe, só pôde aprender em casas de tolerância ou pelos cochichos dos camaradas mais idosos. E como cada qual só ousa repetir em voz baixa essa ciência das coisas mais naturais da natureza, todo adolescente que cresce serve in-

conscientemente de novo auxiliar a essa hipocrisia da civilização.”

Assim como falamos da questão sexual, podemos referir-nos sobre o problema de Deus. As mesmas armas foram usadas para combater os que explicavam cientificamente, higiénicamente o mundo, sem papões e sem misticismos prejudiciais. A idéia de Deus é variada. Pelas próprias palavras do amigo vê-se perfeitamente como ela assume formas diversas, até contraditórias. Se para os gregos e romanos havia muitos deuses, para outros povos havia dois ou um. Mas essa mesma crença, referia-se a “seu” deus, embora acreditassem na existência dos deuses dos outros povos. É assim o caso dos judeus, que aceitavam a existência de Jeová, mas acreditavam na existência dos deuses das outras nações, como se depreende de vários tópicos da Bíblia.

As divindades greco-romanas eram chamadas *poliades*. Eram deuses particulares às cidades, às famílias, representando a divinização de um ancestral, etc. Esses deuses se localizavam num determinado lugar, num templo, numa pedra ou numa Arca da Aliança, como Jeová, que, nos combates, era levada à frente, a fim de lutar pelo seu povo. Quando esses deuses municipais não eram ou estavam à altura dos pedidos constantes que se lhe faziam, satisfazendo muito mal às suas obrigações de deus, os seus inventores criavam outro deus que era pôsto ao seu lado para melhorá-lo. Bem, não vou fazer aqui um estudo sobre a caracteriologia dos deuses antigos. Minha finalidade é provar a inexistência de Deus. Quanto aos deuses greco-romanos é absolutamente ingênua a sua idéia e ninguém hoje pode acreditar nêles. Mas a idéia de Deus que hoje se faz no mundo filosófico e religioso é completamente diferente dessa idéia antiga.

A idéia de Deus, geralmente difundida é esta: Deus é um espírito absolutamente poderoso, onipotente, onipresente, onisciente; bom, justo, misericordioso; autor de todas as coisas, que as tirou do nada; juiz implacável e justo de todos os homens: infinito, necessário, ativo, a representação enfim de todo absoluto. Isso é Deus. É essa a idéia que a Humanidade faz de Deus, através do que me disse. Essa idéia de Deus vai desaparecendo gradativamente da face da terra, graças ao desenvolvimento da ciência e da educação. A Humanidade liberta-se desse tabu milenar, criado pelo homem, projeção imensa do homem através do espaço.

Mas provemos a sua inexistência: Para provar a inexistência de Deus podemos usar de duas maneiras: Por uma negação simples e uma concomitante explicação racional e científica do Universo, sem que a idéia de Deus se faça necessária ou pelo exame do conceito de Deus, salientando de maneira irrefutável a noção que o mundo tem desse ser imenso. Usaremos o segundo processo. Antes de entrar na análise do problema, examinemos o seguinte ponto: A matéria não está inerte e sim em contínuo movimento e transformação. Tudo no mundo se move. Movem-se as partículas mínimas da matéria, átomos, moléculas, etc. A matéria transforma-se em novos corpos, seres, etc. A mesma quantidade de matéria que já existia no Universo em geral há milhões de anos, continua a existir, embora transformada, etc. O reino vegetal de hoje e o reino animal, não são os reinos de um milhão de anos atrás. A matéria sofreu transformações, modificações, lentas ou bruscas, etc. Isso hoje é axiomático em ciência. São princípios que ninguém pode negar. Faço-o para melhor esclarecimento dos meus raciocínios na demonstração da inexistência de Deus, por absurda, inútil e contraditória. Vou agora entrar na questão:

Deus criou?

“Ex nihilo nihil”

LUCRECIO

Eis o que dizem de Deus: “Deus é o criador de todas as coisas e do nada as tirou”. Assim todas as coisas que existem no Universo foram criadas por Deus. Bem, sabemos cientificamente, comprovadamente, que o que hoje existe, como indivíduo, como ser, não existia há muitos anos atrás.

Por exemplo: eu. Quem me criou? Meus pais. E meu pai? Meus avós, e assim sucessivamente. Segundo a lenda religiosa, Deus poderia ter criado os primeiros homens. Mas esses mesmos a ciência... Não é assim que querem colocar o problema, como aliás deviam colocá-lo. Digamos, mas simplesmente para favorecer a idéia religiosa, que Deus criou o Universo em geral e que este, pelas sábias leis que lhe deu, segue a sua marcha para o futuro, transformando-se, evoluindo e revolucionando-se, etc. Mas essa não é a crença de muitos devotos. A idéia de Deus, que acima damos,

já é uma idéia que pertence a filósofos crentes, a alguns cientistas ainda presos a essas idéias e às religiões mais adiantadas. Segundo o catolicismo essa idéia não pode ser aceita. A idéia de Deus dos católicos é a mais atrasada que se pode conceber, no mundo ocidental. Outras religiões se adaptam mais facilmente às conquistas religiosas e o seu Deus é bem elástico de forma que pode, aparentemente, estar de acôrdo com as conquistas modernas. As religiões, como a católica, não crêem em transformações! Para ela tudo é como dantes. Os primeiros homens foram postos no mundo, com Adão e Eva, há uns seis mil anos no máximo, ao sexto dia após a criação do mundo. No entanto a ciência nos prova que o homem já vive no universo há mais de três centenas de milhares de anos.

Essa idéia de Deus estriba-se unicamente na fé, fé que se sobrepõe à ciência! Para a idéia de um Deus criador impõe-se aceitar que êle tirou do nada, tudo isso, todo êsse infinito de grandeza que existe no Universo afora. Tudo foi criado por Deus. Mas se Deus criou é porque tirou do nada. Do contrário não é criar, é juntar, adaptar e, então, a idéia de Deus tornar-se-ia mais burlesca ainda. Deus tirou tudo que existe do nada. Formou o existente do inexistente. Há algum cérebro que conceba isso? Pode-se do nada tirar alguma coisa? Experimentai:

$$0 + 0 + 0 + 0 + 0 + 0 + 0 + 0 + 0 + 0 + 0 = 0$$

Multipliquem-se milhões de zeros por milhões de zeros que teremos sempre zero. E zero é nada. Do nada só nada se pode tirar, isto é, não se pode tirar coisa alguma. E Deus não podia tirar do nada alguma coisa. "Ex nihilo nihil", dizia Lucrécio. Do nada nada se pode tirar. Não há matemático que o consiga e a matemática é uma ciência abstrata. Para quem exclamar: "Creio porque é absurdo", a crença de que Deus tenha criado o mundo cai por ser absurda. Para quem veja o mundo sob o seu aspecto real, êsse absurdo não pode ser aceito. Deus não criou o mundo porque do nada nada se tira. É o que eu queria provar!

TEÍSTA — Permite uma pergunta?

ATEU — Pois não.

TEÍSTA — Mas sabe você acaso o que é êste nada? Que se passa com êsse nada? Existe êle para você?

ATEU — A palavra já o diz. Nada é o que não existe; é negação absoluta do que existe.

TEÍSTA — Sim, mas existir é o estar aqui e agora, é o que tem espaço e tempo. Não seria o nada algo que não constitui propriamente o que chamamos existir, e estar aqui e agora, o ser que tem tempo e ocupa espaço? Não seria o nada algo que é fora do tempo e do espaço? E não seria necessária para transformar êsse algo em existência a ação de uma força superior às forças do que existe, do que tem tempo e ocupa espaço, Deus, em suma?

ATEU — Não, e digo simplesmente porque, remontando à mesma argumentação anterior: Se Deus tornasse o nada em algo existente, daria a êsse nada os atributos da existência. Ora, não possuindo o nada nenhum atributo da existência, pois, como você mesmo aceita, é absolutamente contrário à existência, Deus teria de criar ao nada os novos atributos. Logo, haveria criação no sentido que expus. Isto é, tiraria de onde não tem, do zero, atributos da existência e o absurdo permaneceria o mesmo.

TEÍSTA — E se lhe dissesse: o fato de não podermos compreender a criação não refuta a criação. Se pudéssemos compreender Deus não seríamos homens, mas Deus. E poderia acrescentar mais: de que então valeria a fé se eu pudesse compreender aquilo que me parece absurdo?

ATEU — Então caímos no terreno da fé e a fé é para mim o único argumento em defesa de Deus.

TEÍSTA — Pois eu lhe direi que não é só a fé, mas também uma experiência interior ainda: para aceitar a existência de Deus é preciso senti-lo.

ATEU — Mas, como eu não o sinto, como você diz senti-lo, prossigo na minha argumentação contra a existência de Deus:

Deus, espírito ativo

Se Deus existe, Deus é ativo. Um Deus inativo não é Deus, é um simulacro de Deus.

Um Deus inativo é um Deus preguiçoso, inútil, desnecessário, e Deus tem que ser, por força da concepção, ativo e necessário.

E eterno, pois um Deus que não seja eterno, não é Deus. A concepção filosófica de Deus, a mais racional e a menos absurda, concebe Deus um ser eterno. Um ser que nunca teve princípio nem fim. Um ser que sempre existiu e sempre existirá.

Infinito para todos os lados. Infinito no presente, no passado, no futuro, em suma: Eternidade.

Deus teve que ser sempre ativo. Do contrário teria deixado de ser Deus. Pois bem:

O Universo teve um princípio. Foi criado por Deus. Quer dizer que não vive eternamente, infinitamente no passado. Teve um início e esse início quem lhe deu foi Deus.

Antes de ter feito o mundo que fazia Deus? Antes de ter feito o Universo que fez Deus? Nada! Viveu inativo uma eternidade, até que num momento do seu tempo infinito resolveu criar o mundo.

Ora essa concepção torna a idéia de Deus ridiculamente absurda.

Um Deus inútil, parado, estático, um dia resolve criar o mundo.

Trabalha seis dias e cansa-se logo, descansa no sétimo, segundo o Gênesis. E, segundo outros, fez o mundo e dirige a obra como nós a temos.

Em suma: se Deus existe ele tem de ser sempre ativo. A sua inatividade, antes de ter feito o Universo, tudo, todos os mundos, espaços, etc., é uma negação de Deus.

Logo temos de concluir que ele não criou o mundo, o universo.

Do contrário temos de negar a sua qualidade infinita, perfeita, ativa. Temos de concebê-lo inútil, parado, estático, preguiçoso, indiferente. Ora isso seria negar o seu valor absoluto. Seria negá-lo.

De duas uma: ou se aceita que Deus criou o mundo e teremos de aceitá-lo um momento, no infinito dos tempos, inativo ou teremos de negar que tenha sido ele o criador do mundo. Em ambos os casos teremos negado Deus, teremos que concluir logicamente a sua inexistência!

Era isso que eu queria provar. Sobre esse ponto podemos frisar ainda uma concepção filosófica sobre Deus, a da chamada escola panteísta, de que Deus seja o próprio Universo, a *natura naturans*. A tese é tão fraca que merece poucas palavras em resposta.

Deus sendo perfeito, um espírito puro, não pode ser matéria. Do contrário não é Deus. E se a questão é ter-se um Deus e procura-se dar-lhe a concepção material, sem interferência na vida da matéria, na vida dos homens, a idéia de Deus cai por desnecessária, pois as leis conhecidas da ciência bastam para explicar os fenômenos.

Logo a idéia de Deus torna-se absurda e inaproveitável.

Deus imutável!

Com o desenvolvimento da ciência a idéia de Deus perde as suas características principais. Mas, os filósofos, temem viver sem ela: adaptam-na ao desenvolvimento da ciência. Isso, porém, não impede que a Humanidade, cada dia mais esclarecida, vá atirando para longe de si esse tabu milenar. Cada dia que passa maior é o número daqueles que não crêem na idéia de Deus e dela não necessitam para a prática de atos de fraternidade. Se fôssemos examinar todas as idéias de Deus que foram formuladas, teríamos de encher volumes e volumes. Basta, entretanto, os conceitos que dêle damos, conceitos genéricos, em todas as crenças religiosas e filosóficas, para reduzir, à sua verdadeira expressão, o que se concebe por Deus.

Continuemos, pois:

Crendo-se na existência de Deus, concebemo-lo imutável. Não se pode compreender um Deus que muda.

Um Deus que se transforma, implicaria estados diferentes e, portanto, seria imperfeito.

Deus, perfeito, absolutamente perfeito, sempre foi perfeito.

Deus, no presente, no passado, no futuro, é, foi e será, o que sempre tem sido, o que realmente é.

Logo a concepção de Deus o compreende imutável.

Bem, na Natureza tudo se modifica, tudo se transforma, nada é definitivo. Só Deus é definitivo.

Ora, Deus criou tudo o que existe. Se Deus criou tudo o que existe Deus não é imutável!

Para criar, Deus sofreu duas mutações:

- a) quando se determinou a "querer criar o mundo";
- b) quando executou a sua "volição".

Dois momentos na sua existência infinita que o tornaram diferente.

Dois estados que lhe tiraram a identidade eterna.
 Se Deus criou, Deus não é imutável!
 Se Deus não é imutável, Deus não é Deus, porque não
 é perfeito.
 Logo Deus não criou o mundo!

P o r q u e c r i o u D e u s o m u n d o ?

Eis uma pergunta que os crentes nunca responderam.
 Onde encontrarei uma resposta?
 Muitas existem, nenhuma satisfaz.
 Por que criou Deus o mundo?
 Qual foi a razão que o levou a praticar êsse ato?
 Qual o desígnio?
 Podem formular milhões de perguntas. Nenhuma res-
 posta satisfará.

Nenhuma.

Nenhum motivo encontrarão. Podem pensar, podem
 queimar o cérebro, podem derreter os nervos, nada con-
 seguirão.

Não obterão uma resposta suficiente.

Um ato tão grandioso como o da criação, que encerra
 êsse imenso mundo, não possui um motivo compreensível.
 E não pode ter, porque a idéia de Deus é absurda.

Deus é infinitamente feliz.

Não se pode conceber um Deus infeliz.

Deus vive, portanto, e sempre viveu e sempre viverá,
 infinitamente feliz. Por que criou o mundo?

Êsse mundo de misérias, êsse mundo de infelicidade,
 êsse mundo de dores e sofrimentos, êsse mundo de alegrias
 e de felicidades, também?

Por quê?

A criança, que mal principia a balbuciar as primeiras
 palavras, vos poderá interrogar: "Por que Deus me criou
 já que êle criou tôdas as coisas?"

E os filósofos e crentes em Deus, que responderão?

Nada que satisfaça.

Outros dirão: se o homem sofre neste mundo gozará
 noutra, ou se sofre neste é porque errou noutra vida, porque
 as vidas se sucedem para a perfeição do homem.

Mas por que Deus não criou logo perfeitos e felizes,
 como êle, com a milionésima da bilionésima parte da sua fe-
 licidade infinita?

Por que nos faz sofrer?

E como se explicará essa evolução humana até a per-
 feição, se o homem quando envelhece se torna involvido,
 quando os crentes dizem que não há involução, o homem
 marcha para melhor e a ciência diz o contrário?

Por que nos criou Deus?

Essas explicações não satisfazem.

Isso não explica o desejo de Deus em criar o mundo.

Não podia êle nos fazer logo felizes?

Podia.

Por que não o fêz? -

Por que Deus criou o mundo?

Não tem causa, não tem motivo.

Deus criou sem motivo. E se não tem causa nem moti-
 vo, só uma conclusão lógica se impõe:

Deus não criou o mundo.

TEISTA — Permite que o interrompa?

ATEU — Pois não.

TEISTA — As suas razões são já velhas.

ATEU — Mas irrefutáveis!

TEISTA — Você humaniza demais a idéia de Deus. E mede-o
 por medidas humanas. Se nós compreendemos a atividade por que
 vamos exigir que Deus seja ativo ou inativo? Nosso conceito de
 atividade está relacionado ao de inatividade. Nós não podemos em-
 prestar a Deus nossos atributos. Para mim, Deus não é nem ativo
 nem inativo. Deus é Deus. Que posso eu saber da eternidade se
 só conheço o tempo, e êste me é dado a conhecer pelos limites do
 meu conhecimento? Nada posso compreender da eternidade. De mais
 a mais não posso atribuir a Deus nenhum dos caracteres da existência,
 factível, mutável, temporal, espacial. Deus é a negação disso tudo.
 Deus é o infinito.

ATEU — Ai está tudo explicado. Deus é precisamente o nosso
 antípoda. Assim o julgam os crentes; êle é o que não somos. Eis uma
 explicação que nada explica senão um desejo do homem que se sente
 oprimido por seus limites. Isso não prova a existência de Deus. Só
 prova que muitos homens têm dêle uma idéia que não sabem sequer
 expressar. Isso prova um desejo, não Deus. Não considero ainda
 refutadas as minhas teses e por isso prossigo:

Deus como causa

Deus é um espírito puro. Um ser perfeito e absoluto. Um ser imaterial.

O Universo é material.

Deus é a causa do Universo. Foi êle quem o criou.

Sim, todo o efeito tem causa, é a afirmação comum.

Êste é um dos maiores argumentos dos crentes. Se o mundo é um efeito, se o Universo é um efeito (não vemos por que!) êle teve sua causa.

E sua causa é Deus, exclama o crente.

Ora Deus é um espírito puro e imaterial.

Não se pode conceber uma causa de um efeito, cuja substância essencial seja absolutamente diferente.

A matéria é a negação do espírito.

O espírito é só espírito. A matéria só matéria.

Como Deus, sendo um espírito perfeito, imaterial, podia ter feito a matéria?

Seria absurdo.

Do nada?

Maior ainda.

Entre matéria e espírito não há diferença sòmente.

Há opposição.

Um verdadeiro abismo separa uma do outro.

Quem pode conceber a diferença existente!

Deus é igual a absoluto, perfeito.

Matéria é igual a relativo, imperfeito.

Que relação se pode criar entre essas duas qualidades antagônicas?

Quem pode percebê-la?

Entre causa e efeito há uma relação.

Quem pode conceber uma relação entre o Absoluto (imaterial, perfeito) com a Matéria (relativa, imperfeita)?

Deus não pode ter forma, corpo, linhas, proporção, etc. Isso são qualidades da matéria.

(A religião cristã diz que Deus fêz o homem à sua imagem, o que quer dizer, empresta uma idéia de corpo, braço, cérebro, mãos, etc. a Deus. Mas essa idéia, por ridiculamente absurda não merece que se contradiga. Interessam-me, aqui, as idéias mais ou menos lógicas que existem de Deus).

O espírito puro, Deus, não poderia criar o impuro, o imperfeito.

Deus, absoluto, não teria criado o relativo.

Deus, espírito, não pode ter feito a matéria.

Porque do espírito não se pode tirar matéria, por serem substâncias opostas. Logo não há relação de causa e efeito, entre Deus e a matéria. Logo Deus não criou o mundo, o que mais uma vez quero mostrar.

TEISTA — E se eu lhe retrucar que sendo Deus absolutamente onipotente pode criar do nada algo e do espírito matéria?

ATEU — Neste caso, Deus perfeito fêz uma obra imperfeita, quando podia ter feito perfeita. Fêz-nos matéria quando podia ter-nos feito espírito, puro como êle. O absurdo continua em pé. A perfeição absoluta gera a imperfeição relativa. Neste caso êle não é absolutamente perfeito, e se não o é, não é Deus. E é o que eu quero provar.

Ora vejamos:

Deus perfeição

“Deus é perfeito.”

Não se pode conceber um supremo, infinitamente bom, infinitamente perfeito, com imperfeições.

Nenhuma crente negará isso. Todos afirmarão que Deus é perfeito.

Do contrário Deus não seria Deus.

Se Deus é perfeito não se pode conceber saído de sua imensidade um ser imperfeito. Por menor que seja essa imperfeição, êle perderia essa qualidade, a da perfeição.

Em summa, por imensamente pequena, não se pode conceber saído das mãos da perfeição suprema e absoluta algo que seja imperfeito.

Bem: Pode o imperfeito produzir o perfeito?

Responderá você: não!

Pode o perfeito produzir o imperfeito? Pergunto.

Que me responderá?

Terá outra resposta mais lógica que um não?

Pode Deus, perfeito, absolutamente perfeito, ter criado o imperfeito?

Não!

Há concomitância entre o perfeito e o imperfeito? Pode existir uma concomitância, uma relação como a de causa e efeito, que demonstramos anteriormente? Não!

Como conceber, então, que Deus pudesse ter criado o mundo imperfeito?

O Universo, por belo que seja, tem imperfeições. Imperfeições que o homem procura corrigir, que o homem transforma. Imperfeições que ninguém pode negar. Doenças, maldade, guerras, ódio, etc.

Como pode ser Deus o criador de uma obra imperfeita? Se ele é o criador, ele é imperfeito.

E se ele é imperfeito, perde sua razão de ser.

Logo: Deus não criou o mundo, Deus não existe.

É o que mais uma vez queria provar!

Qual o argumento que oferecem sempre os crentes?

Os mistérios de Deus

“Os mistérios de Deus são impenetráveis”.

Eis a resposta do crente aos argumentos irrespondíveis que fazemos.

Uma evasiva, um recuo, uma transposição do problema, uma frase ôca e sem sentido como resposta às mais graves perguntas que se formulam.

Deus, como espírito perfeito, como ser absoluto, deveria ser inteligível, em parte, na possibilidade da nossa inteligência e dos nossos conhecimentos, por nós mesmos.

No entanto não é. Ninguém, a não ser por uma fé, por um desejo místico, pode crer nêle. E por que crê?

Não será essa crença, um argumento formidável da existência de Deus?

Não! Há homens que crêem em Deus, porque sua educação infantil foi toda semeada de terrores, de sustos, de ameaças, de descrições tenebrosas sobre a natureza de Deus, sobre infernos, lugares de sofrimentos eternos ou duradouros, para, depois, de um penar imenso, conseguirem um paraíso, que a criança não pode entender, um paraíso, cuja felicidade consiste em admirar e venerar a Deus, etc.

Ora tudo isso impressiona vivamente a mentalidade infantil. Psique primitiva, em formação, povoada de idéias maravilhosas e de temores, a criança cria-se naquele ambiente de castigos, prêmios, etc., que a tornam, depois, egoís-

ta, procurando somente a sua felicidade e não a do semelhante. Todos os seus atos, bons, ótimos são feitos para a conquista do céu para si. O crente não faria o bem se tivesse a certeza absoluta de que iria para o inferno, de que teria o castigo. Com essa certeza, a sua danação já começava aqui. E vê-lo-íamos cometer todos os crimes. E é essa a moral que nos dá a religião! Num século de socialização, de coletivismo, essa moral, não é moral!

Os mistérios da Ciência não são impenetráveis. Cada dia que passa mais avança com as suas descobertas e com a sua explicação racional dos fenômenos do Cosmos. O que ontem era absolutamente inexplicável, encontra hoje, uma explicação racional, compreensível. O que hoje ainda não tem uma explicação, tê-lo-á amanhã. Os seus mistérios estão ao alcance de todos.

“Vós combateis a idéia de Deus porque não podeis compreender. Vós sois finito e Deus infinito. Como queis compreendê-lo”.

Exclamam os crentes.

De acôrdo, aceitamos para argumentar. Nós somos finitos e Deus infinito. Não é dado a nós entendermos Deus, como o entendeis vós finitos, também? Como explicais que possais entendê-lo, vós, finitos?

Por um estado de graça, dirão os crentes.

Mas por que essa distinção que dá “estados de graça” a uns e a outros não? Por que êsse estado de graça que deveria ser dado, a mim por exemplo, é dado àqueles que já crêem em Deus?

É pretensão vossa querer compreender, vós “finitos e pecadores”, imperfeitos e relativos, o Infinito e Puro, o Perfeito e Absoluto.

É pretensão vossa, humana e ridícula pretensão!

Dizem os filósofos que crêem em Deus:

“O Universo é um efeito que tem Deus por causa”

Muito bem.

Não há efeito sem causa. Aceitamos.

Como também não há uma causa sem efeito.

O efeito é o prolongamento da causa. Porque, por mais que quizerdes o contrário, não podereis separar efeito de causa, nem determinar quando cessa a causa e principia o efeito. Na tecnologia moderna da ciência principia-se

a falar em funções, porque não nos é dado conhecer quando acaba uma e principia a outra.

Mas o que é certo é que onde há causa, há efeito, onde há efeito, há causa. Não se pode conceber uma causa que não produza efeito.

Até aí está tudo bem.

O silogismo que os crentes usam:

“Não há efeito sem causa.
O Universo é um efeito.
Logo tem causa.”

Essa causa é Deus, concluem.

Eis o grande argumento a favor da idéia de Deus.

Para um silogismo ser verdadeiro, lógico, é preciso que a proposição maior e a menor sejam exatas e que a terceira proposição, a consequência, dimanhe logicamente das duas primeiras.

Vejam agora se esse silogismo contém essas condições essenciais para que mereça ser aceito.

A primeira proposição acitemos como certa.

Vejam, agora, a segunda: será o Universo um efeito?

É o Universo um efeito?

É o Universo um efeito?

Perdoem-me a pergunta, os teístas, mas desejava saber em que se estribam para afirmar que o Universo seja um efeito?

Conhecemos, em definitivo, o Universo? Sabemos ao certo toda a sua constituição? Podemos fazer uma declaração formal, precisa, nesses termos? Conhecemos o Cosmos, esses milhões de astros que perambulam pelo Espaço? Conhecemos esses milhões de astróides, de nebulosas, etc. que habitam a imensidade dos espaços? Por que não poderei dizer que o Universo é uma causa?

Não se escandalize você com a minha afirmação, porque a sua também me escandalizaria.

Da mesma maneira que afirmais resolutamente que o Universo é efeito, poderia eu, resolutamente, afirmar que ele é causa. Explicaria o nascimento do mundo em que vivemos como causa de outros mundos e esses de outros e essoutros de outros, causas que se tornariam efeito.

Assim como no círculo não posso determinar senão arbitrariamente o seu princípio e o seu fim, eu diria a você que o Universo é infinito e finito. Uma nebulosa a causa de um mundo ou mundos, cujos mundos se transformariam amanhã, em outras formas de vida astral, que continuariam a evoluir e a transformar-se eternamente. Infinito por não ter fim, por ser algo, algo sempre será e nunca deixará de ser algo.

Não veio do nada porque o nada nada pode produzir e ao nada não pode vir-a-ser porque alguma coisa sempre será alguma coisa e em *nada* não pode transformar-se.

A minha lógica é mais real que a sua.

Como, onde podem os crentes determinar o fim da causa e o começo do efeito? Como podem dizer que Deus, espírito perfeito e imaterial, é a causa do mundo, imperfeito e material?

Quando termina a causa e começa o efeito?

Que vale o famoso silogismo? Nada! Que força de convicção tem?

Nenhuma! Pode convencer miopes, não cérebros claros e limpos.

Mas se o Universo fôsse um efeito, ainda estaria por provar que a conclusão seja exata, isto é, que o Universo seja o efeito de uma causa única, de uma causa primeira, de uma causa sem causa, de uma causa eterna.

Essa demonstração nunca a darão os teístas. Ficarão com a fé e nada mais. Mas isso não basta.

O silogismo não prevalece porque lhe falta exatidão nas premissas!

Mas, aproveitamos o raciocínio de Faure e acitemos que o silogismo seja verdadeiro exato, certo. Raciocinemos:

“Não há efeito sem causa” (muito bem!).

“O Universo é um efeito” (Vá lá!).

“Este efeito tem uma causa que chamamos Deus” (Seja, vá lá!).

Quem diz causa, diz efeito. A idéia de causa implica necessariamente a idéia de efeito. Como não se concebe um efeito sem causa, não se concebe uma causa sem efeito.

Se dizeis que o Universo-Efeito tem por causa Deus, eu direi que Deus tem por efeito o Universo.

Ora, Deus é eterno, dizeis. É eterno o Universo.

Deus criou o mundo, dizeis.

Logo houve um momento em que o mundo não existia, senão não teria havido a criação.

Durante êsse tempo, em que o mundo não tinha ainda sido criado, que é uma eternidade, Deus foi uma causa sem efeito e isso é absurdo!

Ou então Deus não criou o mundo e êste sempre existiu. Nesse caso a tese dispensa demonstração, porque Deus estaria negado!

Conclusão: Deus não criou o mundo, Deus não existe!

Quem dirige o mundo?

Quem dirige o mundo? Pergunto.

Respondem sem titubear os teístas: Deus!

Não crendo em Deus, vejo na matéria a negação de Deus.

E expliquei porque.

Concebem os teístas Deus como um ser perfeito, infinito. Não posso conceber, nem a lógica o dirá, que haja um ser perfeito cuja obra seja imperfeita. O mundo é perfeito?

Se dizeis que o é, negais a Deus, porque duas perfeições formam uma relação e deixam de ser absolutas para serem relativas.

Logo o mundo é imperfeito. Se o mundo é imperfeito, negam a Deus porque êle fazendo uma obra imperfeita, deixou de ser absoluto, para ser relativo.

Não há fugir.

Se admitem que Deus dirige o mundo, afirmarão que êle não é perfeito. E com essa afirmação, farão outra: de que Deus, fazendo uma obra imperfeita, deixa de ser perfeito, por não ser absoluto.

Logo, admitindo que Deus dirige o mundo, o negam!

Negando que êle o dirige, negam-no, também, porque afirmarão que o mundo é perfeito e nesse caso negarão a perfeição de Deus!

Quantos deuses existem?

Não sei quantos! Mais de novecentas religiões, espalhadas pelo mundo, religiões, doutrinas religiosas afirmam que possuem a verdade, a única verdade. Tôdas se consideram infalíveis. Sem elas não pode haver salvação.

Há religiões, entretanto, que aceitam, que admitem, que alguém creia em outras doutrinas, sem deixar de estar no bom caminho.

Com qual delas está a verdade?

Com nenhuma certamente. E, depois, como se admitiria que Deus não se dê a conhecer senão a um reduzido número de pessoas?

Não se argumente que todos os homens nascem com propensão para crer em Deus. Não! Os homens são dirigidos por duas constantes biológicas: a da conservação do indivíduo e a da conservação da espécie. O medo é um reflexo incondicionado. Êle gera a curiosidade, mãe da ciência! O homem teme o que não sabe.

Nos tempos antigos temia o trovão e o raio, porque pensava provir da cólera de Deus.

Agora tem o pára-raios e explica o trovão. Não os teme mais. Não os teme porque os conhece. O que dantes eram afirmações da existência de Deus, porque incompreensíveis, hoje valem menos que um real como argumento. Naturalmente que o medo infantil aliado à ignorância é a mãe da crença. A criança interroga o porquê das coisas, dão a resposta: Deus, foi Deus, é feito por Deus.

A criança pensa que Deus é algum homem. Pergunta: Que é êle?

“Foi quem nos criou”, respondem.

— Quem nos criou?

— Sim, quem nos fêz. Quem fêz tudo, as árvores, os pássaros, você, eu...

— Deus fêz tudo isso? Pergunta entre espantada e admirada a criança.

— Sim, tudo, tudo.

A criança tem o desejo de conhecer êsse mágico. E pergunta:

— Onde está Deus?

— Lá em cima, no céu.

— No céu?!

A criança fica triste. Olha as nuvens e pergunta:

— Nas nuvens.

— Não. Muito acima, além ainda do azul do céu. Longe, muito longe, lá é que vive Deus.

Pobre criança! Não lhe explicam como nascem as plantas, dizem que é Deus que as faz. Não lhe explicam co-

mo nasceu! E, depois de criarem todos os preconceitos possíveis, que lhe irão perturbar a vida, dizem:

— Deus castiga os maus e abençoa os bons. Se você não fôr bom, Papai do céu o castigará!

Como isso é terrível! E, depois, como não haver pessoas que instintivamente temam a Deus? Amá-lo? Não cremos que o amem. Temem-no, respeitam-no. Não é um amor profundo, verdadeiro, puro. É o amor de quem receia não amar. Amam-no para não ter as penas que Deus ameaça. Amor, não! Podem crer, conscientemente, que o amem, mas, interiormente um ódio surdo é recalcado, ódio que cria a mais terrível doença: o egoísmo egolátrico.

Não param aí os argumentos contra a idéia de Deus. Ouça mais este:

Deus é infinitamente bom?

“Deus é infinitamente bom”. Não há teísta que o negue.

“Deus é infinitamente poderoso”. Todo teísta o afirma. Bem.

Deus podia — pois que é infinitamente poderoso — criar-nos ou não!

Mas criou-nos.

Deus podia — pois é infinitamente poderoso — criar-nos bons a todos ou bons, uns e maus, outros.

Preferiu criar-nos bons e maus.

Deus podia — pois que é infinitamente poderoso — dar-nos a todos a felicidade eterna. Preferiu, entretanto não fazê-lo.

Preferiu fazer-nos sofrer e dar a alguns poucos eleitos, um paraíso, onde gozarão de uma felicidade eterna, enquanto a maioria se perderá eternamente nos horrores dos infernos!

Segundo outras crenças religiosas, o homem obterá finalmente o paraíso, êsse lugar de felicidade infinita, mas, primeiramente, será limpo, através de reencarnações que o aperfeiçoarão ou pelo estágio maior ou menor de um lugar póstumo, onde as almas se purificação.

As características que tenham os lugares de felicidade eterna, não importam. Já tivemos ocasião de explicar, sob

um aspecto absolutamente centífico e materialista, essa idéia criada pelos selvagens. As características não variadas e modificáveis, segundo a forma de produção da sociedade.

Mas, perguntamos, para que êsses sofrimentos?

Responderá o crente:

— Para que se purifiquem dos males, dos crimes, dos pecados cometidos e possam depois viver felizes, eternamente felizes, na contemplação de Deus!

Com poucas diferenças de expressões, tôdas as crenças dizem o mesmo.

Quer dizer que precisamos purificar-nos primeiramente.

Deus podia ter-nos feito bons e perfeitos, por que é **infinitamente poderoso e não o quis.**

Preferiu fazer-nos sofredores, centenas de milhares de anos de sofrimentos para alguns e para outros a eternidade!

Uns depois de séculos e séculos de dores, poderão gozar a felicidade eterna! Outros, jamais!

E por quê? Por erros cometidos, erros graves. Segundo as religiões por uma missa não assistida, por uma comunhão não tomada, por um rito não obedecido, ou por um erro, uma falta moral, normalmente explicável, compreensiva, para nós, para todos, menos para Deus, podem tornar-se a causa de um sacrificio eterno, de desespero e de ranger de dentes!

Eternamente!! Eternamente pelos séculos dos séculos, através de outros planêtas, segundo muitas outras crenças!

E sabeis o que é a eternidade? Pois ouvi como a descrevem:

“Imaginal uma montanha, tôda de diamante, da altura de cem quilômetros, com cem quilômetros de largura e cem quilômetros de espessura. De cem em cem anos, um pássaro roça três vêzes o bico nessa rocha imensa.

Pois bem, quando essa montanha estiver gasta, completamente, pelo fico do pássaro, então terá passado o primeiro segundo da eternidade! E a eternidade tem séculos de séculos, milênios de milênios...”

É assim que na mente infantil, impressionável, se amoldam os caracteres de amanhã!

E as outras religiões? Se não afirmam a eternidade, pedem milhões de anos de sofrimentos! É o mesmo. Tôdas exploram os sentimentos humanos, o medo, a esperança, para seu domínio!

E Deus, Deus infinitamente bom, que nos poderia ter criado a todos, felizes, preferiu tornar-nos miseráveis!

Em suma: Deus criando o inferno ou outro qualquer sistema de penas eternas ou temporárias, não é bom, não é misericordioso, pois que, sendo infinitamente bom como dizem, infinitamente poderoso, podia ter-nos feito felizes!

De mais a mais: Deus é absolutamente bom, afirmam! Se Deus é absolutamente bom, basta que pratique um mal e deixa de ser absoluto.

As penas eternas ou temporárias, são um mal e vêm de Deus.

Nesse caso êle não é mais absoluto. E se êle não é absoluto, não é Deus!

Logo: Deus não existe!

TEÍSTA — Todos os argumentos apresentados não demovem em nada a minha crença.

ATEU — Mas pode respondê-los? Pode refutá-los?

TEÍSTA. — Todos os seus argumentos são demasiadamente “humanos”.

ATEU — Mas quereria que tivesse argumentos “divinos”?

TEÍSTA — Não é bem isso. Sei que somos humanos e só humanamente poderemos compreender Deus. Reconheço que muitos teístas são os culpados do ateísmo, por não terem sabido expor a idéia de Deus e a defenderam com argumentos factíveis, fundando-se em elementos que o tempo tem destruído. Mas Deus não é para ser compreendido mas para ser “vivido”. Eu vivo Deus.

ATEU — Está aí uma coisa que francamente não entendo. Quer dizer o amigo que tem em si a íntima convicção da existência de Deus?

TEÍSTA — É claro.

ATEU — Mas isso não prova a existência e sim a convicção.

TEÍSTA — Mas é um argumento que não se destrói com palavras.

ATEU — Em compensação não é sequer um argumento. É uma evidência interior, explicável psicologicamente. Que os homens, ante o universo, ante o mistério de tudo, forjassem a crença num Criador de todas as coisas é compreensível ante a ignorância que existia no mundo. Que essa crença se tenha transmitido de pais para filhos é um fato histórico, e, que ainda hoje haja pessoas como o amigo que

sentem interiormente a força dessa crença é também compreensível. Mas isso prova a crença, a sua durabilidade, não Deus. Continuarei os argumentos contra a existência, e creia que o faço não por desejar destruir uma crença pelo prazer de destruir, mas simplesmente porque a julgo desnecessária para o homem e até prejudicial sob muitos aspectos. Deixe-me prosseguir nos argumentos.

TEÍSTA — Prossiga.

O problema do mal

O mal existe.

Ora — dizem os crentes — tudo no Universo foi criado por Deus! Deus, absoluto, criou tudo. Basta não ter êle criado uma única coisa para não ser mais absoluto. Tudo devemos a êle.

E o mal? O mal existe, repito. O mal físico, o mal material, as doenças, o mal moral, etc. Afirmei ser inaceitável um Deus, infinitamente bom e absoluto, com a existência do mal, sua completa negação de bondade.

Remontemos a Epicuro e usemos o mesmo raciocínio até hoje não respondido pelos crentes, a não ser com o silêncio, com a espada das perseguições ou com... a fé!

Ei-lo:

O mal existe. Todos os seres sensíveis conhecem os sofrimentos. Deus, que tudo sabe, não deve ignorá-lo. Pois bem. De duas uma:

Ou Deus quer suprimir o mal e não o pode.

Ou Deus pode suprimir o mal e não o quer.

No primeiro caso, Deus, querendo suprimir o mal e não o podendo, não é perfeito, não é absoluto.

No segundo caso, já que pode e não o quer, não é infinitamente bom!

De um lado Deus é bom, não é poderoso, porém.

De outro é poderoso, porém não é bom!

Esse raciocínio não foi nem nunca será refutado! O mal físico, o mal cósmico, o mal que atinge a todos seres, o mal que nos faz sofrer, foi Deus quem o criou! Não se pode acusar o homem de tê-lo criado, pois o homem não tem interferência nos fenômenos da natureza!

Outras crenças religiosas, relegam a outras vidas planetárias ou a êste planeta até, a causa dos sofrimentos, como castigo dos erros cometidos. Isso não resolve o problema,

simplesmente o transfere de uma vida para outra. Uma, enfim, há de ser a primeira e nessa terá havido o nascimento do mal.

Enfim, o problema do mal é insolúvel com a idéia de Deus.

O mal nega o Deus infinitamente bom e infinitamente poderoso.

O mal nega o absoluto de Deus, que por ser absoluto deve ser único, como criador. E se é absolutamente bom não pode ter criado o mal.

E se criou o mal deixa de ser absolutamente bom.

Não sendo absoluto, não é Deus.

Em suma: Deus não existe!

Da confusão e da contradição das idéias teológicas

São de Holbach as páginas que vou ler agora. Argumentos que o tempo e o esforço dos crentes não puderam destruir. Estão palpitantes à nossa frente. Merecem mais uma vez sejam apresentados. Repetem, não há dúvida, muitas das minhas opiniões já expressadas, mas apresentam novas razões irretorquíveis. É um pouco longo, mas penso não abusar da boa vontade do amigo.

— Pode ler. Ouvirei com atenção.

“Tudo quanto até agora se tem feito, demonstra-nos claramente que, apesar dos maiores esforços da imaginação, o homem não pôde sequer extrair de sua natureza os atributos com que revestiu o ser que governa o Universo. Já vimos as contradições que sempre hão de resultar da mistura incompatível das qualidades humanas que se lhe atribuíram, e que não podem convir a um mesmo indivíduo, porque não podem sequer destruir-se umas às outras. Os próprios teólogos, conhecendo as dificuldades insuperáveis que apresentam à razão suas divindades, só puderam sair delas ordenando, sob pena de perder todo direito à misericórdia divina, que ninguém se atrevesse a examinar esta matéria, e dêste modo tornavam-na inacessível e arrogavam a si mesmos a faculdade de explicar, como melhor lhes parecesse, os decretos do ser enigmático que apresentavam à adoração dos povos; desta forma exageraram-no cada vez mais, a ponto de nem o tempo, nem o espaço, nem a natureza inteira, poderem conter sua imensidade; e tornaram-no assim um mistério impenetrável. Apesar de ter o homem arrancado de seus próprios conceitos as côres com que a princípio pintou o seu deus; apesar de torná-lo um monarca poderoso, ciumento, vingativo, e capaz de ser injusto sem faltar com a justiça, e, numa palavra, semelhante aos príncipes mais perversos, a teologia, à fôrça de prevaricar, perdeu de vista a natureza humana, e querendo tornar a divindade mais distinta das criaturas, lhe atribuiu qualidades tão maravilho-

sas, tão extraordinárias e tão fora de tudo quanto nosso entendimento pode conceber, que, finalmente, ela própria se perdeu no labirinto que havia inventado: persuadiu-se de que estas qualidades eram divinas, e julgou-as dignas de Deus, porque nenhum homem podia chegar a imaginá-las. À força de repetir tudo isto, chegou-se a persuadir aos homens de que era preciso acreditarem no que não podiam conceber, e que recebessem com submissão os sistemas mais improváveis, e as conjeturas mais contrárias à razão, porque este era o sacrifício mais agradável que se podia fazer um deus fantástico, que não permitia que usassem de seus dons; e, em uma palavra, fêz-se crer aos mortais que não haviam sido feitos para entender o que mais precisavam saber (1).

Além disso o homem chegou a persuadir-se de que os atributos gigantescos e verdadeiramente incompreensíveis, atribuídos a seu monarca celeste, punham uma barreira entre êle e os escravos, demasiado elevada para que este senhor altivo não se ofendesse da comparação; e, por conseguinte, acreditou que estimaria os esforços que pudesse inventar para fazê-lo maior, mais maravilhoso, mais poderoso, mais arbitrário e mais inacessível às suas débeis criaturas. O homem forja a idéia de que aquilo que não pode conceber é mais nobre e mais respeitável que o que entende com facilidade, e imagina que seu deus, semelhante aos tiranos da terra, não quer ser visto muito de perto.

Estas preocupações, parece, serviram de origem às qualidades maravilhosas, ou, para dizer melhor, incompreensíveis, que a teologia atribuiu exclusivamente ao soberano do mundo. O entendimento humano, que sua ignorância e seus temores haviam reduzido ao desespero, imaginou as noções obscuras e vagas com que adornou seu deus, julgando que não lhe podiam desagradar, contanto que lhe fizessem totalmente incomensurável e impossível de ser comparado a tudo quanto de mais sublime se conhecia.

Daqui provém o atributo negativo com que o fantasma da divindade tem sido adornado, a fim de formar um ser distinto de todos os outros, e impossível de ser conhecido pelas faculdades humanas.

(1) O certo é que toda religião está fundada sobre o principio absurdo de que se deve crer cegamente o que se não pode entender. A teologia chega até a dizer que todo homem, por sua natureza, deve estar na ignorância do que pertence a Deus.

Os atributos teológicos e metafísicos que foram dados a Deus, não apenas uma pura negativa das qualidades que se acham no homem ou nos seres que conhece, e supõem a divindade isenta do que chamamos em nós mesmos *fraquezas e imperfeições*. Dizer que Deus é infinito, é afirmar que, muito diferente dos homens e dos outros seres que conhecemos, não se acha circunscrito aos limites do espaço (2).

Dizer que Deus é eterno, é dizer que não terá nem principio nem fim; dizer que é imutável, significa que não está como nós sujeito a mudar; dizer que é imaterial, é querer dar-nos a entender que sua substância ou sua essência é de uma natureza que não podemos conceber, e que deve ser, por conseguinte, totalmente diferente da que conhecemos.

Dêste conjunto confuso de qualidades negativas, resulta o deus teológico ou o todo metafísico, de que não poderemos jamais formar a menor idéia, pois nêle se acham reunidas a infinidade, a imensidade, a espiritualidade, a ciência, a ordem, a sabedoria, a inteligência e o poder ilimitado. Sua loucura lhes fêz crer que, combinando estas palavras vagas, ou estas modificações, poderiam fazer um deus poderoso, quando assim apenas elaboraram uma mera ilusão. Imaginaram estultamente que estas perfeições ou qualidades deviam convir a este deus, porque não convinha a nenhum dos seres que conhecemos; julgando que devendo ser incompreensível, era preciso que tivesse umas qualidades inconcebíveis. Estes são os materiais de que se serve a teologia para formar o ídolo que quer o gênero humano adore de joelhos. Um ser tão vago, tão incapaz de ser concebido ou definido, e tão afastado de tudo quanto os homens podem conhecer ou sentir, não está seguramente na possibilidade de fixar seus olhares inquietos, porque seu entendimento requer outras qualidades mais adequadas a serem conhecidas e julgadas. Assim, depois de haver utilizado este deus metafísico, e de

(2) Hobbes diz que tudo o que imaginamos tem fim, e que, por conseguinte, a palavra infinito não pode formar nenhuma idéia. Veja-se *Leviathan*, cap. 3.

Outro teólogo fala sobre o mesmo assunto do modo seguinte: "A palavra infinito confunde as idéias que poderíamos ter sobre Deus e faz do ser mais perfeito, o mais imperfeito e desconhecido para nós; porque infinito é uma negativa que significa que não tem fim nem limite, nem medida; por conseguinte, não tem natureza determinada; do que resulta que não deve ser nada". Ao qual acrescenta, que só o costume podia fazer-nos adotar esta palavra, que sem ela nos pareceria contraditória e fora de sentido. Veja-se Scherlock, *Vindic. of Trinity*, pág. 77.

haverem-no feito tão diferente de tudo quanto conhecemos, a teologia viu-se na necessidade de aproximá-lo do homem, depois de tanto o haver afastado; para isto lhe torna a construí-lo como um dêles, dando-lhe as qualidades morais que possuem, porque sabem que do contrário seria impossível persuadir a um mortal de que pode haver relações entre êle e o ser aéreo, fugitivo e incomensurável que o fazem adorar. Percebe-se também que êste deus extraordinário só serve para exercitar a imaginação de alguns especuladores, cujo cérebro se acostumou a forjar ilusões, e a tomar uma simples palavra por uma realidade; enfim, conheceu que o maior número dos filhos materiais da terra, necessitam de um deus mais análogo, mais sensível e mais capaz de ser conhecido. Em vista disto, a divindade, apesar de sua essência, foi revestida de qualidades humanas, sem que ninguém tenha deixado de ver sua incompatibilidade com um ser tão essencialmente diferente do homem, e que não pode, por conseguinte, ter suas propriedades nem ser modificadas como êle.

Nenhum viu que um ser imaterial e sem possuir órgãos corporais, não podia pensar nem obrar como um material, que sua organização particular o faz suscetível de qualidades, de sentimentos, de vontades e de virtudes. A necessidade de aproximar Deus do homem fez superar tôdas estas contradições, e a teologia obstina-se sempre em atribuir-lhe umas qualidades que o entendimento humano em vão poderia conceber ou conciliar. Segundo ela, um espírito puro foi o motor do mundo material; um ser imenso pode encher o espaço sem excluir dêle a natureza; um ser imutável é a causa das mudanças contínuas que se operam no mundo; um ser todo-poderoso não pode impedir o mal que lhe desagrada; a origem de tôda a ordem tem de sofrer a desordem; numa palavra: as qualidades maravilhosas do deus teológico são desmentidas a cada momento.

As mesmas contradições se acham nas perfeições ou qualidades humanas que se lhe têm atribuído para que o homem forme uma idéia dêle; estas qualidades que, segundo êles, Deus possui eminentemente, desmentem-se a cada momento. Asseguram-nos que é bom; a bondade é uma qualidade conhecida, pois se acha em alguns dos seres de nossa espécie; desejamos sobretudo achá-la naqueles de que dependemos: dizem-nos que a de Deus se mostra em tôdas as suas obras; logo nós, que damos o título de bom ao que produz um efeito que aprovamos, devemos dá-lo ao autor da natureza. Mas

já que é o autor de tôdas as coisas, as dores da gôta, o ardor da febre, os contágios, as fomes e as guerras que desolam o gênero humano devem ser-lhe igualmente atribuídos. Quando me acho com as dores mais agudas, quando pereço na indigência e nas enfermidades, e quando gemo sob a opressão, onde está para mim a bondade de Deus?

Quando um govêrno negligente ou perverso produz e multiplica a miséria, a esterilidade e o despovoamento de minha pátria, que bondade tem Deus para ela? Quando as revoluções mais terríveis, os dilúvios e os tremores de terra absorvem a maior parte do globo que habito, onde fica a bondade de Deus, e a formosa ordem que sua sabedoria pôs no Universo?

Quem me fará crer em sua bondade, quando vejo que zomba da espécie humana? Bom modo tem Deus de provar sua ternura em afligir-nos, em entristecer-nos e enviar-nos tôda espécie de males.

Que Deus tão sábio e tão poderoso deve ser êste, que não pode conservar sua obra sem destruí-la, e que não pôde dar-lhe desde um princípio a perfeição e consistência de que era suscetível?

Dizem que Deus criou o universo para o homem, por que queria que fôsse depois dêle o rei da natureza. Excelente monarca! Uma grama de areia, uns átomos de bilis e alguns humores agitados bastam para destruí-lo. Quer que a natureza inteira lhe sirva de domínio e não se pode defender contra os seus mais leves golpes! Faz um Deus para si somente, supõe-no continuamente ocupado de sua conservação e de sua felicidade, crê que o criou todo para êle, e com semelhantes idéias quer dizer-nos que é bom! Como é possível que não veja que sua bondade se desmente a cada momento? Como não ver que as feras que julga submetidas a seu império devoram freqüentemente a seus semelhantes, que o fogo os consome, que o oceano os traga, e que até os elementos cuja ordem tanto admira os tornam vítimas de suas horrendas desordens? Como não percebe que a força que chama *Deus*, que quer que trabalhe somente para êle, que supõe unicamente ocupada de sua espécie, lisonjeada com seus elogios, e enternecida com seus rogos, não possa ser boa, pois obra por necessidade? Efetivamente, ainda em suas idéias, êste Deus é uma causa universal, e deve pensar no sustento do grande todo de que loucamente o distinguiram, pois êste ser, segundo êle mesmo, é o Deus da natu-

reza, do mar, dos rios, das montanhas, do globo de que formam uma parte tão pequena, e de tudo o mais que vemos no espaço e ao redor do sol que nos aquece.

Que cessem de obstinar-se em verem-se êles sòzinhos na natureza, e que não se lisonjeiem de que o gênero humano, que se renova e desaparece como as fôlhas das árvores, possa absorver todos os carinhos do agente universal, que, segundo êles, regula o destino de tôdas as coisas.

Que comparação pode haver entre a raça humana e a Terra? Qual pode haver entre esta e o Sol? E, enfim, qual pode existir entre êste e uma infinidade de astros, que a uma distância imensa enchem a abóbada do firmamento, não para alegrar seus olhares, nem excitar sua admiração, como o imaginam, mas para ocupar o lugar que a necessidade lhes destinou?

Que se ponha cada qual no seu lugar e reconheçamos em tôda a parte os efeitos da necessidade, e em nossos bens ou males os diferentes modos de obrar dos sêres dotados de propriedades diversas que formam o conjunto da Natureza; deixemos de supô-la um motor capaz de bondade ou de malícia, de qualidades humanas e de intenções que não podem existir senão em nós mesmos. Apesar da experiência que a cada instante desmente as intenções bondosas que o homem dá a seu deus, nunca cessa de chamar-lhe bom. Quando nos queixamos das desordens e das calamidades de que somos tão freqüentemente vítimas e testemunhas, dizemos que êstes males são aparentes, e que se nosso entendimento pudesse sondar a profundidade da sabedoria divina, e os tesouros de sua bondade veríamos sempre o maior bem resultar do que chamamos mal. Tôdas estas respostas frívolas não poderão nunca chegar a fazer-nos ver o bem, mais que nos objetos que afetam de um modo desagradável a nossa atual existência; enquanto consideramos como desordem tudo o que nos faz mal, por momentâneo que seja. Se Deus é o autor das causas que produzem sôbre nós êstes dois modos de obrar tão opostos, devemos concluir que tanto é bom como mau, salvo se confessar que não é nem uma nem outra coisa e que obra necessariamente.

Um mundo em que o homem tem tantos males não pode estar submetido a um deus perfeitamente bom; um mundo no qual o homem tem tantos bens não pode ser obra de um deus mau. É, pois, preciso admitir dois princípios igualmente poderosos e opostos um ao outro, ou concordar que

Deus é alternativamente bom e mau, ou, enfim, confessar que não lhe é possível proceder de outro modo; em cujo caso seria inútil adorá-lo e ainda rogar-lhe, pois seria sòmente o destino, a necessidade das coisas, a menos que estivesse submetido às regras invariáveis que se houvesse impôsto a si mesmo.

Para justificar êste deus dos males que faz sofrer o gênero humano, diz-se que é justo, e que nos faz sofrer em castigo das injúrias que recebeu dos homens. Logo o homem tem o poder de fazer sofrer a seu Deus; mas para que um ofenda ao outro é preciso supor que há relações entre êles. Mas quais pode haver entre um débil mortal e o ser infinito que criou o mundo? Ofender a alguém é diminuir a soma de sua felicidade, afligi-lo, prová-lo de alguma coisa, e dar-lhe um sentimento doloroso. Como é possível que o homem possa alterar o bem-estar do soberano todo-poderoso da Natureza, cuja felicidade é inalterável?

Como as ações físicas de um ser material, hão de poder influir sôbre uma substância imaterial, e fazê-la participe de algumas sensações incômodas? Enfim, como uma débil criatura que recebeu de Deus seu ser, sua organização e o temperamento de onde provêm suas paixões, como também seu modo de pensar e de obrar, pode ir contra a vontade de uma força irresistível, que não pode consentir a desordem ou o pecado?

Por outra parte, a justiça, segundo as idéias que podemos formar dela, consiste numa disposição permanente de dar a cada um o que lhe é devido.

A teologia nos repete sem cessar que Deus não deve nada a ninguém, que os bens que nos concede são os efeitos gratuitos de sua bondade, e que pode, sem infringir sua equidade, dispor da obra de suas mãos, e ainda enchê-la de miséria se lhe parece bem. Em tudo isto não há sombra de justiça, sòmente a mais horrenda tirania, e o abuso mais chocante de seu poder. Efetivamente, não vemos todos os dias sofrer a inocência, a virtude derramar lágrimas, e o crime triunfar e ser recompensado sob o império dêste deus de quem tanto nos elogiam a justiça? A isto me dizem que êstes males são passageiros; mas supondo que assim seja, deus é injusto, ao menos por algum tempo; e se é bom como dizem, como pode consentir que seus amigos sofram um só instante? Se tudo sabe, que necessidade tem de fazer a prova de seus favoritos, de quem nada tem que temer?

E se verdadeiramente é todo-poderoso não poderia impedir que tivessem estas desgraças passageiras, e dar-lhes de

uma vez uma felicidade duradoura? Se seu poder é invencível, que pode temer das vãs conspirações que se fazem contra êle? Que homem que estivesse cheio de bondade e de humildade não desejaria com ardor que todos os seus semelhantes fôsem felizes?

Sim, Deus tem mais bondade em si só do que poderia ter tôda a raça humana, como não se serve dela para fazer-nos a todos felizes? O contrário é o que ocorre: não há uma criatura sôbre a terra que possa estar contente. Para um mortal que gozá, há um milhão que sofre; para um rico que vive na abundância, há milhões de pobres que carecem até do mais necessário. Nações inteiras se vêem às vêzes na indignância de satisfazer os caprichos de alguns grandes ou príncipes que não são mais ditosos. Numa palavra, sob um Deus todo-poderoso, cuja bondade não tem limites, tôda a terra está regada com as lágrimas dos miseráveis. E que razão dão para isso? Respondem friamente que os decretos de Deus são impenetráveis. Neste caso podemos perguntar-lhes, que direito têm para raciocinar sôbre êle? Qual é seu fundamento para atribuir-lhe uma virtude que não podem penetrar, e que idéia se podem formar de uma justiça que não se parece em nada à do homem?

Dizem que a justiça de Deus está suavizada por sua clemência, sua misericórdia e sua bondade. Mas que quer dizer clemência? É acaso outra coisa que uma derrogação das leis severas de uma justiça exata e rigorosa que faz impor a um o castigo que havia merecido? A clemência num príncipe é ou a violação da justiça ou a exceção de alguma lei excessivamente rigorosa. Mas podem sê-lo acaso as leis de um Deus infinitamente bom, sábio e eqüitativo? E se é verdade que é imutável, como há de se afastar delas um só instante? É verdade que aprovamos a clemência de um soberano, quando sua excessiva facilidade não é prejudicial para a sociedade; mas só a estimamos porque anuncia nêle a humanidade, a mansidão, e uma alma compassiva e nobre, qualidades que em nossos dons preferimos ao rigor, à dureza, e à inflexibilidade; pôsto isto de lado, tôda a lei humana é defeituosa, e é impossível que possa prever tôdas as circunstâncias e todos os casos. Os castigos que dão não são sempre justos e proporcionados ao delicto; mas êste não deve ser o caso quando se trata de um deus que consideramos perfeito, justo e sábio; suas leis devem necessariamente ser tão perfeitas, que não possam necessitar de inovação alguma; por conseguinte, a divindade não pode criar nelas nenhuma exceção, sem derrogar sua imutável eqüidade.

A vida futura foi inventada para pôr a coberto a justiça da divindade, e desculpá-la dos males que tão amiúde faz sentir aos seus maiores favoritos neste mundo. Nela dizem que o monarca celeste proporcionará aos seus escolhidos uma felicidade inalterável em recompensa do que padeceram sôbre a terra. O reino dos céus será um prêmio inapreciável para os que tenham sofrido as provas do todo-poderoso durante a vida. Tudo isto é muito bom, é verdade; mas o que se deve considerar é se esta invenção é capaz de dar-nos idéias precisas e capazes para justificar a providência. Já que Deus nada deve às suas criaturas, que direito têm estas para reclamar no outro mundo uma felicidade que não houve por bem conceder-lhes neste? Êste direito, dizem-nos, foi-nos dado nas revelações de seus oráculos; mas quem nos pode assegurar que êstes oráculos sejam seus? E, por outra parte, é evidente que o sistema desta vida convença a Deus de injustiça, ao menos passageira. Mas uma injustiça, por passageira que seja, deixará por fim de destruir a imutabilidade da divindade? Afinal, se esta é o princípio de tôdas as coisas é claro que é a causa primeira ou então o cúmplice das injúrias que lhe fazem. Não é o verdadeiro autor do mal ou do pecado que permite quando podia impedir-lo? Logo, como pode castigar justamente aos que se tornam culpados de um pecado?

O que dissemos até agora basta para fazer-nos ver a multidão de contradições e de hipóteses extravagantes a que os atributos que a teologia dá a Deus devem necessariamente levar: um ser revestido de tantas qualidades discordantes será sempre inconcebível, e quantas noções se nos possam apresentar se destruirão umas às outras. Êste Deus, dizem, criou o céu, a terra e todos os sêres que a habitam para sua glória; mas um monarca superior a todos os sêres, que não tem rivais nem iguais na Natureza, e que não pode ser comparado a nenhuma de suas criaturas, que desejo pode ter de glória? Pode acaso temer ser envilecido aos olhos de seus semelhantes? Que necessidade pode ter da estima e da admiração dos homens? O amor da glória não é mais que o desejo de dar aos nossos semelhantes uma grande idéia de nós mesmos, e é digna de elogio quando nos determina a fazer coisas úteis e grandes; mas o mau é que quase sempre é uma debilidade de nossa natureza, ou o desejo de distinguir-nos dos sêres com os quais nos comparamos. O Deus de que nos falamos deve estar isento desta paixão, porque não tendo nem semelhantes nem êmulos, não pode ofender-

se com as idéias que dêle se têm. Seu poder não pode ter diminuição; e, finalmente, já que nada pode perturbar sua felicidade eterna, que devemos inferir senão que não é suscetível de nenhum desejo de glória, nem sensível aos louvores dos homens? Sendo tão zeloso de suas prerrogativas, de sua categoria e de sua glória, por que permite que tantos homens o ofendam? Por que permite que as opiniões de alguns lhe sejam tão pouco favoráveis? Qual é o motivo de alguns lhe recusarem o incenso que lhe agrada à vaidade? Como permite que um mortal como eu se atreva a atacar seus direitos, e até sua própria existência? Alguns me dirão que é para castigar-me por ter abusado de suas graças; mas por que permite que eu abuse delas? Por que não são suficientes para fazer-me proceder segundo suas intenções? Porque te fêz livre, dir-me-ão. Mas quem o manda dar-me uma liberdade de que devia prever que iria abusar? Que espécie de presente é êsse que me dá a faculdade de desafiar seu poder, de corromper a seus adoradores e de fazer-me eternamente desgraçado? Quanto mais teria valido para mim nunca ter nascido, ou ao menos tê-lo feito entre brutos e pedras, do que ver-me colocado entre os seres inteligentes para exercer o fatal poder de perder a mim mesmo, e de ultrajar, como me aprouver, sua bondade, e quanto mais eficazmente teria trabalhado para a sua glória, se me tivesse obrigado a render-lhe honras para obter a felicidade!

O sistema mal fundado da liberdade do homem, que destruimos, foi visivelmente imaginado para lavar, o autor da natureza, da culpa de ser origem e causa primitiva de todos os crimes de suas criaturas. Êste funesto presente dado por um Deus infinitamente bom, fará, segundo as sinistras idéias da teologia, que a maior parte dos homens seja eternamente castigada pelas faltas momentâneas que possa ter cometido neste mundo; os suplicios mais atrozes foram reservados pela grande justiça de um deus misericordioso a êstes seres frágeis, por seus delitos passageiros, seus vagos raciocínios, seus erros involuntários e pelas paixões necessárias, que dependem do temperamento que êste deus teve a bondade de dar-lhes, das circunstâncias em que os pôs, ou então da liberdade, que não deveria nunca dar a uns seres capazes de abusar dela. Chamáremos a um pai de bom, justo, clemente e misericordioso, se armasse a mão do filho de caráter vivo, e do que conhecesse a imprudência, com uma faca bem afiada, e que depois o castigasse durante tôda a sua vida por ter-se cortado com ela? Chamáremos justo, clemente e misericordioso a um príncipe que, não proporcionando o cas-

tigo à ofensa, desse um tormento infinito a um vassalo, porque êste, num momento de embriaguez, ferira levemente sua vaidade, embora sem fazer-lhe danos sobretudo quando nos disse que o próprio príncipe o havia embriagado? Chamáremos de todo-poderoso a um monarca, cujos estados se achassem em tal desordem, que à exceção de alguns vassalos fiéis, todos os outros o insultassem e desprezassem sua vontade? Ah! teólogos, teólogos! confessai que vosso deus não é mais que um montão de qualidades que formam um todo tão incompreensível para vosso entendimento quanto para o meu. Tanto o carregastes de atributos incompatíveis que chegastes a fazer dêle uma mera ilusão e tôdas as hipóteses do mundo não se podem manter sem sua existência.

A estas dificuldades me responderão talvez que a bondade, a sabedoria e a justiça de Deus são tão eminentes e tão pouco análogas às nossas, que não têm relação alguma com elas, ainda quando se achem reunidas tôdas num só: como diria que formei uma idéia dessas perfeições, se são tão pouco semelhantes às minhas, e às dos outros seres de minha espécie? Se a justiça de Deus é o que chamamos injustiça: se sua bondade, sua clemência e sabedoria não têm outro modo de manifestar-se senão trazendo-nos prejuízos; se tôdas essas qualidades divinas são contrárias às idéias que temos delas, e, finalmente, se conforme a teologia, tôdas as noções humanas não têm nem pés nem cabeça, como pode um homem como eu acreditar que conhece as da divindade e explicá-las aos outros? Acaso a teologia daria ao entendimento o dom inapreciável de entender o que nenhum outro homem pode entender? Será verdade que dá aos que a seguem uma idéia precisa de um deus que não pode ter nenhuma? Não será acaso a teologia um deus?

Feçam-nos a bôca quando nos dizem que o próprio Deus falou, e se fêz conhecer dos homens; mas pergunto: quando e a quem falou e onde estão seus oráculos divinos? Cem mãos se levantam juntas, para fazer-nos ver livros tão absurdos como discordantes: tomo-os, leio-os e vejo em tôda a parte que o deus da sabedoria falou na linguagem mais obscura, mais insidiosa e menos razoável; tudo me prova que sua bondade consiste em ser cruel e sanguinário; que sua justiça foi injusta, parcial e iníqua, e que sua misericórdia promete os castigos mais atrozes às desgraçadas vítimas de sua ira. Por outra parte, quantos obstáculos se me apresentam quando quero comprovar as pretensas revelações de uma divindade, que nunca se serviu da mesma linguagem

em dois países diferentes, que falou em tantas partes, tantas vezes e tão diversamente, que parece ter-se revelado apenas para submergir o entendimento humano na maior perplexidade!

As supostas relações entre os homens e seu deus não podem ter outra base que a das qualidades morais; mas se estas não são conhecidas dos primeiros, é claro que não podem servir-lhes de exemplo. Para que estas qualidades fôsem imitadas, era necessário que fôsem conhecidas; mas, como posso eu imitar um deus, cuja bondade e justiça não se parecem em nada às minhas? Se Deus não é nada do que somos, como podemos propor-nos a imitá-lo embora de longe, ou seguir a conduta conveniente para agradá-lo? Quais podem ser efetivamente os motivos do culto, das homenagens ou da obediência que nos dizem devemos render a êste ser supremo, se não o estabelecemos sôbre sua bondade, sua veracidade, sua justiça, numa palavra, sôbre as qualidades tais quais podemos conhecer? E como as poderemos conhecer, se não são as mesmas nêle que em nós?

A isto me dirão que não pode haver proporção entre o criador e sua obra, que o barro não pode perguntar ao oleiro, *porque me fizeste assim?* Mas se não há proporção nem analogia entre o operário e sua obra, que relações pode haver entre êles? Se Deus é incorpóreo, como pode obrar sôbre o meu corpo? Ou melhor, como eu, que o sou, posso obrar sôbre êle, ofendê-lo, perturbar o seu repouso e excitar a sua cólera? Se o homem, relativamente a Deus, é como um vaso de barro, que rogos e que graças deve êste vaso ao oleiro por lhe ter dado a forma que tem? Se o oleiro não fôra um insensato não se irritaria contra o seu vaso por estar mal formado, ou não poder servir ao uso a que o destinara. O que pode fazer é quebrá-lo, porque o vaso não teria nem meios nem motivos para impedi-lo ou apaziguar a sua cólera; terá que suportá-lo, porque será um louco que, em vez de refazê-lo para dar-lhe uma forma mais conveniente aos seus desígnios, o quebrará.

Estas noções nos demonstram que os homens não têm mais relações com Deus que as pedras, e que Deus não tem nada que fazer com êles, nem mostrar-lhes justiça nem bondade; êles, por sua parte, não têm nada que fazer com êle. Tôdas as relações que existem entre os homens são reciprocas, e seus deveres estão fundados apenas sôbre suas necessidades. Se a divindade não tem necessidade dêles, nada lhes deve, e, por conseguinte, não é possível que a ofendam. Não obstante, a autoridade de Deus só pode ser fundada

sôbre o bem que proporciona aos homens e os deveres dêstes não podem ter outro motivo que a esperança da felicidade; logo, como não a deve, tôdas as suas relações se acabam. Assim é que, de todos os modos, o sistema teológico destrói a si mesmo. Como é possível que a teologia não possa chegar a conhecer, quanto mais exalta e exagera o seu Deus, tanto mais incompreensível o torna para nós, e que quanto mais se afasta, mais debilita as relações que nos tinha suposto? Se o soberano da Natureza é um ser infinito e totalmente diferente de nossa espécie, e se o homem não é aos seus olhos mais que um pouco de barro, é claro que não pode haver relações morais entre seres tão pouco análogos, e que a vasilha que formou não pode ser capaz de raciocinar sôbre êle.

Apesar disso, todo culto está formado sôbre as relações entre o homem e seu deus; tôdas as religiões do mundo têm seu despota; mas como o despotismo é um poder injusto, atribuí-lo à divindade é derribar o edificio construído com a sua bondade, a sua justiça e a sua sabedoria infinitas. Vendo os homens os males de que se viam acometidos neste mundo, sem poder adivinhar o motivo da cólera divina, não puderam sequer compreender que o dono da Natureza era um sultão que nada devia aos seus vassallos, que estava isento das leis e das regras que êle mesmo havia prescrito aos outros; que podia ser injusto quando lhe apetecia, e que tinha o direito de não pôr limites à sua vingança. Afinal os teólogos pretenderam que Deus era muito capaz de destruir o universo que sua sabedoria havia criado, apesar de que êles mesmo diziam que a ordem e as leis maravilhosas dêste universo são a maior prova de sua existência (3).

Numa palavra, a teologia põe no número das qualidades de Deus, o privilégio incomunicável de proceder contra tôdas as leis da Natureza, dizendo que o culto que nos dizem que lhe devemos, está fundado sôbre sua razão, sua justiça e sua fidelidade. Que mar de contradições! Um ser que pode tudo, e que, em seus decretos eternos sôbre as criaturas, pode escolhê-las e abandoná-las, fazê-las felizes ou desgraçadas; que pode fazê-las servir de brinquedo aos seus caprichos, afligi-las e até destruí-las, como a todo o universo, que pode ser senão um tirano ou um demônio? Que coisa pode haver mais horrenda que as consequências imedia-

(3) Ao menos concebemos, diz o doutor Gastrelle, que Deus, se quiser, pode destruir a construção do mundo. Veja-se a "Defesa da religião tanto natural como revelada".

tas das idéias que nos dão de seu deus os que nos dizem amá-lo, servi-lo, e obedecer às suas ordens? Quanto mais valeria depender de uma matéria cega ou privada de inteligência, de uma pedra ou de uma madeira, do que de uma divindade que nos estende seus laços, convida-nos a pecar, permite que cometamos crimes que nos poderia evitar para poder-nos castigar depois, sem utilidade nem para si nem para os outros.

Semelhante ser só pode inspirar terror; seu poder nos arrancará muitas homenagens servis; chamá-lo-emos bom para lisonjeá-lo; mas, sem resolver tôdas as coisas, nunca poderemos amá-lo, quando refletimos que não nos deve nada, e que pode castigar as suas criaturas por ter abusado de sua liberdade, ou por não ter tido as graças que não lhes quis dar. Assim, supondo que Deus não tem nada que fazer conosco, não fazemos mais que minar os fundamentos de seu culto. Uma teologia que diz que Deus só criou os homens para fazê-los eternamente desgraçados, demonstra-nos que é um espírito malvado, cuja malícia é inconcebível, e infinitamente maior que a crueldade dos seres mais depravados de nossa espécie. Tal é, não obstante, o deus que têm a sem-vergonhice de propor-nos por modelo! Tal é a divindade que adoram as nações que se dizem mais sábias deste mundo!

E quererão ainda que o caráter moral da divindade, quer dizer, sua bondade, sabedoria e equidade, sirva de base para a ciência dos deveres que unem entre si os seres de nossa espécie? Mas como suas perfeições e bondade se desmentem a cada momento, para dar lugar a maldades, injustiças e severidades, não há mais remédio senão julgá-la inconstante, caprichosa, desigual em sua conduta, e sempre em contradição consigo mesma. Com efeito, assim que a vemos favorável ou disposta a prejudicar o gênero humano; tanto a vemos amiga da razão, da sociedade e da felicidade, como inimiga da virtude. Não obstante, como vimos que os mortais, cheios de terror, não se atrevem a confessar a si mesmos que seu deus é injusto nem sequer se acreditam autorizados a sê-lo também, deduzem apenas que tudo o que fazem de conformidade com as suas ordens, ou com o intuito de agradá-lo, deve ser bem feito, por pior que pareça aos olhos da razão. Supõem-no capaz de criar o justo e o injusto, e de mudar o bem em mal, o mal em bem, o falso em verdadeiro, e o verdadeiro em falso; numa palavra: dão-lhe o direito de alterar a própria essência eterna das coisas. Fazem êste deus superior às leis da Natureza e da virtude,

crêem não proceder mal ao seguir seus preceitos tão absurdos, tão contrários à moral, e tão nocivos ao repouso da sociedade. Com semelhantes princípios, os horrores que a religião faz cometer não nos devem de nenhum modo assombrar; a religião mais atroz foi sempre a mais conseqüente (4).

Tendo fundado a moral sôbre o caráter de um Deus que muda a cada momento, o homem não soube em que fixar-se, nem sôbre que devia a Deus, nem que devia a si mesmo e aos outros; dêste modo nada houve mais perigoso que persuadi-lo de que existia um ser superior à Natureza, ao qual, para ser feliz em outra vida, era preciso nesta sacrificar tudo; suas ordens e seu exemplo deveriam necessariamente ser mais poderosos que os preceitos da moral humana. Os adoradores dêste Deus não puderam escutar a Natureza e a razão, senão quando estavam por casualidade de acôrdo com elas. Em conseqüência destas idéias, o homem religioso não se atreve nunca a examinar as vontades e a conduta do déspota celeste segundo as regras comuns. Todo inspirado que se pressente de sua parte, como encarregado de interpretar seus oráculos, terá o direito de torná-lo injusto e criminoso, porque seu primeiro dever será o de obedecer a seu Deus.

Estas são as conseqüências fatais e necessárias do caráter moral que se atribui à divindade, e da opinião que persuadê aos mortais de que devem obedecer cegamente ao soberano absoluto, cuja vontade arbitrária regula todos os seus deveres. Os primeiros que se atreveram a dizer aos homens que em matéria de religião não lhes era permitido consultar a razão e os interesses da sociedade, tinham sem dúvida proposto torná-los instrumentos de sua própria maldade. Sem dúvida dêste êrro radical dimanaram tôdas as extra-

(4) A religião moderna da Europa causou mais estragos que tôdas as outras superstições conhecidas; mas nesta parte foi sempre mais conseqüente com os seus princípios. De que serve pregar a tolerância e a mansidão em nome de um deus despótico que tem direito a tôdas as homenagens da terra, que quer que se admitam alguns dogmas, que castiga cruelmente as opiniões errôneas, e que exige um zelo ardente de seus adoradores? Semelhante deus só pode formar fanáticos e perseguidores de todo homem conseqüente. A teologia do dia é um veneno ativo capaz de infestar todo o mundo pela importância que lhe é atribuída. A força da metafísica, os teólogos fizeram-se absurdos e maus por sistema, e admitindo as idéias odiosas que deram à divindade, foi impossível convencê-los de que deviam ser humanos, equitativos, pacíficos, indulgentes e tolerantes. Pretenderam e provaram que estas virtudes humanas não tinham nada que ver com a causa de religião, e que, ao contrário, não seriam mais que crimes para com o monarca celeste, a quem tudo devia ser sacrificado.

vagâncias que as diferentes religiões representaram sobre a terra, os furores sagrados que a banharam em sangue, as perseguições desumanas que talaram as nações, numa palavra todas as horríveis tragédias executadas sob o nome do todo-poderoso. Sempre que se quis fazer os homens insociáveis, foi dito que Deus assim mandava; de modo que os próprios teólogos tiveram todo o cuidado de difamar o fantasma que eles mesmos haviam elevado por seus interesses sobre os despojos da razão humana, e que, apesar de sua natureza desconhecida é muito preferível a um deus tirânico, que não pode deixar de ser odioso para toda a alma honrada. São eles mesmos os destruidores de seu ídolo, pelas qualidades contraditórias que lhes quiseram atribuir; eles são também, como veremos mais adiante, os que tornaram incerta a moral, fundando-a sobre um deus inconstante, e em geral muito mais injusto e cruel do que bondoso; eles são os que derruem, autorizando o crime e a barbárie em nome do soberano do universo, e proibindo-lhes o uso da razão, a única que deveria guiar as nossas ações.

Seja como fôr, se se admitir apenas por um minuto que Deus possui todas as virtudes humanas num grau de perfeição infinito, teremos que reconhecer que não pode aliá-las com os atributos metafísicos, teológicos e negativos de que acima falamos. Se Deus é um espírito puro, como há de poder proceder como o homem, que é um ser corporal? Um espírito puro não vê nada, não ouve nem entende nossos rogos; não pode enternecer-se com as nossas misérias, porque não tem os órgãos capazes de poder excitar nêle os sentimentos de piedade. Se suas disposições podem mudar, não é imutável; se a Natureza inteira, sem ser êle mesmo, pode existir com êle, não é infinito; não pode ser todo-poderoso, se permite o mal e as desordens do mundo; não pode estar em todas as partes, se não está no homem que peca, ou se retira no momento de pecar. De modo que de qualquer maneira que consideremos êste Deus, suas qualidades humanas se destroem umas às outras, e não podem de nenhuma maneira combinar-se com os atributos sobrenaturais que a teologia lhe dá.

Quanto à revelação de suas vontades, longe de ser uma prova de sua bondade ou de sua ternura para com os homens, o é de sua malícia, pois isto seria uma prova de que os deixou ignorar por muito tempo o que mais deviam saber. Esta revelação a um curto número de homens privilegiados, anunciava nêle mais uma predileção injusta que a bondade do pai da raça humana; isto iria contra a imutabili-

dade divina, pois seria uma prova de que desejava que os homens ignorassem umas vezes o que queria que soubessem outras. Sendo assim, toda revelação é injusta e contrária à noção que nos dão de sua justiça e de sua bondade, que não teria necessidade de revelação para dar-se a conhecer, para instruir e convencer os homens, inspirar-lhes as idéias que deseja, e, numa palavra, dispor de seus entendimentos e de seus corações. Mas, que seria se quiséssemos examinar detalhadamente todas as revelações que nos dizem haver sido feitas aos mortais? Nelas veremos que êsse Deus não fala mais que de um modo indigno de um sábio; procede de um modo contrário às noções de equidade; anuncia oráculos incompreensíveis; pinta-se a si mesmo de um modo incompreensível com suas perfeições infinitas; exige umas puerilidades que lhe degradam aos olhos da razão e perturba a ordem da Natureza, para poder vencer às suas criaturas, sem que, apesar disto tudo, possa inspirar-lhes os sentimentos e o modo de conduta que queria que tivessem. Afinal, veremos que Deus não se manifestou nunca, a não ser para anunciar os mistérios mais inexplicáveis, dogmas ininteligíveis, e para pôr o entendimento humano no temor, na desconfiança e na perplexidade, que serviram de fonte inesgotável a todas as disputas dos mortais (5).

Isso nos demonstra que as idéias que a teologia nos dá da divindade, são sempre confusas e prejudiciais para o repouso humano. Estas noções obscuras seriam de muito pequena consequência, se os homens não as considerassem como importantes, e se não tirassem delas umas deduções perniciosas para eles mesmos. Como não teriam nunca uma medida fixa para julgar dêste ser inventado pela imaginação, nunca poderiam estar de acôrdo sobre a idéia que deviam formar dêle. Daqui nasceu a diversidade das opiniões religiosas, fonte de tanta disputa insensata, e que foram sempre olhadas como muito essenciais, e por conseguinte interessaram à tranqüilidade das nações. Um homem que tenha o sangue quente, não poderá contentar-se com o deus de um fleugmático; um homem enfêrmo, bilioso e descontente

(5) É evidente que toda revelação misteriosa não pode provir de um ser sábio e inteligente, pois se fala, é de crer que o fará para ser entendido daqueles a quem se manifesta. Falar para não o ser, evidência loucura ou má-fé. Logo é claro que o que os sacerdotes chamam *mistérios*, são umas invenções feitas para servir de véu à sua ignorância, porque, quando se lhes pergunta a resolução de alguma dificuldade, respondem é um *mistério*. Em suma, seu interesse exigia que os homens nada entendessem disso.

não terá o mesmo deus que o que goza de um temperamento são; um homem bom, eqüitativo e compassivo não forjará a mesma idéia que outro duro, inflexível e mau. Cada indivíduo modificará sempre seu deus de maneira semelhante a seu modo de ser ou de pensar, e, por conseguinte, o sábio, honrado e sensato, não poderá nunca acreditar numa divindade cruel.

Não obstante, como o temor presidiu sempre à criação dos deuses, sua idéia fêz tremer os mortais, e despertou em seu entendimento as idéias mais lúgubres, atirando logo sua imaginação na inquietude, como enchendo-a de fogo. A experiência de todos os séculos prova que este nome vão, que se tornou para todo o gênero humano a coisa mais importante, enche tudo de consternação e produz, nos entendimentos, os maiores estragos. É coisa muito difícil que um temor contínuo, que é a mais incômoda de tôdas as paixões, amargure, com o decorrer do tempo, os temperamentos mais moderados.

Se um misantropo, que não gostasse do gênero humano, tivesse formado o projeto de pôr os homens na maior perplexidade, não teria podido imaginar um meio mais eficaz que o de apresentar-lhes continuamente um ser desconhecido, que lhes tivesse anunciado como objeto de tôdas as suas esperanças, o modêlo de suas ações, e finalmente, como a coisa mais importante da vida, porque sua felicidade, neste mundo, não dependeria mais que dêle mesmo. E que seria se a estas idéias, tão capazes de per si de perturbar o cérebro, ajuntasse a de um monarca absoluto que não tenha outra regra além de sua vontade, nem qualquer dever, que possa castigar eternamente as ofensas que se lhe fizeram, que se irrite das idéias e dos pensamentos dos homens que, sem o saber, podem incorrer em sua desgraça? Únicamente o nome de um ser semelhante bastaria para encher de terror a todos os que o ouvissem pronunciar o nome. Quais seriam os tormentos a que se condenariam voluntariamente para poder adivinhar o que era este ser tão terrível, para descobrir o segredo de agradá-lo, e imaginar tudo o que pudesse desarmar a sua cólera? Que medo teríamos quando nos enganássemos! Que disputas sobre as qualidades de um ser igualmente desconhecido de todos, e visto por todos de modo diferente! Que variedade de meios se imaginaria para encontrar os de agradá-lo ou para desarmar a sua irritação!

Tal é, palavra por palavra, a história dos efeitos que o temor de Deus produziu sobre a terra. Os homens temeram sempre, porque nunca puderam imaginar o que, este

nome podia representar. As qualidades que alguns especuladores acreditaram reconhecer nêle à força de trabalho, não fizeram mais que perturbar o repouso das nações e dos indivíduos que as compunham, encher-lhes de animosidades, e fazer desgraçadas as suas existências. O encanto desta palavra assombrou muitas vêzes o gênero humano, ou então tornou-o furioso e fanático: logo se viu como um escravo curvar-se sob o látigo de um amo inexorável, e crendo não ter nascido senão para servir a este amo, a quem não conhecia, de quem se formara as idéias mais terríveis, e por quem vivia nas lágrimas e na miséria. O excesso de sua dor fêz-lhe algumas vêzes levantar os olhos para o céu; mas desconfiando sempre desta divindade, que lhe parecia injusta, caprichosa e implacável; e dêste modo não pode trabalhar por sua felicidade nem consultar sua razão, porque nunca lhe foi permitido perder de vista seus temores; fêz-se inimigo de si mesmo e de seus semelhantes, porque lhe chegaram a persuadir de que seu bem-estar neste mundo era proibido. Sempre que se falou de seu tirano celeste, perdeu seu juízo e caiu num estado de delírio quando se submeteu à autoridade. O homem foi destinado à servidão desde o seio de sua mãe; a opinião tirana lhe impôs as cadeias para todo o resto de sua vida. Vítima dos terrores pânicos que não cessaram de lhe inspirar, parecia ter vindo sobre a terra somente para gemer e pôr todo o seu cuidado em tornar a vida mais amarga, e perturbar a felicidade dos outros. Infestado continuamente com ilusões, tornou-se estúpido, tonto e algumas vêzes mau, crendo honrar o deus que lhe propunham por modêlo.

Dêste modo os mortais se prosternaram de geração em geração ante os fantasmas que o pavor havia forjado no seio da ignorância. Assim é que adoraram tremendo os ídolos criados na profundidade de seu cérebro, de que tinham feito um santuário. Em vão se lhes dirá que se prosternam diante de si mesmos, que adoram sua imaginação e têm medo do quadro que elles mesmos pintaram. Tudo quanto se lhes diga não poderá impedir que se prosternem, se inquietem e tremam, que não conheçam a ridícula produção de sua demência, e que se pareçam a uma criança que, olhando-se num espelho, se espanta ao ver a cara que ela desfigurou. Suas extravagâncias existiram desde o princípio da noção de um deus, e subsistirão e se renovarão até que esta noção não pareça por muito tempo necessária à felicidade das sociedades. Entretanto, é evidente que o que chegasse a fazer isso, seria o maior amigo do gênero humano”.

Exame das provas da existência de Deus dadas por Clarke

A unanimidade com que todos os homens reconhecem um deus, é considerada como a maior prova de sua existência; não há um povo, dizem, que não tenha algumas idéias de algum ser todo-poderoso; tanto os selvagens mais grosseiros, como as nações mais civilizadas, se vêem obrigados a buscar a causa primeira de tudo quanto existe; assim, dizem, o grito da Natureza deve convencer-nos da existência de um deus, pois sua imagem se acha gravada em todos os homens; de onde se conclui que esta idéia deve ser inata.

Se deixamos à parte tôda preocupação, para examinar esta prova que tão poderosa parece a muitos, veremos que êste consentimento universal não prova nada; só se forem uns ignorantes muito clássicos, quando quiserem dar uma razão e uma essência que não podiam conhecer de modo algum. As noções da divindade, que se vêem esparsas sôbre a terra, nos anunciam unicamente que os homens de todos os países tiveram muitos desastres e revoluções, e muitas dôres e desgraças, das quais desconheciam as causas físicas e naturais. Os acontecimentos de que foram vítimas excitaram-lhes o terror, e por não conhecerem as leis da natureza, nem suas fôrças e recursos, imaginaram que êstes fenômenos eram devidos a algum agente secreto, de quem não podiam ter senão idéias vagas e não podiam acreditar que se conduzia como êles: logo o consentimento dos homens em reconhecer um deus, prova que no seio da ignorância admiraram ou tremeram, e buscaram os meios de fixar sua incerteza sôbre a causa dos fenômenos que os assustavam. Todos confessam que não podem formar nenhuma idéia desta divindade, mas todos se unem para dizer que ela indubitavelmente existe; e quando se lhes aperta de mais próximo, saltam dizendo que é um espirito, palavra que só significa a ignorância de quem a pronuncia.

Isto não deve estranhar-nos, pois o homem não pode ter idéias verdadeiras senão do que atua e tem atuado antes sobre os seus sentidos...

Embora seja verdade, como dizem, que não há nação sobre a terra, por selvagem e feroz que seja, que não tenha um culto religioso, nada pode decorrer daí em favor da divindade. A palavra deus não significará nunca outra coisa que a causa desconhecida dos efeitos que admiramos e tememos; de modo que esta noção tão geralmente admitida, só provará que tôdas as nações ignoraram a causa dos efeitos que as assombraram. Se não há um povo que não tenha seu deus ou seu culto, é porque não houve nenhum cujos ignorantes antepassados não tenham sofrido alguma desgraça, e cuja posteridade não tenha adotado opiniões sem exame. Além da universalidade de uma opinião não provar nada a seu favor, quantas preocupações e erros não vemos gozar da aprovação universal? Não estão todos os povos da terra embebidos nas idéias de magia, de encantos e de duendes? E para quantas pessoas instruídas que não crêem nessas bobagens, quantos homens existem que crêem nelas, ao menos tão firmemente como em Deus? Diremos por essa unanimidade, que semelhante noções têm alguma realidade? E antes de Copérnico, havia alguém que não acreditasse que a terra era imóvel e que o sol dava voltas ao redor dela? Se cada homem tem seu deus, tanto pode inferir-se que existem todos, como nenhum. A isto me responderão, e seguramente com aparências de verdade, que cada homem tem sua idéia do Sol, e me perguntarão se todos êsses sóis existem; mas é fácil responder que a existência do Sol é sensivelmente evidente, ao passo que a de Deus não o é; que todo o mundo vê o Sol, e que ninguém vê a Deus. Esta é a única diferença entre a realidade e a ilusão. A realidade é quase tão diversa entre os homens como a ilusão, mas uma existe e a outra não. De um lado há qualidades sobre as quais se pode disputar, enquanto de outro se disputa sobre tôdas. Ninguém disse ainda que não há Sol ou que o Sol não queima, enquanto muitos homens sensatos disseram que não há Deus, e os mesmos que dizem ser esta opinião errônea e horrorosa, têm de confessar que nem a sentiram nem a viram. A teologia é um mundo que segue leis inversas das do mundo em que habitamos.

* * *

Para nos convenceremos de quão fracas são as provas dadas da existência do deus teológico, como também da inutilidade dos esforços que se fizeram para conciliar seus atributos dissonantes, basta-nos escutar o que o célebre autor Clarke, que passou por ter dado as provas mais convincentes, disse em seu tratado "Da existência e dos atributos de Deus":

I. *Alguma coisa — diz Clarke — deve haver que não tenha tido princípio* — Esta proposição é tão evidente que não necessita de explicação; mas que coisa é esta que tenha existido sempre? E por que não diremos que é a Natureza, ou um agente que conhecemos, e não um ser imaginário incapaz de ser conhecido? O que existe prova que a existência é essencial, ou que não pode cessar de existir, de modo que é necessária. Logo, como há quem possa acreditar que é o que não pode cessar de existir ou o que não pode aniquilar-se, tenha tido princípio? Se a matéria não pode perecer, é impossível que tenha tido princípio? Por conseguinte, diremos ao doutor Clarke que a matéria ou a Natureza, que não pode cessar de agir, é a que sempre existiu. Os diferentes corpos que esta matéria encerra em si mudam de forma, de combinações, de propriedade e de modos de agir; mas seus princípios e seus elementos são indestrutíveis, e, por conseguinte, não puderam ter um princípio.

II. *Um ser independente e imutável sempre existiu* — Perguntamos que ser é êste, como também se é independente de sua essência e das propriedades que o constituem. Perguntamos também se êste ser, seja qual fôr, pode fazer que os seres que produz ou que move, procedam de modo diferente daquele natural a suas propriedades, em cujo caso queremos saber se êste ser, suposto ou não, procede necessariamente, ou não se vê na obrigação de empregar os meios indispensáveis para realizar seus fins previstos. Então diremos que a natureza tem de proceder segundo sua essência, que tudo nela se faz necessariamente, e ainda quando se suponha governada por um deus, êste não pode obrar mais que como obra, e, por conseguinte, está submetido à necessidade.

Dizem que um homem é independente quando suas ações só estão determinadas pelas causas gerais que lhe comovem regularmente; diz-se que depende de outro homem, quando só pode proceder por vontade dêste. Um corpo é dependente de outro quando dêste recebeu sua existência e seu modo de proceder; um ser que existiu sempre não pode ter recebido

sua existência de outro; mas como não lhe seria dependente, a menos que lhe deva sua ação, é evidente que um ser eterno ou existente por si mesmo, encerra em sua natureza tudo quanto necessita para obrar; logo sendo a matéria eterna, é ela independente; por conseguinte não tem a menor necessidade de um motor de quem dependa,

O ser eterno é também imutável, se por este atributo se entende que não pode mudar de natureza, pois querer dizer que não pode mudar de modo de ser ou de obrar, é enganar-se claramente; e ainda se quiséssemos dizer que é um ser imaterial, sempre nos veríamos na necessidade de reconhecer nêle diferentes modos se o não soubéssemos totalmente privado de ação, em cujo caso seria de todo inútil. Com efeito, para mudar de modo de proceder, é de toda necessidade mudar de modo de ser. Assim é que vemos que os teólogos, fazendo um deus imutável, o fazem imóvel, e, por conseguinte, inútil. Um ser imutável, no sentido de não mudar de modo de ser, não poderia evidentemente ter nem vontades sucessivas, nem tampouco produzir ações que o fôsem: se este ser criou a matéria ou engendrou o universo, houve um tempo em que quis que esta matéria e este universo existissem, e esse tempo foi precedido de outro, em que quis que não existisse ainda. Se Deus é o autor de todas as coisas, como também dos movimentos e das combinações da matéria, está incessantemente ocupado em produzir-se e em destruir-se; por conseguinte não pode chamar-se imutável quanto a seu modo de existir. O universo material mantém-se sempre o mesmo pelos movimentos e as mudanças contínuas de suas partes; a soma dos seres que o compõem, ou dos elementos que agem nêle, é invariavelmente a mesma; neste sentido a imutabilidade do universo é muito mais fácil de conceber e ainda de demonstrar, que a de um deus distinto de si mesmo, a quem se atribuem todos os efeitos e mudanças que se operam aos nossos olhos. A Natureza não é mais acusável de mutabilidade por razão da sucessão de suas formas, que o ser eterno dos teólogos pela diversidade de seus decretos.

III. *Este ser imutável e independente, que existe eternamente, existe por si mesmo* — Esta proposição é uma repetição da primeira, e responderemos a ela, perguntando por que a matéria, que é indestrutível, não existe por si mesma. É evidente que um ser que não teve princípio deve existir por si mesmo. Se tivesse recebido sua existência de outro,

teria tido um princípio, e, por conseguinte, não seria eterno. Os que dizem que a matéria é co-eterna com Deus, não fazem mais que multiplicar os seres sem necessidade.

IV. *A crença de um ser que existe por si mesmo é incompreensível* — O doutor Clarke teria falado de um modo mais exato, se tivesse dito que sua essência era impossível; não obstante, é preciso convir em que a essência da matéria é incompreensível, ou ao menos que a concebemos muito imperfeitamente pelo modo como nos afeta, mas a divindade é muito menos concebível, porque não a conhecemos de maneira alguma. Por conseguinte, dizemos sempre que é uma loucura raciocinar sobre ela; mas não há coisa mais ridícula que atribuir uma infinidade de qualidades a um ser distinto da matéria, enquanto, se existisse ela somente, poderia dar-se a conhecer a nós, como igualmente sua existência. Afinal, inferiremos disso que tudo quanto se nos diz de Deus o torna material, ou prova a impossibilidade em que estaremos sempre de conceber um ser diferente da matéria; que não é extenso, e que contudo se acha em todas as partes; que é imaterial, mas que atua sobre a matéria; tampouco espiritual, embora a produza; nem imutável, apesar de que põe tudo em movimento, etc.

Com efeito, a incompreensibilidade de Deus não o distingue da matéria; e esta não será mais fácil de compreender, embora a associemos a um ser ainda menos compreensível que ela mesma, e que conhecemos em alguma de suas partes. Não conhecemos a essência de nenhum ser, se pela palavra essência se entende o que constitui a natureza que lhe é própria; nem tampouco a matéria; senão pelas percepções, sensações e idéias que oferece e por isso julgamos bem ou mal segundo a disposição particular de nossos órgãos; mas desde que um ser não procede sobre nenhum deles, não existe para nós e não podemos sem extravagância julgar de sua natureza ou atribuir-lhe qualidades. A incompreensibilidade de Deus deveria convencer aos homens de uma maneira suficiente para não ocupar-se dêle; mas esta indiferença não acomodaria os ministros que querem, por seus incessantes raciocínios, por manifestar seu saber e submeter-nos às suas intenções, fazer por força que nos ocupemos dêle. Contudo, se Deus é incompreensível, deveríamos concluir disso que nossos sacerdotes não o compreendem melhor que nós, e tomar como partido mais seguro o da incredulidade em relação a tudo quanto estes sacerdotes imaginam.

V. *O ser que existe necessariamente por si mesmo é necessariamente eterno* — Esta proposição é a mesma que a primeira, a menos que por ela o doutor Clarke entenda que, como ser existente por si mesmo, não teve principio, nem pode tampouco ter fim. Contudo, sempre se perguntará: por que se obstina em distinguir este ser do universo? Acrescentando-se que, como a matéria não pode ser reduzida a nada, existe necessariamente e não poderá deixar de existir. Além disso, como deriva essa matéria de um ser que não é matéria? Não se vê que esta é necessária, e que existe apenas a sua fôrça, composição e combinações que sejam contingentes, ou, melhor, passageiras? O movimento geral é necessário; mas um movimento dado só o é enquanto subsistem as direções; pode-se acelerar ou atrasar, suspender ou parar um movimento particular, não porém, aniquilá-lo totalmente. O homem quando morre cessa de viver, quer dizer, de andar, de pensar e de proceder de um modo próprio à organização humana; mas a matéria que acompanha seu corpo e a sua alma não cessa por isso de mover-se, e chega simplesmente a ser suscetível de outra espécie de movimento.

VI. *O ser que existe por si mesmo deve ser infinito e estar presente em tôdas as partes* — A palavra infinito apresenta apenas uma idéia negativa que exclui todos os limites. É evidente que um ser que existe necessariamente e que é independente, não pode ser limitado por nada que esteja fora dêle, e que deve ser independente, não pode ser limitado por nada que esteja fora dêle, e que deve ser seu mesmo limite; neste sentido se pode dizer que é infinito.

Quanto a dizer-nos que está em tôda parte, é evidente que, se não há nada fora dêle, não haverá nenhuma paragem onde não esteja presente. Isto assentado, pergunto ao doutor Clarke se a matéria existe, e se não ocupa ao menos uma porção no espaço. Neste caso, a matéria ou o universo devem ao menos excluir a divindade, que não é matéria, do lugar que os seres materiais ocupam no espaço. Seria por casualidade o ser abstrato, que chamam o espaço ou o vazio, o que constitui o deus dos teólogos? Responderão que não, e dirão que Deus, que não é matéria, penetra a matéria, do lugar que os seres materiais ocupam no espaço, e, por conseguinte, ter extensão; para ter esta é mister ter também uma das propriedades da matéria. Se Deus a penetra é material, e confunde-se com o universo do qual é impossível distinguir-se; e por uma consequência necessária, Deus

não pode nunca separar-se da matéria; estará em meu corpo, em meu braço, etc., o que nenhum teólogo quererá conceder-me. Dirá que isto é mistério, do que inferirei que não sabe onde colocar o seu deus, que, não obstante, segundo êle, enche tudo com sua imensidade.

VII. *O ser necessariamente existente é necessariamente único* — Se não há nada fora de um ser que existe necessariamente, é mister que seja único. Vê-se que esta proposição é a mesma que a precedente, a menos que não se queira dizer com Spinoza que não há e que não se pode conceber outra substância além de Deus: *Praeter Deum neque dari neque concipi potest substantia*, diz este célebre ateu em sua décima quarta proposição.

VIII. *Um ser que existe por si mesmo é necessariamente inteligente* — Aqui o doutor Clarke atribui a Deus uma qualidade humana. A inteligência é uma qualidade dos seres organizados ou animados que não conhecemos. Para ter inteligência é preciso pensar; para pensar, ter idéias; para ter idéias, ter sentido; quando temos sentido, é porque somos materiais; e quando somos materiais, não somos um espírito puro.

Um ser necessário, que compreende, encerra e produz seres animados, igualmente o faz com as inteligências. Mas, tem o grande todo alguma inteligência particular que o faça mover, obrar e determinar, como a inteligência move e determina os corpos animados? Isto é o que não se pode provar com coisa alguma. Tendo-se pôsto o homem no primeiro lugar do universo, quis julgar tudo pelo que via em si mesmo; pretender que para ser perfeito era preciso ser como êle, e eis aqui a origem de todos os falsos raciocínios sôbre a Natureza e sôbre Deus. Logo imaginam que seria ofender a divindade se lhe fôsse recusada uma qualidade que se acha no homem, e na qual fixa uma idéia de perfeição e de superioridade. Nós vemos que nossos semelhantes se ofendem quando dizemos que não têm inteligência, e julgamos que o mesmo sucede com o agente que não substituímos à Natureza mas que reconhecemos que não tem esta qualidade. Não se atribui inteligência à Natureza, embora encerre seres inteligentes, e por isso imagina-se um deus que pense, que obre e que tenha inteligência por ela. Sendo assim, este deus é apenas a qualidade abstrata, e a modificação de nosso ser chamado inteligência, a que personificaram. Os animais vivos que chamamos lombrigas, engendram-se na

terra e nem por isso dizemos que a terra seja um ser vivo. O pão que comemos, e o vinho que bebemos, não são substâncias que pensam; mas nutrem, sustentam e fazem pensar os seres suscetíveis desta modificação particular. A Natureza é que forma seres inteligentes, sensitivos, e que pensam, e, contudo, não podemos dizer por isso que ela sinta, pense e seja inteligente. Como, dirão, recusar ao criador qualidades que vemos nas suas criaturas? Seria mais completa a obra que o obreiro? *Com que então, o deus que fez os olhos não veria, e o que fez as orelhas não ouviria?* E em vista d'êste raciocínio, não deveríamos a Deus tôdas as outras qualidades que não achamos em suas criaturas? Não diríamos também com o mesmo fundamento, que o deus que fez a matéria é êle mesmo matéria, que o deus que fez o corpo deve possuir um corpo, que o deus que fez tantos insensatos o é também, e que o deus que fez os pecadores está sujeito ao pecado? Se as obras de Deus possuem algumas qualidades e são suscetíveis de certas modificações, concluímos que Deus também as possui e com muito mais razão inferiremos que Deus é material, extenso, pesado, mau, etc.

Para que se pudesse atribuir a Deus, quer dizer, o motor universal da Natureza, uma sabedoria ou uma inteligência infinita, seria preciso que não houvesse loucura, males, maldades, nem desordem sobre a terra. A isto me dirão, sem dúvida, que nossos próprios princípios exigem males e desordens; por êste mesmo motivo não se deve admitir que há um deus inteligente e sábio, que possa impedir que isto suceda. Se semelhante deus não pode fazer cessar êste mal, de que nos serve todo o seu poder, sua sabedoria e inteligência? Ao menos confessemos que está submetido à necessidade em cujo caso cessa de ser independente, desaparece seu poder e tem que deixar obrar a essência das coisas como melhor lhe pareça; não pode impedir que elas produzam seu efeito, não pode opor-se ao mal, não pode fazer o homem mais ditoso do que é; por conseguinte não pode ser bom, pois não é de nenhuma utilidade: só pode testemunhar o que necessariamente deve suceder, e não pode deixar de querer tudo quanto faz no mundo. Não obstante na proposição seguinte nos dizem:

IX. *Um ser que existe por si mesmo deve ser livre* — O homem deve chamar-se livre quando encontra em si mesmo dois motivos que o determinam a sê-lo, ou quando sua vontade não acha nenhum obstáculo em fazer aquilo a que êstes motivos o determinam. Vemos, pois, se Deus, ou êste ser ne-

cessário de que tratamos, encontra algumas vêzes obstáculos a seus desejos, de duas, uma: ou quer que o mal se faça, ou não pode impedi-lo, em cujo caso não é livre e sua vontade se acha ante obstáculos continuos, porque do contrário teria de dizer que consente no pecado, que quer ser ofendido, que sofre o fato de os homens lhe arrebatarem a liberdade e derogarem seus projetos. Seria muito curioso saber o modo pelo qual os teólogos se livram destas dificuldades.

Por outra parte, o deus que supõem só pode obrar guiado por leis contrárias à sua própria existência; logo se lhe poderia chamar um ser livre, sempre que suas ações não fôsem determinadas por nenhuma coisa fora d'êle. Efetivamente, por que se há de dizer que um ser que não pode proceder senão como procede, e que não pode deixar de fazê-lo, senão em virtude das leis de sua própria existência, é um ser livre? Parece-me, pelo contrário, que tôdas as suas ações nos demonstram que é uma necessidade personificada. Perguntemos a um teólogo se Deus pode recompensar o crime e castigar a virtude. Perguntemos-lhe também se pode ser amigo do pecado, e se é efetivamente livre, quando a ação de um homem produz necessariamente nêle uma nova vontade. O homem é um ser distinto de deus, e apesar disso dizem que sua conduta influi sobre aquêle ser livre e determina sua vontade. E, finalmente, perguntemos se Deus pode deixar de querer o que quer, ou deixar de fazer o que faz, e se sua vontade não é determinada pela inteligência, pela sabedoria e pelas finalidades que nêle se supõem. Se Deus está sujeito d'êste modo, não é mais livre que o homem, e tudo o que faz é necessário. Finalmente, não é mais que o destino, a fatalidade, o *fatum* dos antigos, e, por conseguinte, os modernos não mudaram de divindade, embora lhe tenham mudado o nome.

Poderão também dizer que Deus é livre, porque não depende das leis da Natureza, que êle mesmo impôs aos homens. Não obstante, se é verdade que tenha feito estas leis e que sejam efeito de sua sabedoria infinita e de sua suprema inteligência, terá de seguir as de sua essência, porque, do contrário, seria provar-nos que Deus pode proceder como um insensato. Os teólogos, temendo, sem dúvida, contradizer a liberdade de Deus, supõem-no livre de tôda lei; por conseguinte, fizeram-no um ser despótico, fantástico e extravagante, capaz de violar, ao abrigo de seu poder, tôdas as leis que êle mesmo havia estabelecido. Seus milagres rompem tôdas as leis da Natureza, e sua conduta parece contrária à sua sabedoria divina e à razão que deu aos homens

para regular suas ações. Se Deus é livre dêste modo, tôda religião é inútil; porque não se pode fundar senão sôbre as regras imutáveis que êste deus pode ter prescrito para si mesmo, e sôbre as condições que ditou para o gênero humano: logo, se a religião não o supõe sujeito a estas convenções, não pode deixar de destruir a si mesma.

X. *A causa suprema de tôdas as coisas possui um poder infinito* — Não pode haver poder fora de Deus; logo seu poder não pode ser limitado. Mas se goza dêle o homem não deve ter a faculdade de proceder mal, porque se a tivesse poderia rebelar-se contra o poder divino; por conseguinte, existiria fora de Deus um poder quase capaz de contrapesar o seu, e de impedir que produzisse os efeitos que se propõe, em cujo caso a divindade teria de sofrer um mal que não poderia impedir.

Por outra parte, que Deus seja capaz de pecar ou não, não quer dizer que é livre, pois sua conduta é necessariamente determinada pelas ações do homem. Um monarca eqüitativo está muito longe de ser livre, quando se julga obrigado a proceder de conformidade com as leis que jurou observar, ou que não poderia violar sem atentar à justiça. Que monarca poderia chamar-se poderoso se estivesse exposto a ser publicamente insultado e se o mais infimo de seus vassallos resistisse a obedecer às suas ordens? Contudo, tôdas as religiões do mundo nos representam a Deus com a aparência de um soberano absoluto, cuja vontade não pode ser vencida, e cujo poder é ilimitado; enquanto por outra parte nos asseguram que seus vassallos têm a cada momento o poder e a liberdade de desobedecer-lhe e de frustrar seus desígnios, o que nos demonstra que tôdas as religiões do mundo destroem com uma mão o que estão edificando com a outra; e que segundo as idéias que nos dão, seu deus não é de nenhum modo livre, poderoso e feliz.

XI. *O autor de tôdas as coisas deve ser infinitamente sábio* — A sabedoria e a loucura são duas qualidades que não têm outro fundamento senão o de nossas preocupações. Neste mesmo mundo, criado, conservado, movido e penetrado pelo próprio Deus, passa uma infinidade de coisas que nos parecem loucuras, e até as próprias criaturas para as quais, segundo cremos, o universo se formou, são muito mais loucas e insensatas que prudentes. O autor de tudo o que existe deve necessariamente ser o que chamamos sem-razão, e o que acreditamos muito sábio. Por outra parte, para poder julgar da inteligência e da sabedoria de um ser, seria preci-

so, ao menos, entrever o objeto a que se propõe. Qual é o objeto de Deus? O de sua glória, dizem-nos. Mas, acaso chega a obtê-la e a fazer que os pecadores o glorifiquem? Além disso, supor a Deus sensível e amigo da glória, é o mesmo que se disséssemos que tem as mesmas loucuras e desejos que nós, como também que está cheio de orgulho. Se nos dizem que o objeto de sua sabedoria é o de fazer-nos ditosos, perguntarei: por que não fêz que os homens o sejam, e deixem de fazer-se desgraçados, como se estão fazendo todos os dias? Se me dizem que os desejos de Deus são impenetráveis, responderei que neste caso é muito mal feito que lhe atribuamos o ser-nos propício, e, como não conheceremos seu intento, é loucura nossa querer raciocinar sôbre êle.

XII. *A causa suprema deve necessariamente ser possuidora de uma bondade, uma justiça e uma veracidade infinitas, como também de tôdas as outras perfeições morais que podem convir ao governador soberano e juiz do mundo* — A idéia da perfeição é abstrata, metafísica e negativa, e não pode ter conexão alguma fora de nós. Um ser perfeito seria aquêle que conosco se parecesse e ao qual com o pensamento tirássemos tôdas as qualidades que nos são nocivas, e que por esta razão chamamos imperfeições. Só em nosso modo de sentir e de pensar, e não em si mesma, uma coisa é perfeita ou imperfeita, e também segundo nos é mais ou menos útil ou nociva, agradável ou desagradável. Como podemos neste sentido atribuir a perfeição ao ser necessário? Deus é perfeitamente bom relativamente aos homens? Mas êstes se vêem freqüentemente maltratados por suas obras, e precisam queixar-se dos males que padecem neste mundo. E quanto à perfeição de Deus, não vemos quase sempre ao lado da ordem a mais completa desordem? As obras tão perfeitas da divindade, não as vemos alterar-se, destruir-se sem cessar, fazer-nos, apesar de nós, padecer e sofrer dores que contrapesam os prazeres e os bens que recebemos da natureza? Não supõem tôdas as religiões do mundo que seu deus está continuamente ocupado em refazer, em reparar, em desfazer e em retificar suas obras maravilhosas? Dirão a isto, sem dúvida alguma, que Deus não pode comunicar às suas obras as imperfeições que êle mesmo possui. Neste caso diremos que, sendo as imperfeições deste mundo necessárias para o próprio Deus, não poderá remediá-las nem mesmo em outro, de onde decorre que êste Deus não nos pode ser de utilidade alguma.

Os atributos metafísicos ou teológicos, distinguindo-o da natureza e dos seres que em si encerra, não fazem mais que torná-lo inconcebível, enquanto as qualidades morais o fazem um ser da espécie humana, apesar de todos os esforços e dos atributos negativos que se lhe atribuíram para fazê-lo distinto do homem. O deus teológico é um ser isolado, que não pode ter relação alguma com os seres que conhecemos. O deus moral é um simples homem que acreditaram tornar perfeito, apartando dêle com o pensamento, tôdas as imperfeições da espécie humana. As qualidades morais do homem estão fundadas sôbre as relações que existem entre êle e suas necessidades. O deus teológico não pode ter nem qualidades morais nem perfeições humanas, porque não tendo nenhuma necessidade dos homens, é claro que não pode haver relações reciprocas entre êles...

Para finalizar lerei agora a resposta de Holbach aos argumentos de Descartes, Malebranche e Newton.

Os argumentos de Descartes Malebranche e Newton

“Todos falam de Deus e ninguém pôde até agora provar sua existência; os cérebros mais potentes não puderam superar os obstáculos que nisso encontram. É preciso ser muito louco para ocupar-se de objetos inacessíveis aos nossos sentidos.

Para convencer-nos da pouca solidez das provas que os maiores pensadores nos deram da existência de Deus, examinemos em poucas palavras o que disseram, começando por Descartes, restaurador da filosofia moderna, que diz: “Tôda a força de meu argumento consiste em que conheço que seria impossível que pudesse ter uma idéia de Deus se êste não existisse, porque meu entendimento é, na verdade, capaz de ter alguma idéia de suas perfeições sem compreendê-las, etc.” Antes disse: “É necessário concluir que pela mesma razão que eu existo, e a idéia de um ser soberanamente perfeito (quer dizer de Deus) está em mim, a existência de Deus fica evidentemente demonstrada”.

1. Responderemos a Descartes que não temos o direito de afirmar que uma coisa existe quando não temos mais que a simples idéia dela; nossa imaginação nos representa também a existência de uma fênix ou de um hipógrifo, sem que por isso possamos concluir que estas coisas existam realmente.

2. Diremos a Descartes que é impossível que tenha uma idéia positiva e verdadeira de Deus, de quem, como os teólogos, quer provar a existência. É impossível a todo o homem e a todo ser material, formar uma idéia real de um espirito, de uma substância privada de extensão e de um ser incorpóreo que obra sôbre a natureza que é corpórea e material, verdade que já provamos suficientemente.

3. Diremos a êle que é impossível que o homem tenha qualquer idéia positiva e real da perfeição, do infinito, da

imensidade, e dos outros atributos que a teologia empresta à divindade. Daremos, pois, a Descartes a mesma resposta que demos a Clarke.

Assim nada há menos concludente que as provas sobre as quais Descartes apoia a existência de Deus. Faz deste deus um pensamento e uma inteligência; mas, como se conceberá uma inteligência e um pensamento que não têm uma base sobre a qual estas qualidades possam assentar-se? Descartes pretende que Deus não se pode conceber senão como uma virtude que se aplica sucessivamente às partes do universo. Diz também que Deus não pode ser chamado extenso, mas que do modo que se diz do fogo que contém um pedaço de ferro que, falando com propriedade, não tem mais extensão que a do próprio fogo... Mas em vista destas noções, se tem o direito de chamá-lo ateu por anunciar muito claramente que não há outro deus senão a natureza, o que é um espinozismo puro. Com efeito, sabe-se que dos princípios de Descartes, Spinoza tirou seu sistema. Logo com razão se acusou Descartes de ateísmo, visto que destrói fortemente as débeis provas que dá da existência de Deus. Há fundamento, pois, para se dizer que seu sistema destrói a idéia da criação. Efetivamente, antes que Deus tivesse criado uma matéria, não podia coexistir nem ser coentendido com ela, e neste caso, segundo Descartes, não havia nenhum deus, pois tirando às modificações seu fundamento, estas modificações devem desaparecer. Se Deus, segundo os cartesianos, não é outra coisa que a natureza, é claro que seguem os princípios de Spinoza; se Deus é a força motriz desta natureza, é claro que não existe por si mesmo, mas enquanto subsiste o motivo, do qual é hereditário, quer dizer a natureza de que é motor; assim Deus não existe por si mesmo, e já não existirá senão enquanto dure a natureza que move: sem matéria ou sem ter nada que mover, que conservar e que produzir, que pode ser a força motriz do universo? Se Deus é esta força motriz, que chegará a ser sem um mundo no qual possa exercer sua ação?

Vê-se que Descartes, longe de estabelecer sólidamente a existência de um deus, totalmente a destrói. O mesmo sucederá necessariamente a todos aquêles que raciocinem sobre isso; concluirão por contradizer-se e desmentir-se mutuamente. As mesmas inconseqüências e contradições se acham nos princípios do célebre padre Malebranche, os quais, considerados com a mais leve atenção parecem conduzir diretamente ao espinozismo. Com efeito, nada há mais de acôr-

do com a linguagem de Spinoza que diz: O Universo não é mais que uma emanção de Deus; tudo vemos em Deus; tudo o que vemos é puro Deus, tudo o que se faz é feito por êle; e, numa palavra, todo o ser é Deus e êle é o único ser.

Que quer isto dizer, senão que tôda a Natureza é Deus? Por outra parte Malebranche diz ao mesmo tempo que, tudo o que vemos, vemos em Deus, e que na verdade não se pode assegurar que exista matéria, nem corpos, e que apenas a fé pode ensinar-nos êstes grandes mistérios, que sem ela não poderíamos conceber. A isto se pode dizer: como se provará a existência deste deus se não estamos ainda seguros da matéria?

Malebranche diz que não se pode ter uma demonstração exata de nenhum ser, com exceção do que existe necessariamente; ao que acrescenta que, se se olha de perto, se verá que não é possível saber certamente se Deus é ou não o criador do mundo material e sensível. Segundo êste ponto de vista, Malebranche confessa que os homens não têm outra garantia da existência de Deus que a fé; logo se não estamos seguros de que existe, como estaremos do que diz?

É evidente que estas noções são inteiramente contrárias às da teologia. Como se há de conciliar a liberdade do homem com a idéia de um deus, causa motriz de tôda a Natureza, e que determina às criaturas fazerem o que não podem fazer sem êle? Como, segundo esta opinião, se há de conceber que as almas humanas têm a faculdade de formar seus pensamentos e vontades? Se supomos, como os teólogos, que a conservação das criaturas é uma criação contínua, a quem senão a Deus temos de atribuir o mal que fazem? Segundo Malebranche, Deus é o que faz tudo; logo os pecados e as virtudes das criaturas são dêle e não delas, em cujo caso tôda religião é inútil, o que prova que a teologia não faz mais que destruir-se a si mesma.

Agora vejamos se o imortal Newton nos dará idéias mais fundadas da existência de Deus. Êste homem, cujo vasto talento adivinhou a Natureza e suas leis, começou a delirar desde que as perdeu, uma e outras, de vista: escravo das preocupações que recebeu na infância, não teve valor para examinar as ilusões de que se imbuira a sua consciência, o que fez que não conhecesse que a Natureza por si só era capaz de produzir todos os fenômenos que tinha chégado a explicar. Numa palavra, o sublime Newton é meramente uma criança quando deixa a física e a evidência para me-

ter-se nas regiões da teologia; o modo como fala da divindade o prova.

“Deus — diz — governa tudo, não como a alma do mundo, mas como o soberano de tôdas as coisas. Esta soberania faz que o chamem de senhor Deus, imperador universal. Efetivamente, o nome de Deus é relativo a escravos: a deidade é sua dominação, não sôbre si mesma, como alguns crêem, mas sôbre seus escravos”.

Isto nos prova que Newton faz de seu deus, como os teólogos, um monarca, um soberano, um déspota semelhante aos que vemos sôbre a terra, e que fazem algumas vêzes sentir seu poder sôbre seus escravos de um modo nada agradável. Logo o deus de Newton é um déspota que tem o poder de ser bom ou mau segundo melhor lhe convenha; mas segundo suas idéias também, pôsto que o mundo não existiu sempre e que os escravos de seu deus tiveram um princípio é claro que antes que ambos fôssem criados, êste deus não tinha nem estados nem vassallos. Vejamos como êste grande filósofo se põe melhor de acôrdo consigo mesmo nas idéias subseqüentes que nos dá de seu déspota divino.

“O deus supremo — diz — é um ser eterno, infinito e absolutamente perfeito; mas por mais perfeito que seja, se não tivesse soberania, não seria um deus supremo... Esta palavra significa senhor; mas todo senhor não é um deus. É a soberania do deus espiritual, que o constitui senhor; a verdadeira soberania constitui o verdadeiro deus; a suprema constitui o deus supremo, e a falsa constitui o falso. É da verdadeira soberania ser deus vivente, inteligente e poderoso, e das outras perfeições o ser êle supremo e soberanamente perfeito. É eterno, infinito, sabe tudo e não pode ter princípio nem fim (*durat ab eterno; adest ab infinito in infinitum*)”. Não é nem a eternidade nem a infinidade, mas sim eterno e infinito; não é nem espaço nem duração, mas dura e está presente (*adest*). Em tôda esta rapsódia de palavras ininteligíveis não vemos mais que os assombrosos esforços que o autor fêz para conciliar os atributos teológicos com os atributos humanos dados ao monarca divino; nêles vemos uma infinidade de qualidades negativas que não convêm ao homem, dadas ao rei da Natureza, e, finalmente, um deus supremo que não pode estabelecer sua soberania sem os homens. Logo, antes que êstes existissem, de quem era Deus senhor? Além disso falta saber se Deus exerce seu poder verdadeiramente sôbre uns seres que vemos

não fazer mais que revolverem-se contra êle, e encherem seus estados de desordem; como também era preciso estar certo de que fôsse dono das almas, vontades e paixões de seus vassallos, aos quais deu a liberdade de formar cabalas pró ou contra. Se êste monarca infinito, que enche tudo com sua imensidade, não dirige as ações dos homens e não impede que o ofendam, o diabo, que é a causa de tudo isto, deve ser muito mais poderoso. Logo, sendo o verdadeiro soberano aquêle que tem a maior influência sôbre seus vassallos, é claro qual dos dois deve sê-lo. Se enche tudo, deve ter extensão; e se se acha em todos os pontos do espaço, não pode ser espiritual.

“Deus é uno — continua o autor — e é o mesmo para sempre e em tôdas as partes, não sômente por sua única virtude ou energia, mas também por sua substância”.

Mas, como um ser que age, que produz tôdas as mudanças que sofrem os seres, pode ser sempre o mesmo? Que se entende pela virtude ou energia de Deus? Estas palavras vagas apresentam acaso algumas idéias precisas ao entendimento? Que se entende pela substância divina? Se esta substância é espiritual e privada de extensão, como pode existir em alguma parte? Como pode pôr a matéria em ação? Como pode ser concebida?”

Estas as palavras poderosas de Holbach. O tempo passa e seus argumentos permanecem poderosamente em pé.

Não terminei ainda a exposição das teses que destroem a idéia de Deus em qualquer dos sentidos que a consideremos. Falarei agora de um dos pontos mais importantes: o ponto ético, aquêle que se refere à responsabilidade humana ante Deus.

A responsabilidade humana

Nós fomos criados por Deus.

Fomos consultados antes? Não. Deus perguntou-nos se desejávamos nascer? Não.

Não, porque não existíamos. Ele nos criou. De repente nos vemos no mundo, por obra e graça de Deus. Não tivemos a menor interferência nessa resolução. Se tivéssemos, talvez não viéssemos ao mundo. E se aceitássemos a vida, escolheríamos condições: com saúde, fortes, felizes, etc.

Fomos, portanto, independentemente de nossa vontade, determinados a nascer. Deus podia, bastava que o quisesse, e não nasceríamos.

Nascemos por sua exclusiva vontade, por seu exclusivo capricho, bons ou maus, conforme ele quis.

Há outra resposta a essa pergunta? Não. As outras que existem, procuram deslocar o problema para outras vidas, sem resolvê-la.

Nascemos bons ou maus. Deus nos concebeu com certo número de qualidades boas ou más.

Pois bem: somos responsáveis ou irresponsáveis?

Que responsabilidade poderemos ter ante um Deus tão formidavelmente armado? Um Deus tão poderoso, que nos cria a seu sabor e capricho?

Somos ou não dependentes de Deus? Somos, responderão todos.

Se somos dependentes, por pouco que seja, onde nossa responsabilidade? O homem que nasce bom pode praticar atos bons, é lógico. É razoável que o pratique. O homem que nasce mau, pelo mesmo motivo, pratica também atos maus.

Os crentes afirmam que somos livres em nossos atos, que nos assiste o livre-arbítrio, em escolher a prática do bem ou do mal. Pergunto:

“Deus, sendo infinitamente sábio, como o afirmam, conhece o presente, o passado e o futuro de todos os homens e de todas as coisas.

Sabe o que sucederá amanhã, comigo, com todos, etc.

Os meus atos de amanhã, de aqui há dez anos, se acaso viver, êle os conhece em todos os pormenores”.

Não é assim? Se assim não é êle deixa de ser infinitamente sábio e deixa de ser Deus. Logo é:

Deus sabe tudo isso.

Praticando eu, amanhã, um ato mau, de cujas característica e condições Deus já sabe, pergunto: “Sou livre? Acaso poderia eu escolher outro ato senão o que pratiquei?”

Deus sabia que o praticaria. Praticando-o tive verdadeira livre escolha? Podia acaso praticar outro, em vez do que praticara? Se acaso podia praticar outro diferente, Deus não o conhecia e, nesse caso, êle deixaria de ser Deus, por não ser absolutamente sábio.

Logo eu não sou livre.

Se sou livre, Deus não é perfeito, Deus não existe.

Se não sou livre, os teístas negam sua crença!

* * *

Na falta de argumentos lógicos que provem a existência de Deus, os teístas lançam mão, de maneira exagerada, de argumentos sentimentais, procurando, pela exacerbação dos sentimentos, provar a existência de Deus. Se bem observarem, verão que a técnica usada é diferente segundo a idade. Para a criança os argumentos são completamente diferentes dos usados, depois, para os adultos.

Para a criança o principal método é a mentira. A mentira disfarçada, a explicação primitivista do Universo, aproveitando-se da ignorância infantil dos fenômenos universais, que são explicados sob um aspecto maravilhoso, com a intervenção de um ser superior que sempre é invisível.

O nascimento de uma árvore, o porquê da vida, donde vimos, porque morremos, o que são os pássaros, as doenças, etc., perguntas que a criança faz naturalmente, quando entra e passa de sua fase analerótica para penetrar na fase de pleno desenvolvimento sexual, e encontra nos pais, professores, parentes, padres, uma explicação absolutamente diferente da que nos fornece a ciência.

Ora é lógico e a psicologia o estuda, que êsses processos usados e abusados, formem o caráter infantil, cheio de temores, de ignorância, propenso à crença exagerada, ao delírio religioso, catalogado na psiquiatria, ou a guardar no amargo uma exagerada propensão às crenças maravilhosas. Ingressando, depois, na vida adulta, dificilmente pode liber-

tar-se das doutrinas religiosas, doutrinas que lhe são superfluas para o cumprimento do bem, mas a que êle oferece uma reverência elegante, “snob”, porque formam um substracto moral que lhe incutiram no cérebro.

Êle não crê porque é a verdade. Êle crê porque tem fé. Seus pais pensavam assim, todos pensavam assim. De mais a mais, embora esteja convencido de que sua crença não é sólida, crê, crê, porque sente uma certa atração por ela, atração que êle não pode explicar, atração que é a consequência da educação falha, mal feita, maravilhosa, mentirosa que lhe povoou o cérebro, quando criança.

Eis porque sente uma natural repulsa a todos que combatem sua religião. Essa repulsa é fruto da educação que lhe deram. Eduquem-se as crianças leigamente. Às perguntas respondi com verdades:

— Por que chove?

Não digais:

— É papai do céu quem manda.

Dizei-lhe a verdade científica.

Se perguntar: — Por que troveja?

Não digais: — É papai do céu que está danado!

Ou: — É São Pedro quem está arrastando as malas no céu!

Mas dizei-lhe a verdade. A verdade da qual tanto falam os crentes. Quando perguntar por que nascem as plantas. Dizei a verdade, pura e simples.

— Como eu nasci?

Respondei com a verdade de acôrdo com a idade do questionante.

Mas nunca mintais dizendo veio numa cêsta, trazido por uma cegonha ou coisa que o valha. Não!

Dizei a verdade. Ensinai os filhos sem a mentira, apresentai os fenômenos com sua explicação científica e desaparecerão os medrosos que tremem ao ouvir trovões e acendem velas nas noites de tempestade.

Tereis homens de energia e saúde mental, que compreenderão muito bem o mundo e nunca vos falarão em Deus ou outro espírito fantástico, a não ser que lhes metam isso na cabeça.

Um outro argumento teísta muito usado é o seguinte:

“Se não se acreditar em Deus, o que será do mundo? Eu digo francamente; se não acreditasse em Deus, não faria o bem, porque não vejo motivo para fazê-lo”.

Assim falam os teístas.

Ou então estoutro:

“Sem a religião os homens se comeriam uns aos outros. Ninguém se entenderia, ninguém respeitaria coisa alguma”.

Vou responder a êsses argumentos tão usados.

Os teístas e tôda a outra espécie de crentes, fazem o bem, não pelo bem, mas pelo prêmio que esperam receber, nesta ou noutra vida imaginada. Egoístas, por excelência, perdoem-me a expressão, todos os seus atos esperam um *lucro*. Tôda a sua moral estriba-se no benefício do além-mundo. Deus recompensará os atos bons. E Deus tem uma escrituração perfeita, na qual não falta nenhum benefício. A expectativa de benefício para todo o ato bom que pratique, prejudica a beleza do próprio ato. Uns fazem o bem, mas querem que todos o saibam. Fazem-no ruidosamente. Pode Deus não perceber, estar dormindo. Então procuram o estardalhaço. Outros fazem no anonimato. Mas, esperam que Deus não se esqueça de recompensá-los. O bem feito à procura de um bem maior, é *comércio*, é *lucro*, é *negócio*! Nenhum crente, disso estou certo, seria capaz, para salvar um semelhante, de sacrificar a felicidade eterna. Nenhum.

Não os julgo mal. Baseio-me na sua doutrina, excessivamente egoísta, que lhes rouba a beleza dos atos altruísticos. Aquêles que não crê e pratica o bem, vale mil!

O primeiro argumento que citei acima foi empregado ante mim mesmo por um padre jesuíta. Segundo êsse “santo” homem, de quem infelizmente fui discípulo, quando criança, êle só fazia o bem pelo benefício que lhe adviria de Deus e não praticava o mal por temê-lo. Libertado de Deus, certo de que êste não existisse, seria um criminoso da pior espécie.

Vejamos o segundo argumento:

Sem a religião não haveria paz entre os homens. Êsse argumento é o mais geral. Naturalmente que, havendo religião, haverá certamente paz.

Mas tem sido assim mesmo?

Não! Absolutamente não! Em tôdas as épocas da Humanidade, enquanto existiram crenças religiosas, houve sempre guerras. Veja-se hoje o mundo: crises, guerras, opressões, revoltas etc. O homem luta contra o homem, apesar de Deus. Católicos contra católicos! Mandam benzer os canhões e os navios e, ambos rezam a seu Deus, para lhes dar a vitória.

Mas existem vencedores nas guerras de hoje?

A religião trouxe algum benefício ao bem? As penitenciárias estão cheias de homens que crêem em Deus. E por

que estão lá? A psicologia nos mostra as causas dos seus crimes. Os lugares mais crentes do mundo, apresentam um grande potencial de crimes. Poderia aduzir até estatísticas. É que o problema transcende ao aspecto que lhe querem dar.

A Religião não consegue resolver o problema humano, a crise mundial, etc. Não consegue porque leva os homens a estarem com os olhos volvidos para o outro mundo, quando devera estar absorvido pelos problemas humanos.

Há, não há dúvida, muito crente, que quando quer cometer erros, e procura uma justificativa, afirma que é materialista, não crê em Deus!

Mas êsses materialistas trazem o cheiro de incenso. Ignorantes e maus, querem esconder os seus defeitos, com uma opinião. Isso nada prova contra os materialistas, cuja imensa maioria vive uma vida cuidadosa e de amor ao próximo.

* * *

Para negar a existência de Deus, declarei haver duas maneiras: uma pelo exame do conceito de Deus, mostrando o seu absurdo e a outra pela negação pura e simples da idéia de Deus, com uma concomitante explicação racional do Universo, sem necessidade dessa noção.

É o que pretendemos fazer neste capítulo. Antes, porém, quero firmar que a burguesia defende intransigentemente a idéia de Deus, não por espírito religioso, que não tem, mas por reconhecer os benefícios de ordem social que lhe traz essa idéia quando aceita pelas massas miseráveis. Uma espécie de pragmatismo domina a sociedade. Não se crê em Deus, profundamente, convictamente. Reconhece-se a necessidade dessa idéia para impedir que os homens se tornem maus (!). Naturalmente que perdida a idéia de um paraíso onde os miseráveis de hoje, os famélicos de sempre, irão cobrir a nudez e encher a barriga, êles sabem que essa massa, numerosa e indomável, acabaria por querer criar na terra uma ordem que aniquilasse as prerrogativas e vantagens de uma minoria parasitária.

Êsse espírito temeroso em combater a idéia de religião, encontra-se até, nos próprios materialistas. Blanc, o chefe revolucionário francês, chegou a exclaimar: “O Ateísmo, eis a vossa religião”.

Quantos materialistas que empregam outros têrmos para as suas escolas filosóficas a fim de encobrir um pouco a orientação das suas idéias?

Hoje, no mundo inteiro, já se conta por milhões, o número daqueles que se libertam e declaram decididamente a descrença absoluta nas idéias religiosas.

E por que? Porque a Humanidade de hoje está mais instruída. A Humanidade de hoje olha para o passado e vê os séculos em que a Religião dominou, deixando para si essa herança de misérias e de ódios.

A Humanidade hoje, marcha para a conquista de seu bem-estar.

“A Religião é uma arma para a opressão”!

“A Religião traz os povos na obediência”!

As palavras de um papa e as palavras de um general. São expressões que manifestam claramente o verdadeiro sentido da religião.

* * *

Ora, vejamos: Antes de mais nada devo frisar que o que hoje se conhece não se conhecia antigamente. Maravilhosos fenômenos, antigamente, não tinham explicação racional nem científica. Eram tachados, se bons e aproveitáveis, de obras de Deus ou de seus bem-aventurados santos; se maus o demônio assumia a paternidade. A ciência veio e explicou-os.

Os grandes inventos, do rádio, da radiotelefonía, da radiofotografia, da radiovisão, que nos permite ver, na China, o que se passa nos Estados Unidos, no mesmo instante, a radiodireção, que permite dirigir os aparelhos aviatórios, no ar, com a dispensa de piloto, a radioemissão, que transmite ondas caloríficas, ondas de frio, ondas de luz para qualquer região do Globo, iluminando à distância, etc. Todos êsses inventos, como a formidável lâmpada foto-elétrica de De Forrest, que permite a transformação da luz em sons musicais, vêm mostrar quanto a ciência pode avançar ainda. A lâmpada de De Forrest tem dado lugar à criação dos maravilhosos “robots”, homens mecânicos, que falam, executam ordens, etc.

Se disso tudo, acaso se falasse a uma pessoa, dos tempos passados esta diria que só Deus ou o diabo poderiam realizar tais prodígios.

Quanto ao homem não acreditaria. Pois bem a ciência possui outros grandes inventos. Ela tem ultimamente aperfeiçoado tudo, e criado a possibilidade de novas descobertas decisivas. Os fenômenos psíquicos graças ao trabalho de Pavloff, Vogt e Betchereff, possuem hoje uma explicação

decisiva ante a ciência. A descoberta dos três reflexos incondicionados, o da fome, o do desejo sexual e o do medo, a descoberta dos reflexos condicionados, as grandes experiências feitas com cérebros de pessoas célebres ou notáveis, após a morte, a localização das qualidades mentais nos glóbulos cerebrais, tudo isso vem criar um mundo novo, uma concepção nova do Universo.

Pavloff fez maravilhosas experiências com animais superiores e com homens. Tôdas coroadas de pleno êxito. Em seu maravilhoso trabalho: “O mecanismo do cérebro”, em que o ilustre sábio estudou as ondas nervosas dos pensamentos, determinando as suas frequências, etc., localizando-as, interpretando-as, trouxe uma luz nova ao mundo. Por que as grandes descobertas da ciência, tôdas, só vêm favorecer as idéias materialistas e fazer recuar, cada vez mais, a opinião espiritualista e se vê forçada a recuar, também, a idéia da alma?

E Freud com a sua psicanálise derruiu tudo isso de uma vez para sempre. A análise da psique humana vai explicar cientificamente o mecanismo dos sonhos, que os espiritualistas julgavam um fenômeno exclusivamente animico. Interpretou-os, analisou, à luz meridiana, as causas, as idéias, os desejos, os motivos que os determinaram; explicou o porquê dos sonhos proféticos, dos pesadelos, etc. Explicou as neuroses, a histeria, as doenças puramente nervosas, etc., com a sua divisão da psique humana, perfeitamente comprovada, do inconsciente, do Ego e do Superego, explicou os fenômenos de manifestações admiráveis da inteligência e por que pessoas ignorantes, durante os ataques de histerismo manifestam notáveis conhecimentos. Enquanto Pavloff, com Betchereff e Vogt, na Rússia e na Alemanha descobriram todo o mecanismo nervoso dos centros cerebrais e estudavam friamente a formação dos pensamentos, das idéias e das representações, Freud, na Áustria e na França, aperfeiçoava o seu método de análise que tantos e tão formidáveis fenômenos explicou e que tantos ainda vai explicar. Hoje todos os fenômenos de telepsiquismo estão perfeitamente explicados ante a ciência. Os fenômenos incluídos na escala do freudismo já têm sua explicação racional e técnica. Os chamados fenômenos luminosos, magnetóides, magnéticos por influência, são perfeitamente explicados pela Física, pela Electricidade natural dos centros nervosos, podendo realizar-se em laboratórios todos êsses simplicíssimos fenômenos. Os fenômenos de telequinese, de movimento de mesas, pancadas,

corpos, etc., o fluido nervoso, puramente material, e o sub-consciente explicam, sem necessidade de seres imateriais.

Análises químicas, bacteriológicas, aparições ectoplásmicas, etc., a ciência as explica, quando feitas sem fraudes.

Enquanto as idéias religiosas pregam a separação da alma e do corpo e a concomitante subordinação dêste àquela, a ciência destrói essa crença.

Não vou tocar aqui na célebre discussão entre o livre-arbitrio e o determinismo. Mas com as luzes da ciência e algumas objeções mostrarei quão absurda é a idéia da alma.

A alma, concebem os crentes, como um ser imaterial, um espírito, que é a causa da vida do corpo e a sede do pensamento. A ciência diz não!

Se os cientistas que temem dizê-lo abertamente, não importa. A ciência diz não!

A alma não depende do corpo e sim o corpo da alma, dizem os crentes.

A ciência mostra fatos que provam que a psique do homem depende da matéria, dessa matéria que tanto horripila os crentes. Uma dose de agárico ingerido pelo indivíduo torna-o colérico.

Os americanos empregam escopolamia para obter confissão dos criminosos; algumas miligramas fazem a alma falar a verdade.

Sonda-se o inconsciente da alma com um sono hipnótico, provocado por clorofórmio, morfina, cannabis e preparados barbitúricos.

O crime muitas vezes consequência de um transtorno emocional, é explicado pela endocrinologia, pela secreção das glândulas. Os fatos confirmam. Uma dose de determinada composição e a alma fica ao sabor da vontade do medicamento. É inaceitável o espírito, imaterial, dependente da matéria. A única conclusão que resta é negá-lo.

O livre-arbitrio não se sustenta mais. Os espiritistas sentindo que o terreno lhes fugia criaram a dependência do espírito para o corpo, afirmando em sua linguagem que "a máquina não sendo boa o espírito não se manifesta bem". Não resta dúvida o espírito depende da "máquina"?!

Pois então basta-nos a "máquina" que com ela compreendemos melhor as coisas. Uma higiene preventiva amanhã, bem organizada, intensiva, libertará a humanidade de muitos de seus males, educando as "máquinas", perfeitamente bem, dando-lhes a regularidade de suas funções, corrigindo-as dos seus males e defeitos, oferecendo mais vida e mais saúde.

Para os crentes, o descrente é um ignorante, um vaidoso, um cego, muito embora seja um Freud, um Pavloff, um Betchereff, etc.

São ignorantes porque não afirmam que as suas crenças, místicas primitivas, selvagens, sejam uma verdade incontrastável. Vaidosos porque explicam os fenômenos, não pela bitola da ignorância e da credulidade, mas pela observação, pela análise, pela experiência cuidadosa, prudente. As religiões mudam-se, transformam-se. Do conceito de alma no tempo de Cristo, até o conceito de alma de hoje, já houve mais de vinte opiniões diferentes. Centenas de religiões dizem-se milagrosas e verdadeiras. Todas têm a verdade. Todas ou quase todas foram reveladas por Deus. Todas ou quase todas conseguem comunicar-se com os antepassados; umas de maneira mais democrática, outras por intermédio de seus pagés.

Nesse caos de idéias religiosas, a ciência deveria abandonar a sua orientação realista do estudo da verdade e dos fatos e adaptar-se a todas as religiões pois considerando-se todas verdadeiras, a ciência deveria estar com todas para não sofrer a pecha de vaidosa, de pretensiosa, de ignorante, que tanto lhe atiram os crentes.

Isso seria escandalosamente ridículo!

TEÍSTA — Esta é a ilusão de todos os ateus; que a ciência seja suficiente para afirmar que Deus não existe. Mas a ciência são os cientistas. E entre esses vemos crentes e não crentes. Vemos teístas e ateus. Depois é um belo preconceito julgarmos que a ciência já tenha realizado algo de definitivo. Se tanto se fundamentam os ateus no mutável, no transitório por que se fundamentam na ciência que também é mutável e transitória? Ninguém nos poderá afirmar ser impossível que venha uma era que nos mostre quão ingênua, quão infantil, quão frágil tem sido a ciência de nossos dias. Todas as suas leis poderão ser amanhã derruídas.

E outros homens poderão vir com novas descobertas e novos aparelhos que comprovam que tudo quanto até aqui foi considerado perfeito, certo, absoluto, seja apenas uma aproximação remota da verdade e que as leis foram apenas aproximações grosseiras da ordem que rege o universo.

E então todas essas explicações e argumentos servirão de motivos de ridículo. Ademais a inteligência do homem não é o supremo que no universo possa aparecer. É muito orgulhosamente humana essa crença. Admito que muitos teístas cometeram esse erro de querer fun-

damentar a idéia de Deus em argumentos racionais. Mas esse mesmo erro cometem os ateus em querer negar a existência ou a essência de Deus com os mesmos argumentos...

ATEU — Isto prova a meu favor. Se somos tão imperfeitos, e se tudo o que você diz está certo, poderei acrescentar que essa idéia de Deus é ainda uma ingenuidade e ninguém nos poderá dizer que não venham amanhã outros homens que nos mostrem que essa idéia foi simplesmente um grande erro do homem, um erro heróico em certo aspecto, mas um erro em consequência de não terem sabido nem podido explicar as leis que regem o seu mundo. Nesse caso a ciência de amanhã viria ainda a meu favor não no seu, pois se o homem puder compreender e explicar o universo, em todos os seus pormenores, a idéia de Deus estaria refutada por si mesma, porque para mim Deus é apenas o desconhecido e o produto desse desconhecimento.

E nesse caso o homem seria então Deus. Não pode deixar você de reconhecer que os teístas são culpados das idéias ingênuas de Deus, em face da fraqueza de nossos conhecimentos. E se a nossa ciência é frágil para destruí-lo a razão não é suficientemente forte para afirmá-lo ou prová-lo. Se separamos Deus do mundo não explicamos a criação do mundo. Se admitimos que Deus é mundo não precisamos da idéia de Deus. O progresso da ciência em nada virá favorecer a crença de Deus, mas destruí-la ainda mais. Porque não há saída: ou Deus é diferente, absolutamente diferente do mundo ou é da mesma substância. Se é diferente da criação, está negado pelo próprio mundo. Se igual, está negado por não ser necessário. Não há saída em suma.

TEÍSTA — Todos os argumentos da existência de Deus podem ser menosprezados pelos ateus. Você me apresentou os mais variados argumentos. Pois quero, agora, expor o meu último ponto de vista. Por que cai a pedra quando a soltamos da altura? Por que?

ATEU — Pela lei da gravidade.

TEÍSTA — Muito bem. Por que o sol atrai a terra e a arrasta através da sua peregrinação pelos espaços e por que a terra não se choca aos outros astros, embora os atraia para si e seja atraída por eles?

ATEU — São leis da atração e repulsão dos corpos... Até ai, nada de novo!

TEÍSTA — Muito bem. Vamos adiante. Por que cresce uma planta? Por que uma semente colocada em terreno favorável cresce e transforma-se num arbusto ou numa árvore? Que rege isso tudo?

ATEU — Leis naturais, meu amigo. Leis naturais. Até ai nada de novo que vá além dos princípios que a ciência oferece.

TEÍSTA — Muito bem. Tudo no mundo regido por leis implacáveis, definitivas.

ATEU — Mas também mudam, porque nós não as conhecemos em absoluto. Einstein, por exemplo...

TEÍSTA — Isso mesmo. Elas mudam, evoluem e poderão ter outro enunciado e parecerão absolutas. Mas na verdade, você as acha absolutas. Não acha? Você acredita que as leis possam sofrer modificações? Não! Como materialista não pode, do contrário você aceitaría o milagre, o que lhe é absurdo. Não é?

ATEU — Até ai estou com você.

TEÍSTA — Por que esta casa não cai sobre nós?

ATEU — Porque obedece a certas leis de mecânica na sua construção...

TEÍSTA — O que sustenta uma ponte?

ATEU — As mesmas leis.

TEÍSTA — Pois, meu amigo. Isso é Deus para mim. Deus é esse conjunto de leis que regem os fenômenos do mundo. Através delas posso perceber algo de Deus, através das suas manifestações. Nada vive ao acaso, mas em ordem.

ATEU — Mas esse é mais ou menos o sedico argumento dos crentes: é a prova da ordem reinante no mundo.

TEÍSTA — Mas pode negar essa ordem.

ATEU — Não posso. Mas nem por isso ela afirma Deus. Ela afirma que existe uma certa ordem no mundo que traduzimos em leis.

TEÍSTA — Pois, para mim, isso é Deus. Ele manifesta-se nessa ordem. Quem sustenta a casa: a ordem! Quem faz o corpo cair: a ordem! Em tudo, uma ordem!! São essas leis que me mostram Deus. Sinto essas leis pairando acima das coisas. Ai está uma manifestação de Deus.

ATEU — Chama a isso Deus. Chamo a isso condições naturais da existência dos seres. A ordem, no mundo, é ordem porque vivemos nele. Poderia ser desordem para um ser que não habitasse entre nós e que vivesse num ambiente, num outro meio, onde tudo seguisse ao

azar. Seu argumento peca por uma petição de principio: aceita como absolutamente certa a existência da ordem.

TEÍSTA — Mas existe ou não uma ordem neste mundo?

ATEU — Existe, para nós.

TEÍSTA — Pois essa ordem no mundo é a manifestação de Deus. A desordem aparente para nós, em outro mundo como você aceitaria, seria ordem para o habitante que nêle vivesse, e, para êle seria, ainda, uma manifestação de Deus.

ATEU — Mas isso nada prova a favor de Deus. O universo tem um suceder ao qual chamamos ordem. E julgamos que se tudo se processasse desordenadamente, como por acaso, se uma semente de oliveira desse uma pereira ou uma criança ou coisa parecida, seria a negação dessa ordem. Admitamos agora que o universo fôsse de tal maneira que tudo se processasse ao acaso. Então os crentes dêsse universo provariam a existência de Deus fundamentando-se no acaso, no inesperado, no desordenado e veriam a ordem como um milagre, como uma manifestação contrária às leis da natureza. O universo, meu caro, tem uma ordem. Essa ordem é o existir do próprio universo e nada prova a favor de Deus, prova apenas que o universo possui um ritmo de suceder cujas leis mais ou menos conhecemos.

Como prova de Deus é das mais frágeis.

TEÍSTA — Não discutimos mais. Você não me convence da inexistência de Deus.

ATEU — Nem você, meu caro, de que êle exista.



Este trabalho foi composto e impresso
nas oficinas da
Gráfica e Editôra EDIGRAF Ltda.
em São Paulo
para a
Editôra e Distribuidora "Sagitário"
no mês de dezembro de 1946

